

ANDERSON DA CUNHA BAÍA

**O ESPORTE NA CONSOLIDAÇÃO E PROPAGAÇÃO DO
ESPÍRITO ESAVIANO**

Uberlândia – MG
2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B111e Baía, Anderson da Cunha, 1979-

O esporte na consolidação e propagação do Espírito Esaviano /
Anderson da Cunha Baía. - 2006.

143 f. : il.

Orientador: Humberto Aparecido de Oliveira Guido.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Inclui bibliografia.

1. 1. Ensino superior - Viçosa (MG) - Teses. 2. Esportes - Teses. I. Guido, Humberto. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.
- 2.

CDU:

378(815.12)

ANDERSON DA CUNHA BAÍA

**O ESPORTE NA CONSOLIDAÇÃO E PROPAGAÇÃO DO
ESPÍRITO ESAVIANO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Uberlândia como exigência final para a obtenção do título de Mestre em Educação na linha de pesquisa História e Historiografia da Educação, sob a orientação do Prof. Humberto Aparecido de Oliveira Guido.

Uberlândia – MG
2006

ANDERSON DA CUNHA BAÍA

**O ESPORTE NA CONSOLIDAÇÃO E PROPAGAÇÃO DO
ESPÍRITO ESAVIANO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Uberlândia como exigência final para a obtenção do título de Mestre em Educação na linha de pesquisa História e Historiografia da Educação, sob a orientação do Prof. Humberto Aparecido de Oliveira Guido.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Humberto Aparecido de oliveira Guido – UFU – Orientador

Prof. Dr. Carlos Henrique de Carvalho – UFU

Prof^a. Dr^a. Andrea Moreno - UFMG

Aos meus pais, Aderbal e Aninha,
pelo amor, carinho e confiança que
sempre depositaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido, meu orientador, pela liberdade na condução da pesquisa e pelo estímulo durante o desenvolvimento da mesma. Suas sugestões foram importantes para a realização desse trabalho.

Aos professores do Mestrado em Educação da UFU, especificamente aos docentes da linha de pesquisa História e Historiografia da Educação, pelos importantes conhecimentos transmitidos ao longo do curso. Em especial, ao professor Dr. Carlos Henrique de Carvalho, que com seu conhecimento e competência sempre se mostrou solícito a contribuir com a melhoria e desenvolvimento desse estudo.

À professora Dr^a. Andrea Moreno, orientadora da graduação na Universidade Federal de Viçosa, pelo carinho, atenção, pela disponibilidade e conhecimento que muito me proporcionou e ainda continua a proporcionar.

Aos professores Dr. Décio Gatti Júnior, Carlos Henrique de Carvalho e Andrea Moreno pelo aceite em participar da banca, oferecendo importantes contribuições para a finalização dessa dissertação.

À Universidade Federal de Viçosa por possibilitar o acesso às fontes sem as quais não conseguiria reconstruir um trecho da história da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV)

Aos amigos (as) do Mestrado da linha de pesquisa História e Historiografia da Educação – Graciane, Kellen, Rosângela, Tâmara, Renata, Suzi, Rosi, Sandro, João Carlos, Rones – com os quais convivi por 1 ano, trocando experiências e conhecimentos que foram fundamentais nessa trajetória. Em especial, agradeço ao amigo Fabrício Valentim da Silva, pela acolhida, pela amizade, pelos debates e contribuições ao longo do desenvolvimento do meu trabalho. A Todos (as), muito obrigado... foi um prazer conhecer vocês!

Aos secretários do programa de Mestrado em Educação – James e Gianni – pela atenção e pelo auxílio sempre atendidos.

Aos meus familiares – tios e tias, primos e primas, e todos os demais – pelo auxílio e pela compreensão ao longo da minha trajetória. Em especial, agradeço aos meus pais, Aderbal e Aninha, e a meu irmão, Leandro, por terem tornado tudo isso possível, pois com muito amor, confiança, esperança e sacrifício, sempre me apoiaram e se dedicaram ao máximo para que meus objetivos fossem alcançados.

À Minha namorada Elise e ao meu amigo Anderson Porfírio, que por diversas vezes se prestaram a escutar as dificuldades e avanços encontrados durante a realização da pesquisa, sempre me incentivando e aconselhando ao longo desses dois anos.

A Todos (as), muito obrigado...

Ninguém morre tão pobre que não deixa algo para trás, no mínimo ele deixa reminiscência que nem sempre encontra herdeiro.

Walter Benjamim (1993)

RESUMO

Esta dissertação está situada na área da História e Historiografia da Educação, contemplando a história das instituições de ensino, especificamente com o propósito de analisar o papel do esporte na consolidação e propagação do Espírito Esaviano na Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (ESAV), que posteriormente tornou-se Universidade Federal de Viçosa (UFV). O Espírito Esaviano e o esporte são os temas desta dissertação. O trabalho de pesquisa confirmou a existência de algumas práticas – reuniões gerais, publicação de periódicos, realização de festas e incentivo ao esporte – como forma de materializar o Espírito Esaviano na instituição – uma tradição inventada – buscando a homogeneização dos diferentes discursos e ações existentes no meio acadêmico. A realização da pesquisa serviu-se das fontes documentais – periódicos da época – Revista Seiva, Jornal O Bonde e Jornal de Viçosa; documentos históricos – livros de 1939, atas, estatuto, regulamentos da instituição; literatura da área; e fontes iconográficas. As fontes indicam que a instituição nasceu em meio a uma diversidade cultural muito grande, devido à presença de professores, alunos e funcionários de várias partes do Brasil e do exterior. Essa diversidade aponta para a existência de diferentes comportamentos, hábitos, aspirações, ações e valores. Por isso, a ESAV lançou-se na tarefa de criar um sentimento de unidade, identidade, engajamento. Ficou evidente que a intenção da instituição, de início, não era a formação de uma identidade nacional; mas uma identidade local, institucional, para que discentes, docentes e demais funcionários contribuíssem com o melhor que pudessem para engrandecer o nome da ESAV. É nesse contexto que a função do Espírito Esaviano na instituição se desenvolvia: formar as almas esavianas. Esse espírito transitava pela instituição com o objetivo de formar moralmente todos que faziam parte da Escola, propagando valores – tais como solidariedade, amor à instituição, honestidade, liderança, humildade – que se constituíam em alicerces para a formação que a Escola acreditava ser importante para o profissional que estava sendo preparado. O esporte veio contribuir para a disseminação desse espírito, entretanto nem todas as práticas esportivas estavam alinhadas com os objetivos da instituição. Encontrei três grupos de atividades físicas na instituição: Esporte Moderno, Jogos Modernos e Jogos Tradicionais, sendo que as que ocuparam lugar de destaque foram aquelas que mais aproximavam dos valores modernos almejados pela Escola, já que a mesma surge para ser símbolo de progresso no campo agrário. Nessa esteira, os esportes modernos foram os mais incentivados e praticados na instituição; seguidos pelos jogos modernos, os quais serviam para descansar os alunos do trabalho intelectual que a instituição transmitia através das disciplinas da grade curricular. Os jogos populares não encontraram o seu lugar para serem praticados, ficando por muito tempo restrito às atividades recreativas durante os feriados nacionais; também os jogos de azar foram determinantemente proibidos por regulamento, provavelmente por incitar a trapaça que não fazia parte dos valores almejados pela Escola. Contudo, no decorrer da pesquisa fica patente que o Esporte e o Espírito Esaviano não atuavam isoladamente, mas existia uma íntima relação quanto aos princípios que eram fomentados em ambos. Valores como cooperação, honestidade, liderança, defesa das cores da instituição perpassavam as discussões encontradas nas fontes, seja quando se refere ao Espírito Esaviano, seja quando se refere ao Esporte, fortalecendo as ações e aspirações dos esavianos na consolidação da instituição.

Palavras-Chave: Esporte, ESAV, Espírito Esaviano, Identidade.

ABSTRACT

This dissertation is placed in the area of the History and Historiography of the Education, it contemplates the history of the teaching institutions with the purpose of analyzing the function of the sport in the consolidation and propagation of the Esaviano Spirit in the High School of Agriculture and Veterinary (ESAV), located in Viçosa/MG, that later on became Federal University of Viçosa (UFV). The Esaviano Spirit and the sport are the themes of this dissertation. The research confirmed the existence of some practices - general meetings, publication of newspapers, accomplishment of parties and incentive to the sport - as form of materializing the Esaviano Spirit in the institution - an invented tradition - looking to homogenize the different speeches and existent actions in that academic middle. The accomplishment of the research served of documental sources - newspapers of the time - Reviewed "Seiva", Newspaper "O Bonde" and "Newspaper of Viçosa"; historical documents - books of 1939, proceedings, statute, regulations of the institution; literature of the area; and images, mainly pictures. The sources indicate that the institution was born amid a big cultural diversity, due to presence teachers, students and employees of several parts of Brazil and of the exterior. With that cultural diversity, we have different behaviors, habits, aspirations, actions, virtue. That ESAV engaged in the task of creation of a unit feeling, identity. It was evident that the intention of the institution, at the beginning, was not the formation of a national identity, but the creation of the identity place, institutional identity, so that students, teachers and other employees contributed with the best than they could to enlarge the name of ESAV. It is in that context that Esaviano Spirit function in the institution was developed: to form souls esavianas. The Esaviano Spirit diffused for the institution with the function of forming morally everybody that were part of the School, spreading virtue - such as solidarity, love to the institution, honesty, leadership, humility - that constituted in bases for the formation that the institution believed to be important for the professional that was being prepared. The sport came to contribute for the popularization of that spirit, however nor all the sporting practices were aligned with the objectives of the institution. I found 3 groups of physical activities in the institution: Modern sport, Modern Games and Traditional Games, and the ones that occupied prominence place were those that more they approached of the modern virtue longed for by the School, once the same appears to be symbol of progress in the agrarian area. Thus, the modern sports were the most motivated and practiced in the institution; proceeded by the modern games, which were used to rest the students of the intellectual work that the institution transmitted through the disciplines of the curriculum. The popular games didn't find its place for they be practiced, being for restricted a lot of time to the recreational activities during the national holidays; already the bad luck games were prohibited by regulation, probably for inciting the fraud that was not part of the virtue longed for by the School. However, in elapsing of the research it is patent that the Sport and the Esaviano Spirit didn't act separately, but existed a relationship between those two. Virtue as cooperation, honesty, leadership, defense of the colors of the institution, they were virtue that passed through the discussions found in the sources, be when they refer to Esaviano Spirit, be when they refer to the Sport, strengthening the actions and aspirations of the esavianos in the consolidation of the institution.

word-key: Sport, ESAV, Esaviano Spirit, Identity

LISTA DE FIGURAS/FONTES

	Pág
Figura 1 – Charge de D. Pedro II, nas nuvens, observando a distante realidade.	31
Figura 2 – Henrique Bernadelli retrata Deodoro no momento da Proclamação da República.	33
Figura 3 – Alojamento dos alunos	66
Figura 4 – Prédio principal “Arthur da Silva Bernardes” em construção, na década de 1920	68
Figura 5 – Partida de Basquete entre Instituto Gammon e ESAV na década de 30.	100
Figura 6 – Partida de Voleibol na ESAV na década de 30	101
Figura 7 – Treinamento da Equipe feminina de Vôlei da ESAV na década de 30.	101
Figura 8 – Equipe de Tênis da ESAV	102
Figura 9 – Equipe de futebol da ESAV	102
Figura 10 – Corrida de velocidade na ESAV na década de 30.	103
Figura 11 – Grupo de nadadores da ESAV na década de 30	103
Figura 12 – Corrida de Bicicleta na ESAV na década de 30	104
Figura 13 – Briga de Galo	104
Figura 14 – Partida de Sinuca na ESAV na década de 30	105
Figura 15 – Briga de Travesseiros na ESAV na década de 30	105
Figura 16 – Corrida do Ovo na ESAV na década de 30.	106
Figura 17 – “Tourada” na ESAV na década de 30	111
Figura 18 – Quadras de basquete	115

Figura 19 – Pista de Atletismo	115
Figura 20 – Vista parcial da quadra de Vôlei, Basquete e Pista de Atletismo	116
Figura 21 – Quadra de Tênis da ESAV na década de 30	116
Figura 22 – Campo de Futebol na década de 30, localizado ao lado do prédio principal	117
Figura 23 – Lagoa onde aconteciam as provas de natação	119
Figura 24 – Aula de Educação Física, com o instrutor Kümmel, em 1934.	124

SUMÁRIO

	Pág.
DEDICATÓRIA	
AGRADECIMENTOS	
EPÍGRAFE	
RESUMO	
SUMÁRIO	
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – A Escola Superior de Agricultura e Veterinária na Primeira República	30
1.1 Primeira República (1889-1930): Período de “caos” e “instabilidade”	30
1.2 O Cenário Educacional na Primeira República	43
1.3 A Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (1926-1948)	49
CAPÍTULO 2 – Espírito Esaviano: “Formador de Almas”	70
CAPÍTULO 3 – Esporte: “Escola de Civismo, Educação e Saúde”	92
3.1 Origem e consolidação do esporte na ESAV: entre resistências e permanências	98
3.2 A Organização Esportiva na ESAV	114
3.3 Esporte e Espírito Esaviano	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS	140

INTRODUÇÃO

Com esta pesquisa pretendo investigar o papel do esporte na consolidação e propagação do Espírito Esaviano na Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (ESAV)¹. Busco, ao mesmo tempo, compreender qual a contribuição de ambos na projeção da instituição em âmbito nacional. Mas, qual minha relação com o Espírito Esaviano e com o esporte? Por que esses dois elementos me chamaram a atenção? Tudo é fruto da minha formação acadêmica...

O interesse pelo objeto de pesquisa foi se construindo ao longo da minha trajetória de pesquisa enquanto aluno da Universidade Federal de Viçosa. No segundo ano de graduação, fui convidado a ingressar no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com o projeto intitulado: “A Educação Física no Colégio de Viçosa (1944-1980): um olhar para a história”. Começava nesse momento meu envolvimento com o campo da História.

Percebi nesse momento, como escreve Foucault apud Hunt (1992), que a História é um importante instrumento que perturba o que antes se considerava imóvel, que fragmenta o que se acreditava unificado, que demonstra a heterogeneidade daquilo que se imaginava coerente em si mesmo, que não há verdade absoluta na história, os resultados são construções que devem se aproximar do real, mas que são provisórias, versões da história, são temporais. Tempo, que como lembra Benjamim (1993), é fundamental para se contar a história, porque

¹ A Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) surgiu em 1926 permaneceu com esta denominação até 1948, quando passou a ser chamada de Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG). Em 1969 a UREMG se federalizou, passando a ser Universidade Federal de Viçosa (UFV), como é denominada atualmente.

contar histórias sempre foi a “arte de contá-las de novo”, e quando paramos de contá-las estas se perdem e são esquecidas no tempo.

Pude perceber, como diz Carr apud Goellner (1992), que os fatos não vêm as nossas mãos sem uma investigação, sem uma busca pelas fontes nos locais onde há maiores possibilidades de encontrá-las:

[...] os fatos não se assemelham aos peixes expostos na banca do comerciante. Assemelham-se aos peixes que nadam no oceano imenso e muitas vezes inacessíveis; o que o historiador apanhará depende em parte do acaso, mas sobretudo da região do oceano que tiver escolhido para a sua pesca e da isca de que se serve. Estes três fatores são, evidentemente, determinados pelo tipo de peixes que se propõe apanhar. Em geral, o historiador obterá o tipo de fatos que deseja encontrar.

A busca incessante das fontes nos arquivos da 33ª Superintendência Regional de Ensino de Ponte Nova/MG, no próprio Colégio de Viçosa e nas fontes orais, despertou-me uma sedução pela historiografia que foi fundamental para a conclusão do estudo. Finalizada a pesquisa, não imaginava mais minha atuação na pesquisa fora da área da História da Educação Física.

Já envolvido pelo campo historiográfico, iniciei uma segunda pesquisa na Educação Física, denominada: “O Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa – a história e as histórias”. Essa investigação trouxe dificuldades já apontadas pela historiografia que não foi encontrada no primeiro estudo. Estava investigando um departamento em pleno funcionamento e que a maioria dos atores da história que estava sendo reescrita ainda pertencia a esta comunidade, com vínculo funcional.

No caso específico desta pesquisa, visto minha identidade com o fenômeno estudado, foi necessário estabelecer uma vigilância constante, pois, de certa forma, "eu mesmo" fazia parte da observação, como afirma Minayo (1994, p.14):

A pesquisa nessa área [ciências humanas e sociais] lida com seres humanos que, por razões culturais, de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, tornando-os solidariamente imbricados e comprometidos, como lembra Lévi-Strauss (1975): 'Numa ciência, onde o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador, ele mesmo, é uma parte de sua observação'.

Portanto, eu, como pesquisador, também era acadêmico deste departamento; tendo que trabalhar o estranhamento, o distanciamento como forma de deformar o mínimo possível o resultado encontrado.

Fruto desse estudo tive o contato com um *locus* que foi o marco inicial para que chegasse ao estudo do objeto presente nessa dissertação: trata-se do Arquivo Central e Histórico (ACH) da UFV. Nele, encontrei fontes que me aguçaram ainda mais a vontade de analisar e compreender acontecimentos, fatos, indivíduos que constituíram a ESAV. Em particular, me deparei com uma Revista, intitulada “Seiva”, que não foi fonte dessa pesquisa, mas foi o ponto de partida para a terceira pesquisa de Iniciação Científica.

Já em meados de 2003 iniciava uma terceira investigação, a qual buscava analisar “a vida esportiva na Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (1926-1948)”. Nessa nova incursão no ACH da UFV, tive contato, além da Revista “Seiva”, com o Jornal “O Bonde”, os quais me deram indícios, traços, vestígios que permitiram a reconstrução de uma versão da vida esportiva esaviana.

Contudo, o contato com esses dois periódicos na última pesquisa enquanto discente, me levou a perceber dois fatos importantes: 1) a força que o esporte adquiria dentro da instituição, sendo institucionalizado como obrigatório e muito incentivado pela direção da Escola; 2) O teor ufanista que a concepção de “Espírito Esaviano” adquire nas páginas dos periódicos e nos livros históricos do período. Tais fatos me instigaram algumas questões no momento: como surgiram? como se propagaram? como se enraizaram? e quais as contribuições deles na consolidação da instituição no momento?. Comecei, também, a pensar

na existência de uma relação entre Espírito Esaviano e Esporte e em que contribuíram na projeção nacional e internacional que a instituição conseguiu nesse momento histórico.

Com o projeto inicial de mestrado, centrado no Espírito Esaviano e no esporte, ingressei no mestrado em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. As disciplinas que cursei me mostraram uma série de autores do campo histórico e educacional que contribuíram muito para que pudesse perceber melhor a relação do meu objeto com a sociedade. Nessa caminhada, orientador, professores do programa de mestrado, professores de outras instituições e os colegas que participavam das disciplinas da linha de pesquisa História e Historiografia da Educação foram fundamentais para que escolhesse de forma mais criteriosa as teorias que seriam o “óculos” necessário para fazer as fontes falarem.

Para construir essa pesquisa, assim como as que desenvolvi enquanto graduando na UFV, segui os traços da história cultural. Essa área de estudo ganha maior vulto quando, motivados por uma “abertura” do campo conceitual de diferentes áreas, os pesquisadores viram possibilidades de estudar a sociedade não só pelas relações econômicas e de classe (“macro”) que a engendravam, mas também através de relações do espaço “micro”.

Esse movimento começa a desenhar uma nova forma de olhar o contexto social, fixando-se nos sujeitos, em seus rituais, nas suas tradições, nas suas instituições. Essa nova maneira de olhar a história – na tentativa de melhor entendê-la e construir possíveis explicações — trouxe consigo a valorização acentuada de alguns aspectos subjetivos, daquilo que permeia as relações sociais, isto é, os desejos, as intenções, os gostos, as preferências, os sonhos e a imaginação como possibilidades de se concretizarem como fontes quando confrontadas com as linhas da macro história. A nova tendência da historiografia permite a refutação dos determinismos, das explicações meramente economicistas, dando lugar ao

“sensível”² (MORENO, 2001). Passa a ser importante não só o que foi dito e feito, mas também o que foi desejado e reprimido.

Na esteira da história cultural, temos um incremento de estudos não só sobre a instituição escolar como um todo, mas especificamente sobre a cultura escolar. Percebe-se que esse espaço, porque vivido por pessoas e suas relações (com o outro, com o poder, com a arquitetura, com o saber, etc), é privilegiado para entendermos a sociedade. Como parte dela, produz e reproduz a trama social mais ampla. Chartier (1990, p.16-17) nos mostra que “a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler”.

Portando, para compreender o Espírito Esaviano e o esporte como partes importantes da ESAV, me ancorei na Cultura Escolar como categoria de análise. Vidal (2005) vem mostrando que existem vários autores tratando de cultura escolar no campo da história educacional; por isso, me baseio em três autores fundamentais que discutem sobre esse assunto: Antonio Viñao Frago, Dominique Juliá e Luciano Mendes de Faria Filho. Para Dominique Juliá (2001, p.10-11), a cultura escolar é:

um conjunto de normas que definem conhecimentos e ensinamentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização)

Nesse sentido, cultura escolar é um conjunto de normas que definem conhecimentos e condutas a inculcar e as práticas que permitem a transmissão e incorporação desses comportamentos. Para Viñao Frago (1995, p.68-69), cultura escolar tem um sentido mais amplo, entretanto, as duas definições não se excluem, mas se complementam.

² Confira o desenvolvimento desse tema principalmente nos três primeiros capítulos.

incluye prácticas e conductas, modos de vida, hábitos y ritos – la historia cotidiana Del hacer escolar – objetos materiales – función, uso, distribución en el espacio, materialidad física, simbología, introducción, transformación...-, y modos de pensar, así como significados e ideas compartidas. Alguém dirá: todo. Y si, es cierto, la cultura escolar es toda la vida escolar: hechos e ideas, mentes e cuerpos, objetos e conductas, modos de pensar, decir y hacer. Lo que sucede es que en este conjunto hay algunos aspectos que son elementos organizadores que la conforman y definen. De entre ellos elijo dos los que he dedicado alguna atención en los últimos años: el espacio e el tiempo escolares. Otros no menos importantes, como las prácticas discursivas y lingüísticas o las tecnologías y modos de comunicación empleados, son ahora dejados a un lado. Estas tres dimensiones o aspectos – el espacio, el tiempo y el lenguaje o modos de comunicación – afectan al ser humano de lleno, en su misma conciencia interior, en todos sus pensamientos e y actividades, de modo individual, grupal y como especie en relación con la naturaleza de la que forma parte. Conforman su mente y sus acciones. Conforman y son conformados, a su vez, por las instituciones educativas. De ahí si importancia.

Cultura escolar, no sentido de Viñao Frago passa a ser tudo que ocorre no âmbito escolar, fato que remete para um alargamento das possibilidades de pesquisa no campo da cultura escolar. Portanto, para Faria Filho (2002), essa ampliação no entendimento de cultura escolar representada no conceito de Viñao Frago vai permitir novas abordagens de pesquisa, articulando o tempo mais longo e a dimensão macro dos processos de escolarização com os tempos curtos e a dimensão micro das práticas escolares.

Logicamente não tenho a pretensão de estudar toda cultura escolar esaviana, mas o Espírito Esaviano e esporte, buscando compreender suas contribuições para o fortalecimento da instituição; a qual foi pensada e construída na segunda década do século XX, numa pequena cidade mineira – Viçosa - com o intuito de ser um ícone no campo da ciência agrária no Brasil.

Para isso, Arthur da Silva Bernardes³, contratou o professor norte americano Peter Henry Rolfs, com a função de fundar, organizar e dirigir a nova Escola. Com profundo conhecimento no campo agrário nos Estados Unidos, Rolfs teve a tarefa de implantar na ESAV um modelo agrícola moderno, sustentado pelos métodos científicos pragmáticos dos

³ Arthur da Silva Bernardes, então, o Presidente de Minas Gerais, cargo que equivale hoje ao de Governador de Estado.

*Land Grant Colleges*⁴ norte-americanos, os quais proporcionariam um grande progresso para a agricultura local, regional e nacional.

Pensando na excelência do ensino que deveria caracterizar o funcionamento desta instituição, a Escola foi povoada em seu início por professores de diferentes partes do mundo e do Brasil⁵; além de funcionários e alunos que vieram de diferentes partes do país, além daqueles residentes no município de Viçosa. Podemos pensar nesse ambiente, como propõe Ginzburg (1998), a existência de uma *circularidade cultural* que permitiu a introdução e apropriação de novos costumes, valores, hábitos, atitudes, comportamentos e também novas práticas, dentre elas, as esportivas.

Com intuito de consolidar essa instituição que estava nascendo, portadora de uma grande diversidade cultural, sentiu-se a necessidade de criar um sentimento de pertencimento à instituição, uma identidade – não nacional, mas local, para que todos pudessem contribuir dando o melhor de si para o progresso da instituição, fazendo-a reconhecida nacionalmente e internacionalmente. Baseado em Carvalho (1998), percebi que a construção de uma identidade coletiva é fundamental para se construir uma comunidade política, sendo desta forma, o cimento necessário para que as pessoas lutem em prol de um objetivo comum.

Nesse contexto surge o *Espírito Esaviano*, uma *tradição inventada* (HOBSBAWM, 1997)⁶ como forma de homogeneizar os discursos e ações de alunos, professores e funcionários; de modo que todos lutassem em prol do mesmo objetivo – era necessário “formar a alma” do esaviano⁷. Lançada a empreitada de formar esse espírito, várias práticas vão surgir ou ser incentivadas no sentido de materializá-lo, tais como: apoio às

⁴ Sobre os Land Grant Colleges, confira em BAÍA (2005b).

⁵ Ver mais sobre esse tema em Baía et al (2005a).

⁶ Hobsbawn (1997, p.09) entende tradição inventada como sendo “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado”.

⁷ As fontes vão assinalar a tentativa de divulgar uma *representação* (CHARTIER, 1990) do papel na sociedade e na instituição do que deveria ser um esaviano – seja funcionário, professor ou aluno, buscando evitar possíveis “desvios” de ações.

reuniões gerais, publicação de periódicos – Revista Seiva e Jornal O Bonde, oferecimento de várias festas e o incentivo ao esporte.

O esporte foi uma prática importante de divulgação da moral propagada pelo espírito esaviano. Institucionalizado como obrigatório na ESAV, o esporte buscava cumprir o papel de divulgador dos valores morais esperados pela instituição. Entretanto, o movimento de institucionalização do esporte traz questões interessantes, como a exclusão de algumas práticas corporais que não se alinhavam com o modelo de instituição que a Escola queria formar, assim como o incentivo das práticas corporais ligadas à modernidade, à formação do novo homem que o momento histórico e social da instituição almejava.

Compreendendo a importância do esporte e do Espírito Esaviano na constituição da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa, no período de 1926 a 1948⁸, tenho como objetivo geral: Investigar o papel do esporte na consolidação e propagação do Espírito Esaviano.

Como objetivos específicos, busco: 1) Analisar a inserção da ESAV na sociedade educacional do momento; 2) Compreender o surgimento do Espírito Esaviano e sua função na instituição; 3) Compreender a institucionalização e desinstitucionalização de práticas esportivas na ESAV; 4) Compreender a função do esporte na instituição; 5) Analisar a relação entre Espírito Esaviano e esporte; 6) compreender a importância do esporte na materialização do Espírito Esaviano; 7) Compreender o Espírito Esaviano como dispositivo fundamental na consolidação da ESAV.

Para dar conta de contemplar os objetivos propostos, me ancorarei em responder algumas perguntas, a saber: 1) O que vem a ser Espírito Esaviano e como foi propagado na

⁸ É importante ressaltar que o período analisado inicia-se em 1926 porque é o momento que a instituição é inaugurada, e termina em 1948 por se fazer o momento que a instituição muda de denominação, passando de ESAV (Escola Superior de Agricultura e Veterinária) para UREMG (Universidade Rural do Estado de Minas Gerais). Entretanto, utilizo fontes que ultrapassam o período analisado por considerar que o Espírito Esaviano não se extinguiu com a mudança do nome da instituição.

ESAV? 2) Como e quais práticas esportivas foram autorizadas e como e quais práticas esportivas foram desinstitucionalizadas? 3) Qual a função do esporte dentro da instituição? 5) Como se dava a relação entre Espírito Esaviano e esporte? 4) Qual a contribuição do Esporte na consolidação e propagação do Espírito Esaviano? 5) Como o esporte e Espírito Esaviano atuaram na consolidação da ESAV?

Portanto, nessa dissertação o caminho percorrido foi sempre tateante, pois em pesquisas históricas queremos compreender e não comprovar. Sendo assim, não trabalhei com normas já construídas a priori, ao contrário, elaborei princípios, refleti sobre eles, ratifiquei caminhos, abandonei vias, percorri outras consideradas mais privilegiadas. Assim, a idéia de devir, no sentido de que qualquer conhecimento é construído e aproximado, caminha lado a lado nos procedimentos aqui desenvolvidos. Significa dizer que o fenômeno estudado, e os "resultados" obtidos, refletem um tempo e um contexto - presente e específico - mas, obviamente marcado pelo passado e projetado para o futuro. Justamente por isso, revestido de provisoriidade, de dinamismo, de movimento: *histórico*, enfim (MINAYO, 1994).

Para dar conta desta empreitada apoiei-me em um método, num rigor, entendido aqui não como obediência a determinados parâmetros, mas como uma lógica que orientou a construção do conhecimento, como um caminho científico. Encontrei esse suporte no paradigma indiciário de Ginzburg (1999), que assemelha a tarefa do historiador à do investigador Sherlock Holmes, que descobre o autor do crime baseado em indícios imperceptíveis aos olhos da maioria.

Trata-se de um método interpretativo, centrado nos resíduos, nos dados "marginais", que busca o subliminar, o que está além do que foi dito, não compreendendo o mundo como uma cópia do real. Apresenta um rigor, que para Ginzburg (1999, p.179), nas ciências humanas, não deve aprisionar a capacidade interpretativa do historiador: "Ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática, regras

pré-existentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição”.

Para Pesavento (2005, p.65) esse método tem uma relação com o método da montagem de Benjamim, que compreende a função do historiador como a de quem monta um quebra cabeça, compreendendo as relações entre as diferentes peças encontradas. Para a autora, “Montar, combinar, compor, cruzar, revelar o detalhe, dar relevância ao secundário, eis o segredo de um método do qual a História se vale, para atingir os sentidos partilhados pelos homens de um outro tempo”.

Para se valer dos indícios, dos vestígios como forma de descobrir fatos e acontecimentos na história, é necessária uma ampla base de conhecimentos para facilitar as inter-relações entre o que é encontrado, como nos mostra Pesavento (2005, p.66): “Se há um capital próprio à formação do historiador é justamente este: ter um volume de conhecimentos disponíveis para serem aplicados e usados, dando margem a uma maior possibilidade de conexões e inter-relações”.

No mais, é necessária uma descrição densa dos fatos, aprofundando na análise, explorando suas possibilidades interpretativas, fazendo-as falar. Para Pesavento (2005, p.67) “O documento se converte em prova de argumentação do historiador e é a partir de tais provas que se encaminha a demonstração explicativa da História, dando a ver o como foi do acontecido”. Nesse sentido Lopes (1996) afirma que as fontes, independentes de sua natureza, variedade e valor, são apenas uma espécie de matéria prima a ser utilizada pelo historiador, sendo, portanto, uma condição necessária mas não suficiente.

Esses parâmetros da pesquisa histórica, encontrados no paradigma indiciário descrito por Ginzburg (1999) me auxiliaram na compreensão das fontes, as quais se dividem em dois grupos: 1) Fontes documentais e 2) Fontes Iconográficas.

As fontes documentais são: Revista “Seiva”, Jornal “O Bonde”, Jornal “Cidade de Viçosa”, livros históricos, folhetins, discursos, livro de atas e regimentos.

1 – A Revista Seiva

Esse periódico inaugurou-se em Agosto de 1940, com publicações trimestrais. Perdurou até Agosto de 1985⁹, quando a instituição já atendia por Universidade Federal de Viçosa. Encontra-se compactado em forma de livro no Arquivo Central e Histórico da UFV, sobre a qual trabalhei com os exemplares que compreendiam o período analisado. Nesse momento, mostrava-se um importante meio de divulgação dos estudantes, sendo coordenado pelos alunos e tendo como redatores, alunos e professores da instituição.

Averiguando o “corpo” de matéria da revista, pode-se perceber que nos anos 40 a revista mantinha um perfil eclético, encontrando sessões variadas que tratam dos mais diversos temas, tais como: estudos, literatura, sociais, parte esportiva, fotos dos formandos, anúncios sobre dia do Soldado, dia do Estudante, dia do Calouro, Semana do Fazendeiro, entre outras notícias.

Com o passar do tempo, mais especificamente nos anos 50, há uma modificação do perfil da revista, a qual passa a oferecer mais artigos “científicos”, relegando a segundo plano (em número de anúncios) as divulgação de notas, comentários, notícias, datas comemorativas etc. Nesse processo de “cientificização” das matérias da revista, em meados da década de 50, chega-se a excluir a sessão esportiva¹⁰.

Essa trajetória de mudança quanto ao conteúdo da revista, que vinha se dando de forma gradual, concretiza-se nos anos 70, apresentando em seus exemplares somente artigos científicos escritos por professores. Tudo isso nos leva a crer que a revista vai se

⁹ Estas revistas encontram-se disponíveis para pesquisa no arquivo central e histórico da Universidade Federal de Viçosa.

¹⁰ Em 1953 foi encontrado o penúltimo exemplar contendo a sessão esportiva. De 1953 até 1958 não existiu exemplar com a parte esportiva, sendo em 1958 o último anúncio sobre a prática esportiva, na já UREMG.

“formalizando” no transcorrer das décadas, atingindo os padrões da racionalidade científica que a modernidade já assinalava desde o início da construção da instituição.

1.2 – Jornal O Bonde

Esse periódico iniciou suas atividades em Setembro de 1945, com publicações semanais. Trabalhei com os exemplares que tratavam do período esaviano, os quais se encontram no Arquivo Central e Histórico da UFV compactados em forma de livro.

Todas as edições traziam em na sua página inicial o objetivo pelo qual foi fundado: “Órgão Informativo, Cultural, Crítico, Humorístico dos Alunos da ESAV”. Assim como a Revista “Seiva”, trata-se de um órgão dirigido pelos alunos esavianos. Sua publicação era semanal, pela imprensa universitária¹¹ e distribuído aos sábados, para os alunos assinantes.

Tal periódico caracterizava-se como mais “informal” que a revista “Seiva”, apresentando-se com uma menor organização das suas páginas, sem presença de artigos científicos. Era constituído por textos humorísticos, confeccionados – na sua quase totalidade – pelos alunos esavianos. Esses textos tinham como inspiração a prática esportiva, as aulas, as idas ao centro de Viçosa (já que moravam na própria instituição), as cartas de namoradas recebidas e que chegavam às mãos dos colegas de quarto, etc.

A crítica fazia parte das folhas do “Bonde”, especificamente na parte esportiva, denunciando os jogadores “mascarados”, sem garra, as derrotas nas competições municipais, etc. Atacavam também problemas encontrados na instituição, tais como problemas no refeitório, nos alojamentos, com os professores, entre outros.

A parte cultural também estava presente nas páginas do periódico, sendo veículo de circulação de existência de bailes, de eleição de rainha dos esavianos, de festas que aconteciam em feriados. Além de divulgar, era o local onde se disseminavam fatos

¹¹ A imprensa universitária localizava-se no edifício Arthur Bernardes – prédio principal da instituição, no campus da atual UFV.

interessantes que aconteciam em cada evento. Tratava-se de um local onde qualquer esaviano poderia expressar suas indignações, suas frustrações, seus agradecimentos.

Cabe ressaltar que esse periódico passou por momentos difíceis ao longo de sua trajetória, dificultando sua impressão, que vão desde a falta de recursos por número reduzido de assinantes, até a censura do periódico por criticar fatos da ESAV. Esta censura consistiu no boicote da impressão dos periódicos pela imprensa da ESAV, onde os diretores do jornal, sem perderem tempo, passaram a publicar tais exemplares numa gráfica do centro de Viçosa, não deixando morrer os objetivos que fizeram com que tal periódico nascesse.

Desta forma, percebemos nas páginas dos dois periódicos – Revista “Seiva” e Jornal “O Bonde” - a importância dos textos que trazem, mostrando uma visão discente sobre o cotidiano da vida esaviana, incluindo a prática esportiva nesta Escola.

1.3 Jornal “Cidade de Viçosa”

Apreciei também um outro periódico - Jornal Cidade de Viçosa - publicado semanalmente, que compreendeu o período de 1923 a 1928. Esse periódico estava em poder do viçosense Antônio de Oliveira Mello.

Editado pelos cidadãos viçosenses, sem vínculo direto com a ESAV, nos revela como aconteciam as práticas esportivas e educativas num período anterior à criação da ESAV. Foi fundamental esse periódico para que compreendesse a influência estrangeira na disseminação de práticas – especificamente as esportivas - na instituição.

Esses três periódicos me permitem retratar o Espírito Esaviano, a vida esportiva e educacional da ESAV, sendo que os dois primeiros retratam a opinião discente, dando voz a um grupo que nem sempre tem a sua versão registrada. Também estou utilizando outras fontes escritas, tais como: livros históricos, folhetins, discursos, livro de atas, regimentos, portarias, entre outros que veiculem versões “oficiais”.

2 – Fontes Iconográficas

Trabalhei, especificamente, com fotografias. As pesquisas na iniciação científica me possibilitaram colher uma série de fotografias relacionadas ao objeto que venho pesquisando nessa dissertação. Tais fotos estão compactadas em forma de CD, com aproximadamente 150 unidades, permitindo-me um olhar que indica traços importantes da vida educacional e esportiva. Além desse arquivo pessoal, existe uma série de outras fotografias no Arquivo Central e Histórico da UFV que estão sendo organizadas por graduandos dos cursos de História e Comunicação Social, tornando mais fácil o acesso e reconhecimento de certos momentos e de fatos históricos.

Essas fontes foram tratadas através de princípios do método proposto por Ginzburg (1999), analisadas, como em toda pesquisa histórica, ao longo de todo processo de pesquisa, através de constantes cruzamentos e sínteses, realizadas através de: mergulho nos dados coletados através das fontes, procurando dali determinar indícios importantes para compreender o objeto; cotejo com a literatura, buscando compreender a inserção do objeto num contexto mais amplo; e, cruzamento de fontes, suscitando um diálogo entre fontes documentais, iconográfica e literatura da área; permitindo compreender a relação entre Espírito Esaviano e esporte, além de sua importância na constituição do nome esaviano nacionalmente.

Contudo, essa dissertação é um convite à compreensão da ação do Espírito Esaviano e do esporte na Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa como contribuintes na formação do aluno, refletindo na consolidação da instituição. Desta forma, a dissertação está dividida em três capítulos, a saber:

Capítulo 1 – A Escola Superior de Agricultura e Veterinária na Primeira República, subdivide-se em três partes a saber: 1.1 Primeira República (1889-1930): Período de caos e instabilidade; 1.2 O Cenário Educacional na Primeira República; e, 1.3 A Escola

Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (1926-1948). No sub-item 1.1, busco retratar a Primeira República como um período de caos e instabilidade em todos os setores, seja social, cultural, político, econômico e educacional. Para fazer essa análise, baseei-me em autores¹² da época, que viveram esse período e escreveram sobre os acontecimentos da época, dando voz as pessoas que estavam vivendo o momento. Desta forma, ancorei, principalmente, nos seguintes autores: Alberto Torres, José Veríssimo, Carneiro Leão, Pontes de Miranda, Tristão de Athayde, José Antônio Nogueira e Ronaldo Carvalho. Busquei mostrar que nesse contexto caótico e instável, surgiu uma onda de pensamentos que vislumbrava a criação de uma identidade nacional como forma de unir a população em prol do desenvolvimento do país, regenerando a população dos males sociais, almejando o progresso da nação no âmbito mundial.

No sub-item 1.2 relato o tipo de educação que estava sendo pensada no momento histórico. Em meio a uma sociedade caótica e instável que caracterizou a Primeira República em todos os setores, não poderíamos pensar num panorama diferente para a educação. Nesse momento, as influências políticas e econômicas incentivaram a ampliação da educação a nível nacional. Entretanto não havia uma política educacional definida, o que levou o campo educacional a viver momentos de avanços e retrocessos. Muitos intelectuais vão pensar a educação ideal para o brasileiro, mas pouco foi absorvido pelos políticos que capitaneavam a execução nesse campo, sendo que várias reformas foram realizadas, mas com pequenas

¹² Tais autores eram pessoas instruídas, geralmente formadas e que ocuparam cargos educacionais, portanto, cientes das situações políticas, econômicas, educacionais e culturais do país. Como exemplo temos José Veríssimo - jornalista, professor, educador, crítico e historiador literário, nasceu em 1857, e faleceu em 1916; Carneiro Leão - educador, professor, administrador e ensaísta, nasceu em 1887, e faleceu em 1966; Francisco Cavalcanti Pontes de Miranda - nasceu 1892 e morreu em 1979, formado em Bacharel em Direito, foi advogado e publicista; Alceu Amoroso Lima - adotou o pseudônimo de *Tristão de Ataíde*, nasceu em 1893 e morreu em 1983, foi um crítico literário, professor, pensador, escritor e líder católico brasileiro.

alterações no campo educacional. Nesse contexto, Carneiro Leão vai propor uma educação voltada para o povo, educação prática que se confrontava com a educação livresca oferecida.

No terceiro sub-item, almejei inserir a ESAV no contexto mais amplo da educação nacional, mostrando que a educação teórico-prática pregada pelo diretor – Peter Henry Rolfs – estava alinhada com o contexto educacional da época. No mais, temos a instituição surgindo como símbolo da modernidade, alicerçada em técnicas modernas de agricultura, pregando o progresso do país, a partir do cultivo da enormidade de terras inutilizadas existentes no país nesse momento. Desta forma, contextualizei o nascimento de uma instituição agrícola – ESAV – inserida num esforço republicano de fortalecer o país pelo viés educacional.

É a partir do **Capítulo 2 – Espírito Esaviano: “Formador de Almas”** que passo a utilizar-me de fontes primárias que vão me responder os objetivos traçados. No último sub-item do capítulo anterior já busco nas fontes primárias do Arquivo central e Histórico da UFV fatos e acontecimentos que me permitem inserir a ESAV num contexto mais amplo; entretanto, é a partir desse capítulo que fica mais evidente a importância do Espírito Esaviano enquanto importante dispositivo construído pela instituição. Nesse capítulo tratei de compreender o que veio a ser Espírito Esaviano, como ele tomou forma na instituição sendo propagado dentre os diferentes funcionários e alunos, assim como algumas dificuldades sentidas na assimilação desse espírito. Não me propus compreender a apropriação desse espírito pela comunidade esaviana, entretanto, algumas resistências encontradas no decorrer da pesquisa foram colocadas em evidência, como forma de mostrar que tal espírito não foi um discurso homogêneo nessa comunidade.

O **Capítulo 3 – Esporte: “Escola de Civismo, Educação e Saúde”** subdivide-se em três partes: 3.1 Origem e consolidação do esporte na ESAV: entre resistências e permanências; 3.2 A Organização Esportiva na ESAV; 3.3 Esporte e Espírito Esaviano. Na primeira parte busco mostrar a origem e consolidação das diferentes práticas esportivas na

instituição, assim como os processos de institucionalização e desinstitucionalização das práticas.

Na segunda parte, abordei a estrutura que foi pensada para que o esporte pudesse se projetar na instituição. Quando falo em estrutura, refiro-me à estrutura física e aos sujeitos que fizeram parte da constituição do campo esportivo na instituição.

Na terceira parte indiquei a existência de uma relação entre Espírito Esaviano e esporte, mostrando que os valores disseminados no Espírito Esaviano também estavam presentes na prática esportiva. Nas considerações finais busquei mostrar que essa relação entre Espírito Esaviano e esporte foi fundamental para que a instituição se projetasse nacionalmente no campo agrário.

CAPÍTULO 1 – A ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA NA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1930)

1.1 - PRIMEIRA REPÚBLICA: PERÍODO DE “CAOS” E “INSTABILIDADE”

O período imperial foi marcado por uma onda de estabilidade¹³, que se constituiu a base para o desenvolvimento que se iniciara com a vinda da família real em 1808¹⁴. Havia neste período uma demarcação precisa dos papéis sociais de cada classe, que ditadas pelo poder autoritário e centralizador do Imperador, conformava as diferentes classes a aceitarem seus destinos.

Mesmo com toda esta marcha para o progresso, observada já no início da vinda da família real para o Brasil, Basbaum (1976) afirma que foram as duas últimas décadas da monarquia que se constituíram o ápice do desenvolvimento do período monárquico. É nesse momento que há uma tomada de consciência de que liberais poderiam colocar em prática suas idéias, as quais seriam os pontos centrais para o progresso do país. O movimento abolicionista

¹³ Esta estabilidade foi adquirida pelo poder centralizador e autoritário do governo imperial. Houve várias resistências nesse período, caracterizadas por confrontos contra o poder centralizador do império. Basbaum (1976) vai assinalar que a revolução de Pernambuco em 1848 encerra-se o ciclo de motins, levantes e rebeliões, iniciando um período de paz e prosperidade.

¹⁴ Até 1808, temos a proibição de comercialização com outros países, exceto Portugal; temos o fechamento das manufaturas em 5 de janeiro de 1785 – fatos que impediram o desenvolvimento brasileiro. Com a vinda da família real, tornou-se necessário modernizar, civilizar o país; logicamente, resultado do movimento que já vinha se concretizando na Europa. Fruto desse pensamento, como nos mostra Basbaum (1976, p.103), temos o nascimento do Canal do Mangue; do Passeio Público; do Jardim Botânico; das Escolas de Cirurgia, Militar, Naval e Belas Artes; do Museu; do Banco do Brasil e do Tribunal do Comércio. Contudo, é a partir de 1850 que temos o maior avanço do desenvolvimento, gerado pela expansão assustadora das plantações de café; e pelo fim tráfico negreiro (1850), que levou a um grande acúmulo de capital que deveria ser aplicado em outro ramo econômico para o progresso do país. Desse contexto, Basbaum (1976, p.103) mostra que “Foi o tempo do código comercial, do telegrafo elétrico, do calçamento, dos esgotos, da iluminação a gás, de um Banco do Brasil mais sólido que o do Brasil Reino e do Primeiro Reinado. Durante esse período, segundo Taunay, fundaram-se 62 empresas industriais, 14 bancos, 3 caixas econômicas, 20 companhias de navegação a vapor, 23 de seguros, 4 de colonização, 8 de minérios, 3 de transportes, 2 de gás e finalmente 8 de estradas de ferro”. Iniciam-se os primeiros movimentos migratórios, Mauá lança suas primeiras indústrias e as primeiras estradas de ferro começam a trafegar. A produção de café continua em crescimento a passos largos, e a indústria inicia seu processo de fortalecimento, buscando seu espaço no mercado econômico do país.

que iniciara no Brasil, em meados do século XIX, constituído pela proibição do tráfico negreiro (1850), vai ganhando força, com a lei do Ventre Livre (1871), do Sexagenário (1885), culminando com a Lei Áurea (1888), que deu fim, oficialmente, ao trabalho escravo, gerando uma série de descontentamentos por parte dos senhores de escravos e dos grandes fazendeiros que necessitavam de mão-de-obra escrava, para gerar lucro¹⁵ através de negociações e trabalhar na lavoura.

Feita a abolição, de uma assentada, foi profundo o desencantamento das classes conservadoras, e a nobreza da terra, o maior sustentáculo do cetro, ou lhe voltou as costas indiferentemente, ou começou a lhe dar combate sem tréguas. Com a adesão do exército, inabilmente maltratado pelos últimos ministérios imperiais, o partido republicano, sem derramar sangue, extinguiu em poucas horas, na surpresa de uma parada repentina, a dinastia dos Braganças na América. (CARVALHO, 1981, p.36)

O descontentamento com a abolição levou a união das classes conservadoras com a nobreza da terra, aliando-se também aos militares que já não estava se entendendo com o regime imperial; culminando com a queda do império e a Proclamação da República.



Figura 1: Charge¹⁶ de D. Pedro II, nas nuvens, observando a distante realidade.
Fonte: Schwarcz, 1999, p.422.

¹⁵ Refiro-me à venda de escravos, que se fazia rentável naquele momento.

¹⁶ A Charge se faz um importante instrumento para compreendermos as ações históricas, porque nos revela um outro olhar sobre os fatos, já que na maior parte referia-se ironicamente aos problemas sociais, constituindo-se uma forma de resistência ao que estava imposto.

As caricaturas vão mostrar que o povo¹⁷ brasileiro estava insatisfeito com D. Pedro II¹⁸ na década final do império, já que há algum tempo não se importava com os mesmos, fazendo-se alheio à realidade brasileira: vivia no “mundo da lua”. Desta forma, sua queda foi se dando gradativamente, através da penetração de princípios liberais que vieram formando uma sociedade mais livre, mais engajada na livre iniciativa comercial; liberdade incompatível com a forma de governo que fazia a monarquia – altamente centralizadora e autoritária.

No que se refere aos princípios ordenadores da ordem social e política, o liberalismo já havia sido implantado pelo regime imperial em quase toda sua extensão. A Lei de Terras de 1850 liberara a propriedade rural na medida em que regulara seu registro e promovera sua venda como mecanismo de levantamento de recursos para a importação de mão-de-obra. A Lei de Sociedades Anônimas de 1882 liberara o capital, eliminando restrições à incorporação de empresas. A abolição da escravidão liberara o trabalho. A liberdade de manifestação de pensamento, de reunião, de profissão, a garantia da propriedade, tudo isso era parte da Constituição de 1824. (CARVALHO, 1991, p.43)

Esta onda de princípios liberais veio minar a organização social que Leão (1981) observa no período imperial. Para o autor, havia no período imperial uma determinada organização social, uma diferenciação de classes definidas, que se constituía; de um lado, de proprietários da terra, detentores das posições; do outro, o mundo dos escravos, que não tinham direito algum e com o dever de trabalhar para o desenvolvimento da fortuna dos seus donos; e entre as duas, encontravam-se os libertos e os protegidos pelo governo. Foi esta organização social que possibilitou um período de estabilidade, permitindo que império fosse

¹⁷ O povo, apesar de não participar das decisões políticas, estava insatisfeito com as ações (ou falta de ações) do imperador. Na expressão de José Murilo de Carvalho, em seu livro “Os bestializados”, o povo não se caracterizava como um bestializado, mas como um bilontra.

¹⁸ Cabe ressaltar que D. Pedro II já pensava na abolição da escravidão muito antes dela acontecer, mas temia a reação dos proprietários de terras que lucravam com o trabalho escravo e com a consequência social já que a sociedade não estava preparada para recebê-los. Para Schwarcz (1999), viver no “mundo da lua” é a caracterização da sua postura frente às reuniões (bocejando, dormindo na cadeira, etc), suas leituras que não tinham relação com a realidade brasileira, fazendo-se alheio aos problemas sociais que borbulhavam naquele momento.

invadido por uma onda de desenvolvimento, fruto dos avanços da modernidade que assolavam o mundo no momento.

Esta organização do período imperial pregada por Carneiro Leão, não estava mais presente nos anos finais do império. O descontentamento com a velha forma de governo causava indignação em grande parte da população, principalmente nas elites que estavam insatisfeitas com as ações implementadas contra a tradicional relação de trabalho – escravidão. A solução encontrada foi a Proclamação da República.

A Proclamação da República foi um ato planejado nos gabinetes militares¹⁹. O povo, excluído das decisões políticas, nem faziam idéia do movimento que iria acontecer naquele dia 15 de novembro de 1889²⁰. Tudo se concretizou entre os militares, chegando ao povo através de jornais e boatos que correram nos dias que se seguiram à proclamação.

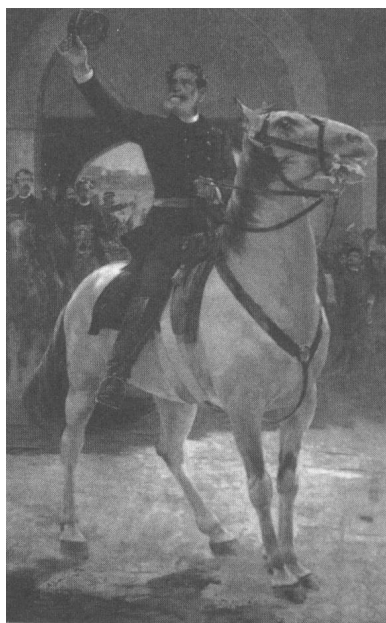


Figura 2: Henrique Bernadelli retrata Deodoro no momento da Proclamação da República.
Fonte: Schwarcz, 1999, p.458.

¹⁹ Além dos militares, haviam alguns intelectuais envolvidos no movimento, mas tratava-se de uma parcela minoritária que não tinham condições de tomar o poder.

²⁰ Cabe esclarecer que o ato de 15 de novembro de 1889 não foi uma surpresa apenas para o povo que não participava das decisões do país naquele momento. Vários brasileiros, pensadores e divulgadores dos pensamentos republicanos, engajados em partidos republicanos, ficaram pasmados com a notícia posterior que a República tinha sido proclamada. Em Minas Gerais, por exemplo, havia republicanos, que enquanto andava pelo território mineiro difundindo os ideais republicanos, recebeu a notícia que havia mudado o regime de governo. Foi uma novidade para a maior parte da população brasileira, principalmente para a população afastada da capital carioca.

Essa imagem nos permite compreender a Proclamação da República como uma ação isolada, realizada por um representante da classe militar. Tratava-se de uma ação elitista, sem participação popular, sobre a qual Carvalho (1998) vai citar Arthur de Azevedo que escreveu no Jornal “O Paíz” de 17/11/1902, que ao voltar da Proclamação da República, às duas da manhã, estando tudo calmo, encontrou com quatro garis varrendo a rua, cantando, e pensou: “Esses homens não sabiam, talvez, que naquele dia houvera uma revolução”.

Apesar de ter sido uma ação de poucos, a República foi bem recebida pela população excluída já que foi entendida como uma nova organização política que poderia permitir maior participação da classe, até o momento, banida das decisões: “embora proclamado sem a iniciativa popular, o novo regime despertaria entre os excluídos do sistema anterior certo entusiasmo quanto às novas possibilidades de participação” (CARVALHO, 1991, p.12). Possibilidades estas que o autor se refere mostrando o nascimento de organizações das classes excluídas – intelectuais da classe média, artesão qualificados, etc - no sentido de lançar propostas socialistas que buscavam ultrapassar os limites do liberalismo e do positivismo que reinavam neste momento. Para as classes excluídas, era o momento de democratizar a República.

Para Carvalho (1991), sem uma visão ideológica definida, o final do império e início da República foi marcado por grande trânsito de idéias, na maior parte delas importadas – liberalismo, positivismo, socialismo, anarquismo. Tratava-se de idéias que não foram bem absorvidas, causando uma grande confusão ideológica nos anos iniciais da República:

A República não produziu correntes ideológicas próprias ou novas visões estéticas. Mas, por um momento, houve um abrir de janelas, por onde circulavam mais livremente idéias que antes se continham no recatado mundo imperial. Criou-se um ambiente que Evaristo de Moraes chamou com felicidade de porre ideológico, e que poderíamos também chamar, sob a inspiração de Sérgio Porto, de maxixe do republicano doido. Nesse porre, ou nesse maxixe, misturavam-se, sem muita preocupação lógica ou substantiva, várias vertentes do pensamento europeu. Algumas delas já tinham sido

incorporadas durante o império, como o liberalismo e o positivismo; outras foram impulsionadas, como o socialismo; outras ainda foram somente então importadas, como o anarquismo. (CARVALHO, 1991, p.24)

Mesmo com tantas correntes ideológicas nos anos iniciais da República, Carone (1976) entende que as oligarquias e o coronelismo vão ser responsáveis pela base estrutural da organização social, política e econômica da Primeira República, permitindo o predomínio das classes agrárias – oriundas do império, e posteriormente da burguesia, que surge, em parte, da primeira. Entretanto, mesmo com esta base estrutural formada na Primeira República, vamos ter um período de grande efervescência²¹ em todos os setores; seja político, econômico, cultural, social e educacional.

Na esfera política, observa-se que os governantes não estavam interessados em administrar o país visando os interesses do povo. Miranda (1981) vai contestar a falta de justiça, de honestidade, o poder despótico, rapinante, medíocre, cômico, transitório e incolor que se pairava nos governantes. Escritores, artistas e músicos vão retratar nas suas obras a insatisfação do povo frente à falta de honestidade que estava imersa os políticos brasileiros:

Você tem palacete reluzente, tem jóias e criados à vontade...de, sem ter nenhuma herança nem parente, só anda de automóvel na cidade...de. E o povo já pergunta com maldade: “Onde está a honestidade? Onde está a honestidade?” E o povo já pergunta com maldade: “Onde está a honestidade? Onde está a honestidade?”. O seu dinheiro nasce de repente, e embora não se saiba se é verdade...de, você acha nas ruas diariamente anéis, dinheiro e até felicidade...de. E o povo já pergunta com maldade: “Onde está a honestidade? Onde está a honestidade?” E o povo já pergunta com maldade: “Onde está a honestidade? Onde está a honestidade?” [...]²²

Miranda (1981, p.04) vai dizer que no Império, era no soberano, mais do que nos partidos, que se apoiavam os políticos; na República, quem vai ditar as normas é o presidente da República e os presidentes de Estados: “Imperava-se o mandonismo de vinte pequenos chefes, sob a regência do maior deles, promovido em conciliábulo”. O autor entende que a

²¹ Não devemos compreender esta instabilidade somente pelo viés negativo, como algo que veio minar o progresso que vinha se concretizando no período imperial. Por outro lado, toda esta desorganização que caracterizará a Primeira República é fruto de lutas que permitiram novas relações, novos comportamentos, ações e atitudes. Começa-se a ter uma nova concepção sobre o que seria viver a modernidade, muda-se a concepção de corpo, afrouxa-se os costumes, permitindo novas práticas corporais, assim como novos praticantes.

²² Música de Noel Rosa: “Onde está a honestidade”.

República nem se compara à vida tribal, porque nesta há a seleção da guerra, da caça e da pesca, e na República só tem intriga e conchavos; não é como o feudalismo porque nesse havia a escola do brio e da dignidade, o arrojo do cavaleiro e o amor dos grandes atos, e na República havia apenas o poder despótico, que na falta das transições hereditárias ou parentais, se mantinham no poder através de substituições e acordos.

Desta forma, a Primeira República foi marcada pelo movimento Tenentista²³, instituído como forma de combater quem contestava o que estava instituído, constituindo-se em semelhante caráter repressor que se fazia presente na Monarquia. Temos a política do café-com-leite, que se materializava na manipulação política de alguns Estados para a manutenção do poder. O voto passou a ser um problema muito questionado, sobre o qual, vários intelectuais vão contestar o “voto de cabresto”²⁴, lutando pela instituição do voto secreto como forma de combater, pela ação dos alfabetizados, os desmandes cometidos pelos políticos nacionais e estaduais.

No campo cultural, percebemos uma ebulição das idéias. Vários intelectuais insatisfeitos com a República começam a lançar críticas, propondo soluções para o que deveria ser a República dos seus sonhos. Vários artistas começam a romper com o tradicional, culminando com a instituição da Semana da Arte Moderna em 1922. Athayde (1981, p.51) afirma que o Brasil se formou às avessas – “Tivera Coroa antes de ter Povo. Tivera parlamentarismo antes de ter eleições. Tivera escolas superiores antes de ter alfabetismo. Tivera bancos antes de ter economias. Tivera salões antes de ter educação popular. Tivera artista antes de ter arte [...]”. Com o início da República, o Brasil começa a se ‘endireitar’; entretanto, esse novo rumo mostrado por Tristão de Athayde vai ser perseguido durante toda a Primeira República sem resultados significativamente concretos.

²³ Sobre Tenentismo, ver Carone (1975).

²⁴ Ver Leal (1986).

Temos também o movimento imigratório, que trouxe, juntamente com as pessoas de diferentes países, novos hábitos, valores e comportamentos que influenciariam parte da população brasileira. Podemos ressaltar, ainda, a influência estrangeira – especialmente a francesa, na definição das vestimentas e dos costumes que começaram a influenciar a população já em meados do século XIX, e se perpetuou durante a Primeira República, já que estava relacionada à modernidade, ao civilizado – o ideal de nação que se queria alcançar.

No âmbito social, a escravidão e a grande leva de imigrantes, unidos às diferentes raças já existentes no país desde o período imperial, eram compreendidas como um grande problema para o desenvolvimento da nação. O brasileiro influenciado pelas diferentes raças, foi visto por José Veríssimo, em seu livro “A Educação Nacional”, da seguinte forma:

Mole pelo clima, mole pela raça, mole por esta precocidade das funções genésicas, mole pela falta de todo trabalho, de qualquer atividade, o sangue pobre, o caráter nulo ou irritadiço e, por isso, mesmo inconseqüente, os sentimentos deflorados e pervertidos, amimado, indisciplinado, mal criado em todo o rigor da palavra – eis como de regra começa o jovem brasileiro a vida. (VERÍSSIMO, 1985, p.69)

Era necessário regenerar o caráter²⁵ do brasileiro dos males causados pela escravidão, pela imigração. Sabe-se que a abolição da escravidão foi um ato imperial sem um planejamento anterior de absorção dos libertos, causando uma série de problemas sociais, culturais, econômicos. Escravos que sempre viveram trabalhando para seus patrões, viram-se, ao amanhecer, livres, sem saber para onde ir, sem emprego, despejados em meio a uma população em ritmo acelerado de modernidade²⁶, levando-os a se adaptarem àquela realidade para sobreviverem.

²⁵ É importante compreender que a definição do caráter brasileiro, exposta por Veríssimo (1985), está em consonância com o pensamento da época; entretanto devemos relativizar hoje como era compreendido o brasileiro naquela época. Carvalho (1991) nos mostra que o brasileiro da época não assistia todos os problemas públicos bestializados, mas utilizava-se de instrumentos para resistir ao que estava sendo imposto: era mais um bilontra que um bestializado.

²⁶ É importante relativizar esse “ritmo acelerado” da modernidade, pois tenho ciência que não aconteceu dessa forma nos diferentes Estados brasileiro, sendo mais marcante nas grandes cidades, tal como Rio de Janeiro.

Há, nesse momento, um elevado êxodo rural, onde os libertos vão procurar melhores condições de vida, o que congestiona as cidades que não estavam preparadas para recebê-los, aumentando a criminalidade, as moradias em locais impróprios, havendo um crescimento desorganizado nas zonas urbanas. Aluisio de Azevedo, em “O cortiço” vem relatando a criação de moradias precárias que abrigavam pessoas simples que não encontravam melhores condições de moradia numa cidade que estava passando por um inchaço populacional muito grande.

Na esfera econômica, a República foi marcada, em seu início, por uma grande crise gerada pela especulação financeira que assolou o país pela emissão de papel moeda, como conseqüência da libertação dos escravos, da falta de emprego. A população, esperançosa com o novo regime, encontrou-se sem emprego²⁷, sem dinheiro. Começou a proliferar os jogos de azar, onde as pessoas passaram a investir na “sorte” de ganhar dinheiro sem grandes esforços. Tratava-se de uma sociedade mergulhada em uma grande instabilidade financeira, de altos juros, que dificultava a possibilidade de se viver com conforto pela grande parte da sociedade.

Nesse mesmo contexto, encontramos a passagem gradual do modelo agrário-exportador para o urbano-industrial. Temos dois fatores chaves que influenciaram, diretamente, esta mudança no eixo econômico do país: de um lado, temos a libertação dos escravos, fazendo com que o trabalho que antes era executado pela mão-de-obra escrava, portanto gratuita, passasse a ser executado pela mão-de-obra assalariada, diminuindo, desta forma, os lucros dos proprietários rurais, diminuindo o trabalho no campo, conseqüentemente aumentando o êxodo rural, já que não havia lugar para tantos assalariados no campo. De outro lado, temos a entrada no país de um ideal modernizador, capitaneado pela instalação de fábricas, e pelo crescimento do número de comércios nas cidades que começaram a incorporar

²⁷ É importante ressaltar que, mesmo com o crescimento da estrutura comercial, o que gerou uma maior empregabilidade, temos o êxodo rural e a imigração, que se fazia maior do que a oferta de emprego, gerando uma grande leva de desempregados.

a mão-de-obra assalariada que havia deixado o campo. Entretanto, ainda é um movimento incipiente, que não consegue absorver a mão-de-obra disponível naquele momento, gerando um ambiente de miséria para muitos libertos e imigrantes que aqui vieram em busca de melhores condições de vida.

Salles (1986) compreende que nesse momento de transição do trabalho escravo para o trabalho livre, há uma re-elaboração da noção de trabalho. O ato produtivo, que era destinado exclusivamente aos escravos, sendo, portanto, visto como aviltante e degradante; passa a ser visto – quando executado por trabalhadores livres – como representante do progresso, da civilização. Inicia-se uma onda de culto ao trabalho, como forma de enobrecer o homem, de produzir sua própria riqueza e de contribuir para o desenvolvimento do país.

Como conseqüência dessa alteração do modelo econômico, temos a necessidade de formar e cultivar um “novo” homem. O homem valorizado nesse momento passa a ser aquele homem racional, que detém as condições necessárias – física, técnica, moral e intelectual – de sobressair nos trabalhos industriais e mercantis que estavam surgindo. O homem público²⁸, que destinava seu tempo ao trabalho burocrático não era mais tão valorizado, pois era visto como um indivíduo que freava o progresso do país por não ser tão objetivo e racional nas suas ações. Nesse momento a esfera educacional vai se tornar essencial na formação intelectual e moral desse novo homem.

Visto as dificuldades encontradas em cada esfera da vida do povo brasileiro nas primeiras três décadas do século XX, podemos compreender que o quadro geral em que se encontrava a Primeira República é de inquietação em todos os setores. A estabilidade que havia no período imperial, devido a organização social, que permitiu um forte

²⁸ Nesse sentido, a literatura de Lima Barreto, através de sua obra “Triste fim de Policarpo Quaresma”, vai mostrar um funcionário público – Policarpo Quaresma – que decepcionado com o serviço público, se lança no cultivo da agricultura, compreendendo que era a forma mais certa de contribuir com o progresso do país; entretanto, a realidade o mostra que o progresso do país estava mais longe do que pensava, pois ao comprar um sítio observou que as dificuldades de se trabalhar com a agricultura era tão grande – transporte insuficiente, altos impostos, técnicas precárias, perseguição política – que fizeram com que desistisse de seu sonho.

desenvolvimento no país, não estava mais presente. A Proclamação da República permitia, até certo ponto, uma liberdade para o povo brasileiro. Fato que possibilitou o trânsito de aspirações e ações que até o momento não eram sentidas.

Esta inquietação, agitação, efervescência, encontrada na Primeira República foi compreendida pelos intelectuais da época como sendo fruto da falta de um sentimento que unisse as pessoas em prol de um ideal: era preciso colocar o país no eixo do desenvolvimento, do progresso da civilização; fato que seria alcançado quando cessasse esta atmosfera de ebulição²⁹ em que o país estava imerso.

Com tantas dificuldades de se viver nos anos iniciais da República, o povo começou a se frustrar com as expectativas criadas na mudança do regime, já que começaram a perceber que não se tratava da República de seus sonhos:

Se a mudança de regime político despertava em vários setores da população a expectativa de expansão dos direitos políticos, de redefinição de seu papel na sociedade política, razões ideológicas e as próprias condições sociais do país fizeram com que as expectativas se orientassem em direções distintas e afinal se frustrassem. (CARVALHO, 1991, p.64)

Neste momento, sentia-se a necessidade de republicanizar a República. A República que se instalou em 1889 não foi a forma de governo sonhada pelas pessoas que não estavam no poder, constituindo-se num período de grande corrupção e descontentamento com as decisões tomadas pelos republicanos no governo.

Costuma-se dizer que o Brasil não tem ainda uma alma coletiva (...) Se entendermos por alma coletiva, não uma resultante da unidade de raça nem tampouco a fixação multissecular e quase irredutível de caracteres hereditários, mas certa comunhão de sentimentos, de idéias, de crenças e de interesses, não podemos negar que o nosso país não possua ao menos os dados imediatos para a formação dessa realidade psicológica donde resulta a existência de uma verdadeira nacionalidade. (NOGUEIRA, 1981, p.78)

²⁹ É importante compreender que esta onda de efervescência apresenta situações negativas – corrupção política, libertação dos escravos sem um plano social para acolhê-los, entre outros; e pontos positivos – semana da arte moderna; liberdade que permitiu o afrouxamento de regras e condutas possibilitando novas relações corporais; discussão e difusão da educação, mesmo que de forma desordenada e excludente.

Vários intelectuais vão assinalar a falta do caráter nacional como o grande problema brasileiro, que leva à falta de organização e à estagnação, quando não a retrocessos, na esfera política, econômica, social e cultural. Nogueira (1981) entende que deve haver uma união dos esforços em prol do país, deixando de lado os interesses pessoais e lutar para o progresso da nação. Torres (1982) caminha em sentido semelhante, no que se refere a caráter nacional, já que acredita que esse caráter é elementar para um povo jovem que “jamais chegará à idade da vida dinâmica, sem fazer-se ‘nação’, isto é, sem formar a base estática, o arcabouço anatômico, o corpo estrutura, da sociedade política” (TORRES, 1982, p.43). Leão (1981), no mesmo sentido, afirma que o Brasil precisa de um espírito novo, em que os interesses e posições pessoais sejam secundários aos nacionais, em que os vícios reinantes na administração dos políticos possam ser imersos em um processo regenerador. Assim, como Carneiro Leão, Nogueira (1981) acredita que o nacionalismo se alastrará quando os políticos que ocupam o poder forem regenerados do caos de corrupção e desorganização em que estão imersos; quando prevalecer o espírito de comunhão e não de individualismo. Precisa-se partir do exemplo dos governantes para que o espírito nacionalista se difunda para as diferentes camadas sociais:

Assim, a nosso ver, o fenômeno nacional surge para um povo e para uma raça como o sol para as regiões montanhosas. Doura primeiro os píncaros mais arrojados, para depois ir gradualmente iluminando as quebradas, os vales e os abismos, chegará por certo um momento em que a luz, caindo do alto, dissipará as mais espessas cerrações e inundará os mais sombrios recessos. (NOGUEIRA, 1981, p.70)

No início da República inexistia o sentimento de identidade que levava as pessoas a defenderem sua Pátria, buscarem seu desenvolvimento. Existiam alguns sentimentos que fazem parte da identidade nacional, como a unidade da língua, religião e política; mas faltava o sentimento de pertencimento a uma nação. Carvalho (1998) ao analisar duas vertentes republicanas – antiga, adotada pelos jacobinos, na qual os cidadãos aceitariam a liberdade pública em troca da liberdade individual; e a moderna, adotada pelos Estados Unidos, na qual

os cidadãos deveriam renunciar em boa parte à influência sobre negócios públicos em favor da liberdade individual – compreende que “talvez fosse necessária a existência anterior do sentimento de comunidade, de identidade coletiva, que antigamente podia ser o de pertencer a uma cidade e que modernamente é o de pertencer a uma nação” CARVALHO (1998, p.32). Para o autor, o sentimento de identidade seria o cimento comum aos dois modelos. Cimento que isoladamente não seria suficiente para fundar uma comunidade política, mas fazia-se fundamental para consolidar qualquer uma das duas ideologias políticas escolhidas; pois sem esta identidade nacional qualquer modelo se desintegraria.

Como a Proclamação da República foi realizada no Brasil pela elite, sem o conhecimento e apoio do povo, era necessário incutir no imaginário social da população brasileira a idéia de identidade nacional, e nesse momento a construção de símbolos para a disseminação da ideologia era fundamental, já que a maioria da população era analfabeta:

A manipulação do imaginário social é particularmente importante em momentos de mudança política e social, em momentos de redefinição de identidades coletivas (...). Não basta mostrar a verdade, é necessário fazer com que o povo a ame, é necessário apoderar-se da imaginação do povo. Para a Revolução, educação pública significava acima de tudo isto: formar as almas. (CARVALHO, 1998, p.11)

A identidade nacional era um fator imprescindível para o desenvolvimento do país, para a consolidação do novo regime. Portanto, precisava-se criar um mecanismo que permitisse atingir a maior parte da população possível, de forma que incutisse no povo brasileiro o sentimento de pertencimento a uma cidade, a uma nação. Uma das formas encontradas para transmitir este sentimento ao maior número de pessoas possível, foi modificando e expandindo a educação pública, a qual teria a função de “*formar almas*” (CARVALHO, 1998, p.11).

1.2 - O CENÁRIO EDUCACIONAL NA PRIMEIRA REPÚBLICA

Compreendendo o campo educacional como parte constitutiva dessa conjuntura apresentada anteriormente, influenciando e sendo influenciada, não poderíamos esperar organização e progresso em meio a uma sociedade em ebulição em todos os setores. As influências políticas e econômicas incentivaram a ampliação da educação em nível nacional, entretanto não havia uma política educacional definida, o que levou tal campo a viver momentos de avanços e retrocessos. Muitos intelectuais vão pensar a educação ideal para o brasileiro, mas pouco foi absorvido pelos políticos que capitaneavam a execução nesse campo.

No início da Primeira República, o grande problema vivenciado pela população no que diz respeito à educação era o alto índice de analfabetismo. A população contava com mais de 80% de analfabetos, sendo necessário proporcionar uma educação para o povo, de forma que se adaptassem ao país que se modernizava e que necessitava de mão-de-obra qualificada para contribuir com o seu desenvolvimento. Como esse período foi marcado pelo movimento econômico pautado quase exclusivamente no modelo agrário-exportador, não temos a compreensão da educação como um instrumento importante, porque para viver no campo, trabalhando na agricultura que até o momento se fazia rudimentar, não era necessário saber ler e escrever.

Com o passar dos anos, com a modernidade e a industrialização crescente, percebemos uma mudança de eixo econômico, passando a predominar o modelo urbano-industrial. Nesse momento, percebe-se que a educação era importante e que deveria ser disseminada à grande massa³⁰ da população que, devido à escravidão e falta de escolas

³⁰ É importante salientar que a educação proposta para a massa seria a educação para o trabalho, a educação profissional. A educação intelectual, de formação de dirigentes, não seria disseminada para as massas e várias

públicas para a população em geral, se via analfabeta. Fruto desse movimento começa-se a disseminar escolas públicas com o intuito de contribuir com o país no aspecto econômico e político, já que existe uma influência pautada no viés econômico, onde o novo homem – formado pela escola – passa a ser pré-requisito para sua inserção no novo sistema econômico, os quais necessitavam de manuseios dos equipamentos que exigiam um mínimo de escrita e leitura; e outra influência vinculada às questões políticas, como a importância da leitura e da escrita para o voto.

Com a nova exigência econômica e política, a alfabetização foi compreendida como forma de purificar, regenerar escravos e imigrantes que estavam sendo despejados no meio da população — era preciso formar seu caráter:

A extinção da escravidão não é de si mesma bastante para pagar os funestíssimos efeitos da execranda instituição, que só muito de passo ir-se-ão dissipando. É, pois, indispensável – e isto sentiram os mais bem alumiados abolicionistas – que a obra gloriosa cujo coroamento foi a lei de 13 de maio de 88 se continue pela educação, não só dos libertandos, senão de nós todos, todos mais ou menos contaminados pela sua peçonha. (VERÍSSIMO, 1985, p.79)

Acreditava que a população precisava ser regenerada, não apenas os libertos, mas todos os que formariam a nação brasileira. Para isto, José Veríssimo, em “A Educação Nacional” entendia que era necessária uma ampliação na educação pública, e que a mesma fosse realizada através de uma rede educacional de forma que criasse uma identidade nacional. Para isso, tornava imprescindível a criação, pelo governo, de um sistema de educação que abrangesse, da mesma forma, os diferentes Estados nascidos pela Proclamação da República. A educação nacional proposta pelo autor visava, como base, o ensino de Geografia e História do Brasil, através de livros escritos por brasileiros, que conheciam a realidade local; pois somente conhecendo a Pátria na sua evolução histórica e na sua demarcação geográfica seria possível criar um sentimento de amor à Pátria, criar uma nação

estratégias foram criadas para isso, tais como exame admissional, bifurcação do ensino após ensino primário (ensino secundário e ensino técnico). Para saber mais sobre esse assunto, confira Nagle (1976).

forte. Precisava-se extirpar os vícios e defeitos que acometiam a população brasileira, possibilitando condições para se criar um sentimento de amor ao país, ponto fundamental para o fortalecimento da República.

Além do conhecimento de História do Brasil e Geografia do Brasil, a escola brasileira deveria ensinar, nos diferentes níveis de ensino, Educação Moral e Cívica, Educação Física³¹ e a educação intelectual, materializando assim a educação nacional necessária para formar o caráter nacional do povo brasileiro. Somente uma educação nacional tornaria possível extirpar os males da ignorância popular, do atraso causado pela escravidão, regenerando o povo brasileiro, criando uma identidade nacional, formando seu caráter para que possa contribuir com a Pátria, amando-a, contribuindo com seu crescimento. Trata-se de uma proposta idealista do autor se considerar o valor atribuído à educação – regeneradora de todos os males, apresentando um caráter messiânico, remédio para todos os problemas sociais.

Temos desse modo, uma indefinição quanto ao tipo ideal de educação que deveria ser transmitida. Entretanto, os intelectuais e políticos estavam cientes que a educação tradicional, pautada em estudos livrescos, não atendia mais às expectativas do mundo moderno. Carneiro Leão, numa conferência proferida em São Paulo em 1916, nos dá uma idéia precisa do tipo de educação que se almejava, por parte de alguns pensadores, naquele momento histórico:

O Brasil, agora, como sempre, é composto, principalmente de duas espécies de criaturas: - de um lado, a maioria, oitenta por cento do povo, analfabeta, ignorante e incapaz de trazer o mínimo desenvolvimento, a mínima vantagem ao progresso nacional, de outro, uma parte mais ou menos instruída e culta, candidata perpétua ao funcionalismo e à burocracia. Classes produtoras, industriaes, que trabalhem a riqueza da Pátria, que engrandecem o nosso território, quasi não temos. (LEÃO, 1916, p.22-23)

A educação, como podem observar, é compreendida como instrumento de formar para o trabalho nas indústrias que se expandiam naquele momento. Necessitava acabar com o

³¹ Entenda-se Educação Física como Educação do Corpo.

analfabetismo, que levava o homem a incapacidade, que não estaria apto a contribuir minimamente com o progresso nacional.

Se a limitada educação que possuímos, literária e theorica, só nos habilita para carreiras públicas, só nos cria o gosto e o interesse pelas funções burocráticas (...) Vivemos para um mundo que já passou (...) Precisamos é de uma educação: de uma educação prática, de uma educação de trabalho (LEÃO, 1916, p.23).

Carneiro Leão pregava uma educação popular, para todos. Não uma educação livresca, mas uma educação para o trabalho, que seria útil para contribuir com o desenvolvimento econômico do país. Acreditava que a educação livresca estava ligada aos cargos públicos, que eram poucos e destinados à elite; portanto, era necessária uma educação para o trabalho, de uma educação prática em que se pautava no aprender fazendo.

Hoje se pode medir o valor de um país pelo cuidado que elle tem na educação popular. Tão forte é o mérito dessa educação que basta um povo inicial-a para que se comece a ver a sua magnífica ascensão para a civilização e o progresso. O Japão nos evidencia amplamente esta verdade (LEÃO, 1916, p.22).

Civilizado era o país que possuía sua população alfabetizada. A ignorância popular estava relacionada ao atraso econômico, ao subdesenvolvimento. Leão (1916) acreditava que somente através de uma educação popular, que extirpasse o analfabetismo, teríamos o Brasil como uma nação forte, civilizada, nos rumos do desenvolvimento já alcançado por outras potências mundiais.

Procurando entender esse movimento educacional da Primeira República, Nagle (1976) caracteriza três fases da educação nesse período: a primeira, datando do início da República até meados dos anos dez, foi marcada por um profundo desinteresse dos integrantes do governo, permanecendo os traços característicos do ensino imperial. Por outro lado, é um período de grande ebulição do pensamento educacional como forma de apontar para os

homens públicos, as soluções para a esfera educacional, tendo-a como essencial para a vida humana e para o progresso do país³²

A segunda fase proposta por Nagle (1976), compreendendo o período posterior a 1915, refere-se ao entusiasmo pela educação; período em que o governo, mesmo de forma desordenada, vai incentivar a educação para o povo – uma educação diferente da que será oferecida para a burguesia - como forma de erradicar o mal que assombrava o país – o analfabetismo, a ignorância. Temos várias reformas que são lançadas no intuito de propagar a educação para uma grande massa; mas as constantes alternâncias no poder político, gerando uma descontinuidade das ações implementadas por governos anteriores, fizeram com que o campo educacional não progredisse como esperado.

Na terceira fase, caracterizada como otimismo pedagógico, se materializa na crença de novos modelos educacionais. Capiteado pelo movimento da Escola Nova, esse momento educacional buscava substituir o tradicional pelo novo, o arcaico pelo melhor modelo que se adaptasse à exigência do mundo moderno.

A relação entre liberalismo e escolanovismo deve ser aqui ressaltada. Do ponto de vista histórico, tanto no caso brasileiro como em outros, o liberalismo trouxe consigo não só a mensagem como a instrumentalização institucional de remodelação da ordem político-social. Significou a quebra dos velhos quadros opressores do desenvolvimento da personalidade humana, a ruptura do sistema de obstáculos que impedia o desenvolvimento harmônico (porque ‘natural’) da sociedade humana. Ao estabelecer a doutrina do não-constrangimento nas diversas esferas da vida social – política, econômica, social e cultural – a doutrina liberal firmou, ao mesmo tempo, o princípio básico das liberdades. Dessa forma, não surpreende observar que o enraizamento da Escola Nova se tenha processado pouco depois do triunfo das idéias liberais; na verdade, o escolanovismo representou, ortodoxicamente, o liberalismo no setor educacional. Não foi casual, agora no caso brasileiro, o fato de que a mais ampla crítica à ‘escola tradicional’ e as primeiras manifestações que denunciam a presença do novo ideário educacional partisse de um liberal, o Conselheiro Rui Barbosa; isso mostra, fundamentalmente, o início de um movimento educacional, que é expressão, antes de tudo, de movimentos sociais mais amplos. (NAGLE 1976, p. 241-242).

³² Sobre esse assunto, ver mais em Torres (1982), Leão (1916), Veríssimo (1985), entre outros.

A Escola Nova é fruto do pensamento liberal. Faz-se a materialização do pensamento liberal no meio educacional, através de Rui Barbosa – um liberal – quebrando conceitos, métodos e técnicas do ensino tradicional, que durante décadas ditava os caminhos da educação mundial. Foi um movimento mundial, que ancorou no Brasil nos anos 20, mas que já estava presente muito antes nos países europeus.

Nesse movimento dos anos vinte, em que a Escola Nova se inclui, temos um investimento no sentido de propagar os ideais da modernidade, do progresso. A Associação Brasileira de Educação (ABE) criada em 1924, realizava Conferências Estaduais e Nacionais com a função de disseminar novos valores educacionais, porque se buscavam modificar o cotidiano escolar, deveriam começar pelos professores que eram responsáveis pela disseminação no meio escolar.

Para ministrar as conferências eram convidadas pessoas de projeção no meio educacional, que faziam parte do pensamento de uma educação incluída no processo de modernização e progresso nacional. Como exemplo, na II Conferência Nacional de Educação, realizada em 1928 em Belo Horizonte, temos a presença do Professor e Diretor da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa - Peter Henry Rolfs – ministrando uma palestra, demonstrando o modelo educacional moderno de agricultura que foi implantado em Viçosa. Esse fato demonstra a importância que a instituição apresentava no campo agrário, pois a instituição foi escolhida como forma de propagar o conhecimento que estava sendo veiculada pela mesma, como modelo a ser seguido pelas instituições que buscavam se lançar no campo do ensino educacional agrícola.

1.3 – A ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA DE VIÇOSA (1926-1948)

A inserção da Escola Superior de Agricultura e Veterinária, nesse contexto mais amplo, está diretamente ligada à figura de Arthur da Silva Bernardes, o qual foi responsável pela sua criação no momento em que se fazia forte político da região. Arthur Bernardes nasceu em Viçosa – pequena cidade da Zona da Mata Mineira – estudou no Colégio Caraça e se formou em Direito pela Faculdade de São Paulo. Casou com Clélia Vaz de Mello, filha do importante político mineiro Carlos Vaz de Mello, do qual herdou seu prestígio político e ingressou na carreira política, fazendo-se vereador em Viçosa, deputado Estadual e Federal, secretário de finanças do Presidente de Minas Gerais Júlio Bueno, Presidente de Minas Gerais em 1918 e Presidente do país em 1922. Carreira marcada por muitas conquistas políticas, Bernardes foi um membro ativo do Partido Republicano Mineiro, o qual foi muito importante na sua trajetória política e nas decisões políticas do país.

Arthur Bernardes se caracterizava como um nacionalista. Entretanto, o seu nacionalismo não está relacionado àquele exposto por Lima Barreto em “O Triste Fim de Policarpo Quaresma” que tinha aversão a tudo que era estrangeiro. Para Bernardes, a preocupação principal era com o desenvolvimento econômico do país, ou seja, era totalmente favorável a presença estrangeira em solos brasileiros, desde que os benefícios fossem, na sua maior parte, voltados para os interesses do país. Fruto desse pensamento nacionalista, Bernardes entrou em confronto com várias empresas estrangeiras que queriam aportar no país, produzir riqueza para a própria empresa e remeter a mesma para seus países de origem, não trazendo grandes contribuições para o desenvolvimento do Brasil. Foi acusado de político regionalista por querer privilegiar seu Estado frente aos interesses do país, o que em parte

explica a localização da ESAV em Viçosa, sua terra natal, como se fosse o retorno dado por ele ao apoio político que sempre recebeu da comunidade viçosense.

Portanto, esse regionalismo e o nacionalismo de Arthur Bernardes não se constitui num sentimento xenófobo. Pelo contrário, ao compreender a situação econômica da época, buscou a criação de uma Escola agrícola baseada num método norte-americano de ensino agrícola como forma de ter sucesso nessa empreitada de projetar Estado de Minas Gerais economicamente, já que se fazia seu curral eleitoral.

Desta forma, a ESAV vai surgir com o discurso de divulgadora de um conhecimento científico, pautado em técnicas modernas, que conduzirão o país, especificamente Minas Gerais, ao progresso econômico; levando prosperidade econômica para o Estado, para o país e para quem estivesse diretamente envolvido na aplicação do conhecimento transmitido pela instituição. Formava trabalhadores e dirigentes que seriam missionários na disseminação da cultura agrícola por todo Estado e, se possível, por todo país, buscando o afloramento da agricultura, que aproveitando a enormidade de terras produtivas que o país possui, alavancasse a nação em termos de progresso através da economia.

O ensino proposto pela instituição não estava alinhado com o ensino tradicional, livresco, totalmente teórico; mas apresentava uma nova matriz educacional, pautada no “aprender fazendo”, no ensino teórico-prático, fato que contribuiu para que a Escola lançasse suas bases em terrenos férteis, já que o ensino voltado para a prática fazia-se uma necessidade na época, já sendo proposto por Leão (1916), conforme mostrado anteriormente, como a forma de elevar o país ao progresso econômico. Desta forma, temos o surgimento de uma instituição num contexto que era favorável ao tipo de ensino que propunha, além de apresentar uma alternativa para alcançar o progresso econômico que estava sendo amplamente discutido no momento.

A ESAV nasce em Viçosa, cidade que desde sua colonização, portadora de um solo fértil para a plantação, sobrevivia da agricultura. Plantava-se principalmente algodão, café e cana-de-açúcar, juntamente com outros alimentos necessários ao cotidiano, como: arroz, feijão, mandioca e milho. Como não estava incluída nas cidades auríferas da região, destinava-se à plantação para sua própria sobrevivência e para abastecer, juntamente com outras cidades na mesma condição, a região que se dedicava exclusivamente à extração do ouro. Mesmo Viçosa produzindo toda essa variedade de produtos, o café foi por muito tempo a maior fonte de renda do município. Entretanto, a conformação geográfica de Viçosa, pautada num relevo acidentado, dificultava a mecanização intensiva da lavoura; o que levou a um número elevado de pequenos produtores. Em menor escala, observa-se a pecuária com grande produção de leite que se dava de maneira extensiva.

Quando esgotou a exploração aurífera na região, necessitava-se de outra fonte de renda para manter as pessoas estabelecidas naquela região. O café e a pecuária se davam de forma empírica, ou seja, sem uma produção quantitativa suficiente para elevar o município de Viçosa à categoria de grande produtor³³. Esta era uma preocupação do governo de Minas Gerais, o qual necessitava de um Estado forte para fazer frente a São Paulo – política do café com leite, uma vez que se tratavam das duas potências nacionais em termos políticos e econômicos da época. Buscando este fortalecimento, Arthur Bernardes buscou a criação de uma Escola agrícola, baseada em modernas tecnologias: nasce assim, a ESAV.

(...) a não-existência de tecnologias nacionais capazes de impulsionar a economia mineira fez com que o governo de Minas buscasse na importação de método e cientistas americanos uma solução para a construção de uma escola. (LIMA et al, 1996, p.35).

O discurso nos mostra que a falta de uma agricultura baseada na ciência e em métodos modernos era sentida na região de Minas Gerais, e para resolver este problema

³³ Minas Gerais, apesar de grande produtor cafeeiro, pode-se afirmar que sua maior concentração se fazia na região Sul desse Estado.

tornava-se necessária a importação³⁴ de técnicas de um país que já sobressaía neste campo do conhecimento: os Estados Unidos. Entretanto, France (1992) apud Lopes (1995), nos chama atenção para que compreendamos que o movimento de criação da ESAV não deve ser entendido de forma linear, simplesmente como consequência da decadência do ouro e da crise cafeeira da região da Zona da Mata. Inicialmente, a produção da Zona da Mata sempre foi marcada pela policultura, mesmo no momento de grande explosão da produção de café; além de Minas Gerais se encontrar em segundo lugar na produção desse produto, concentrando sua maior produção na região Sul do Estado, entendendo, desta forma, que o fator econômico por si só não explica a necessidade da criação da ESAV na Zona da Mata. Acrescido do fator econômico, está o fator político, no qual Minas Gerais possuía o maior colégio eleitoral, facilitando a eleição de presidentes que eram complacentes com a criação de uma agricultura forte na região, contribuindo para o progresso do Estado em nível nacional. Desta forma, Lopes (1995, p.22) entende “que a criação da escola é um empreendimento do governo mineiro”.

Mesmo entendendo a criação da ESAV como um ato político, não podemos glorificar o ato do presidente do Estado de Minas Gerais como um político a frente de seu tempo por pensar numa Escola agrícola para aquela região. A busca por criar instituições agrícolas nos Estado de Minas Gerais já vinha se concretizando no governo anterior ao de Arthur Bernardes, no qual temos a criação de três instituições agrícolas anteriormente a ESAV: Escola de Agronomia e Medicina Veterinária de Belo Horizonte (1914); Escola de Agronomia e Pecuária de Passa Quatro (1917) e Escola Superior de Agricultura de Lavras (1908)³⁵. Portanto trata-se de um movimento histórico, em que o mérito de Arthur Bernardes

³⁴ Utilizo a palavra “importação” em todo texto no sentido de algo que foi trazido para o Brasil, mas que não necessariamente se fazia da mesma forma que se pensava no seu país de origem, tendo possibilidade de adaptações.

³⁵ Cabe ressaltar, baseado em Capdeville (1991), que até 1910 não havia uma regulamentação oficial para o Ensino Superior Agrícola no Brasil, necessitando-se de buscar modelos estrangeiros para criar escolas superiores neste país. Desta forma, o autor mostra que a Escola Superior de Agricultura de Lavras também foi baseada nos

encontra-se em ter se preocupado em buscar um modelo de ensino inovador para a ESAV – dos Land Grant Colleges, nos Estados Unidos, país que se destacava no âmbito da moderna agricultura da época.

Desta forma, a ESAV não foi idealizada para ser uma simples Escola Superior de Agricultura, como as existentes no Brasil nesta época. Para isto, Arthur Bernardes, por intermédio do embaixador brasileiro nos Estados Unidos, José Cochrane de Alencar, contrata o professor Peter Henry Rolfs com a função de promover na futura ESAV, “a direção do estabelecimento, (...), colaborar na escolha do local e de apresentar ao Govêrno os planos das construções e de programas gerais de ensino” (BORGES, 1968, [s/p]).

Ainda, em 1920, o Presidente do Estado pediu ao então Embaixador do Brasil em Washington, José Cochrane de Alencar, que conseguisse do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, através do Departamento de Estado; a indicação de um especialista capaz de ‘fundar, organizar e dirigir uma Escola Agrícola moderna’. Aceito o convite o Dr. Peter Henry Rolfs (‘Bachelor of Science’, 1889; ‘Master of Science’, 1891; ‘Doctor of Science’, 1920 e, finalmente, Diretor do ‘Florida Agricultural College’ da ‘University of Florida’, no período de 1915 a 1920) passou a servir ao Estado de Minas a 1º de Janeiro de 1921[...]. (BORGES, 1968, [s/p]).

O professor Rolfs foi contratado com a função de fundar, organizar e dirigir a Escola. Com uma titulação considerável para a época, e com profundo conhecimento e experiência no trato da agricultura moderna dos Estados Unidos, Rolfs veio com a função de implantar³⁶ na ESAV um modelo agrícola moderno, pautado nos métodos científicos pragmáticos – “aprender fazendo”, em princípios liberais, os quais proporcionariam um grande progresso para a agricultura local, regional e nacional, visando aumentar o privilégio político do Estado.

Está claro que a escolha de um professor dos Estados Unidos para coordenar a implantação de uma Escola Agrícola em Viçosa não se deu ao acaso. O Presidente de Minas

moldes americanos, como a ESAV. Quando afirmo que o mérito de Arthur Bernardes está em ter se baseado no modelo norte americano, o qual era tido como inovador e estava sobressaindo no momento, não estou afirmando que tenha sido o primeiro a lançar modelo americano no país, tanto que Capdeville (1991) cita Lavras já trazendo modelo americano anteriormente à ESAV.

³⁶ Quando me refiro a “implantar”, em todo o texto, não estou desconsiderando a possibilidade de adaptações para se adaptar à realidade a que se quer implantar.

Gerais buscava uma pessoa com condições de criar e dirigir uma escola nos moldes das escolas agrícolas dos Estados Unidos, o que nos indica uma hegemonia deste país na área. A escolha pela agricultura está diretamente ligada ao contexto econômico³⁷ que Minas Gerais passava naquele momento, observando a necessidade de técnica apropriada para o progresso da agricultura no Estado:

Finda a época da exploração do ouro que proporcionou ao Estado uma fase de opulência e brilho, as atividades agrícolas passaram a ocupar grande parte da população de Minas Gerais. Com o correr do tempo, a imprevidência e as práticas de rotina saquearam os solos mineiros e as enxurradas levaram sua preciosa fertilidade. A pecuária, embora um derivativo para o aproveitamento das terras empobrecidas, não constituiu uma solução do problema para a população rural, dado o empirismo com que era praticada. A miséria e o desespero castigavam os rurícolas, pedindo uma providencia. Muitos homens públicos, em diversas épocas, preocuparam-se com o problema, porém, coube ao Dr. Arthur da Silva Bernardes a glória de lançar as bases para sua solução. Foi assim que, na qualidade de presidente do Estado e tendo como seu secretário de Agricultura o Dr. Clodomiro Augusto de Oliveira, iniciou o processo pela assinatura da Lei n.º 761, de 6 de Setembro de 1920, que autorizava o Governo do Estado a criar uma Escola Superior de Agricultura e Veterinária, situando-a no local que melhores condições apresentasse para seu funcionamento. (BORGES, 1968, [s/p])

O professor Rolfs estava preocupado com o progresso econômico do Estado de Minas Gerais e do país. Compreendendo o Brasil como um país essencialmente agrícola, acreditava que se investissem na mecanização da agricultura brasileira, o país chegaria ao progresso econômico e as pessoas envolvidas neste processo produtivo teriam uma melhor qualidade de vida:

Ouvimos muitas vezes dizer que o Brasil é um país essencialmente agrícola, o que quer dizer que a agricultura constitui a mais importante indústria brasileira. Porque então é o rendimento líquido do trabalho agrícola tão ínfimo que os produtos não possam competir em preços com os de outras nações menos favorecidas quanto ao clima e solo? Esta dificuldade é resultado de administração antieconômica do trabalho. Hoje o serviço braçal desnecessário encarece o produto a ponto de não produzir lucros (...) Com pequenas modificações nos métodos agrícolas atuais, poderá o Estado de Minas tornar-se rico além das expectativas dos mais otimistas dos seus cidadãos. Milhares de trabalhadores a enxada poderiam ser empregados em outras indústrias lucrativas, ou podiam ocupar-se em uma lavoura rendosa,

³⁷ Como relatado anteriormente, o fator político também foi fundamental para a fundação da ESAV.

enquanto hoje ganham apenas uma vida sem conforto. (ROLFS, 1928, p14-15).

Observa-se que o professor Peter Rolfs entende a modernização da agricultura como instrumento importante para concorrer com produtos importados, que estavam ganhando espaços dentro do país por serem vendidos no mercado interno por um preço inferior ao brasileiro; fato que poderia ser revertido se investissem em métodos e máquinas modernas de agricultura. Buscando demonstrar a eficiência dos novos métodos agrícolas importados, Rolfs afirmava que um homem com um burro e um cultivador faz mais trabalho em um dia do que vinte homens com enxadas, e cita como exemplo, na ESAV, a experiência que teve ao empregar um homem com um arado “Chattanooga” reversível, duas juntas de bois e um menino, os quais fizeram mais trabalho em um dia do que 19 homens trabalhando simultaneamente, com picaretas. O homem que trabalhava no arado era um mineiro analfabeto que conheceu o arado há pouco tempo, o que nos indica que a educação formal não era empecilho para o progresso da agricultura no Brasil, já que grande parte da população brasileira era analfabeta.

Conforme demonstrado anteriormente, no momento histórico que compreende o início dos anos vinte do século XX, o Brasil estava engajado na tarefa de acabar com o analfabetismo, que se fazia um entrave no processo de progresso e modernidade do país. Fruto desse contexto, a maioria dos funcionários que faziam parte do período de construção da Escola se fazia analfabeta:

Em 1922 empregamos um total de quase 400 trabalhadores na construção e noutros trabalhos, sendo que mais de 90% deles eram analfabetos [...]. Em 1927, tínhamos cerca de 200 operários e conforme os dados colhidos pelo Dr. Bello Lisboa, Vice-Diretor da Escola e Engenheiro Chefe, apenas 6% destes eram analfabetos. (ROLFS, 1928, p. 12)

Não podemos pensar no analfabetismo fazendo parte de uma instituição que almejava ser símbolo de progresso, pautada em métodos e máquinas modernas. Não poderia

permitir no seu núcleo a presença de funcionário que fosse analfabeto já que lembrava uma civilização rudimentar, arcaica, longe de atingir a modernidade, a sociedade que se projetava.

É importante compreender que a Escola não se pautava no ensino das primeiras letras. Oferecia o curso *elementar*, responsável por formar capatazes e agricultores; o curso *médio*, responsável por formar técnicos agrícolas e administradores rurais; e o curso *superior* que formava agrônomos e médicos veterinários. Entretanto, por entender que a alfabetização era uma parte fundamental da civilidade e da modernidade, a Escola passa a destinar um tempo específico para a alfabetização dos funcionários e filhos dos funcionários que construíram a instituição, sendo que dos trabalhadores, 92% eram analfabetos (BORGES (1968, [s/p])). Fazia-se necessário regenerar os trabalhadores e seus filhos analfabetos desse mal que assolava o Brasil naquele momento, impedindo seu desenvolvimento.

No relatório anual feito pelo vice-diretor em 1927 encontra-se que “depois de vários contratempos e demora, conseguimos abrir uma escola diurna para os filhos dos empregados [...]. Depois, começamos a estudar o problema duma escola nocturna, para os operários [...] sendo a porcentagem de analfabetos, pelo menos de 80% a 85%”. Observa-se que o índice de analfabetismo entre os trabalhadores da ESAV era assustador, coerente com a maioria das cidades mineiras na época, e uma instituição que se pautava no progresso e na civilidade não poderia ter em seu quadro de funcionários pessoas que não contribuiriam para o progresso da escola.

A influência do pensamento de que os analfabetos eram o atraso da modernidade está estampado na construção da própria escola, onde os administrados acusaram os atrasos das obras aos funcionários³⁸, que por serem analfabetos, não conseguiam desenvolver o trabalho finalizando a construção nos 5 anos esperados, sendo até criada uma liga de operários para ensinar técnicas de trabalho para finalizar as obras em menor atraso possível. Ribeiro

³⁸ No início da construção da ESAV havia cerca de 400 funcionários, os quais segundo Lopes (1995, p. 44), eram distribuídos entre *carpinteiros, pedreiros e ferreiros*.

(1996, p.13) mostra que, devido a carência de pessoal habilitado para a construção da escola, foram selecionados os mais capazes e conservados os mais dedicados, sendo criada uma “Liga Operária Viçosense, mais precisamente no dia 13 de maio de 1923 [...] com a finalidade de treinar pessoal para trabalhar nas obras de construção da escola”.

Construída a Escola, Rolfs sente a necessidade de formar na ESAV um quadro docente qualificado para implantar o modelo de agricultura almejado, visto que se tratava de um alto investimento do governo de Minas Gerais, necessitando de uma forte base de recursos humanos, incluindo professores, para que se colocasse em prática o modelo inovador de agricultura que se estava importando. Começou contratando um brasileiro, que havia estudado agronomia em Missouri, nos EUA – Diogo Alves de Mello. Os professores de Fitopatologia, Entomologia e Zootecnia vieram dos EUA. Para a Química, foi contratado o Alemão Drº Guilherme Emmerich. Para Laticínios foi chamado um Dinamarquês, o Dr. Beck Andersen. (PAVAGEAU, 1991).

A formação deste quadro docente exigiu a vinda de professores de várias partes, do Brasil e do mundo, os quais trouxeram consigo um conjunto de hábitos, comportamentos e práticas culturais diversas, incluindo a esportiva, que contribuiu para formar uma cultura tipicamente esaviana, a qual, por sinal, vai influenciar a cultura viçosense. Entendendo esta formação cultural híbrida esaviana, podemos pensar não apenas nos professores de diferentes países, mas somam-se alunos e professores de diversas regiões do Brasil, além de funcionários e alunos da própria Viçosa. Este conjunto de práticas e valores vão formar a cultura esaviana, a qual lançou mão do “Espírito Esaviano”³⁹ como forma de criar um sentimento de unidade e união em prol dos objetivos da instituição.

³⁹ Espírito Esaviano foi definido por LIMA et al (1996, p.48) como sendo “uma forma de se identificar com a escola na medida em que ao entrar para o seu quadro o esaviano sentia-se transformado e tomado por uma empolgação diferente, uma vontade e um orgulho de pertencer a uma instituição que não era uma qualquer, mas uma segunda casa”. Este assunto será abordado, detalhadamente, no capítulo seguinte.

Contemporaneamente ao nascimento da ESAV, temos a criação de outras instituições agrícolas no Brasil que também se preocupavam com a constituição de um quadro docente forte, coeso, reforçando a idéia de que para se implantar um bom modelo agrícola, necessita-se de uma boa “mão” para aplicá-lo. Nesse sentido, Capdeville (1991, p.74) nos remete as Escolas de Agronomia e Veterinária em Pernambuco, mostrando que “além de trazer profissionais abalizados para formar os futuros professores, vários monges foram enviados à Europa para especializar-se em diversas áreas”. Não podemos pensar apenas na inclusão de professores capacitados, mas muito foi feito ao longo dos anos na ESAV no sentido de qualificar os professores que chegavam e os que poderiam receber maior preparação, a qual ocorria geralmente nos Estados Unidos e alguns países da Europa.

Esta preparação estava relacionada ao modelo de agricultura que Rolfs propôs implantar. Nos Estados Unidos havia vários modelos que foram implantados referentes ao ensino agrícola, sendo alguns de origem européia. Segundo Rolfs, um dos modelos procurava ensinar a ciência pela ciência, sem se preocupar com a aplicação prática à agricultura, sendo que este modelo produziu muitos dos melhores cientistas, mas poucos agricultores; outro modelo era o dos operários diplomados que procuravam preencher as vagas dos operários peritos que havia no momento, entretanto, foi abandonado ou reorganizado por não apresentar bons resultados; contudo, para o professor Peter Rolfs: “Foi no Vale do grande Rio Mississippi onde a Agricultura era, e continua a ser a indústria mais importante, onde nasceram, desenvolveram-se e hoje reinam, as Escolas Superiores de Agricultura Tipicamente americanas” (ROLFS, 1928, p.17). Tais Escolas do Vale do Mississippi são baseadas nos métodos dos Land Grant Colleges, os mesmos aplicados por Rolfs na ESAV.

Para o diretor da Escola, a agricultura baseada nos Land Grant Colleges foi a que mais logrou êxito neste campo, por apresentar algumas peculiaridades que até então não se pensavam no campo agrícola. Esse modelo de ensino pautava-se na teoria aplicada à prática,

diferentemente de outros modelos que aprendiam a teoria sem relação com a prática, ficando as pessoas que se formavam com muito conhecimento teórico sem que conseguissem colocar em prática, perdendo as melhores chances de emprego que nasciam naquele momento. Rolfs salienta que o Brasil formou muitos educadores e cientistas, mas a maioria deles ficou à mercê de subvenções do governo por faltar-lhes meios de ganhar a vida: “Deveria ser o ideal de uma República treinar todos os seus cidadãos de tal maneira que cada um pudesse ganhar uma vida farta sem que lhe fosse necessário receber o que podemos chamar de subvenção do governo federal ou estadual” (ROLFS, 1928, p.26). Para o diretor da ESAV, uma das saídas para se ganhar a vida seria por meio de uma agricultura prática.

Juntamente com a agricultura prática, devemos pensar na modernização da agricultura. É importante esclarecer aqui que a modernização proposta por Rolfs não significa a transformação da ESAV num espaço urbano, mas sua intenção era modernizar o rural, para isso, procurava manter a Escola como uma grande fazenda; porque acreditava que se criasse um clima favorável, igual ao da fazenda, as pessoas que se interessassem pelo ambiente seriam grandes agricultores.

A modernização inclui novas técnicas, métodos e máquinas que iriam aumentar a produtividade agrícola do Brasil, que seriam mais competitivos por chegarem ao mercado com menor preço. Desta forma, o pensamento de Rolfs compreende a agricultura como uma indústria, em que pretende racionalizar as práticas agrícolas, como também contribuir na formação moral dos alunos.

O Brasil neste contexto é um país que oferece a possibilidade de implantar várias indústrias agrícolas nos seus diferentes estados, as quais, através de máquinas, métodos e técnicas modernas, poderão revolucionar a indústria brasileira, enriquecendo as diferentes partes do Brasil.

É aconselhável que todos os Estados no Brasil tenham sua Escola Superior de Agricultura, dirigida pelo Estado, especialmente destinada a instruir a mocidade rural daquele Estado [...] Escolas particulares fornecem auxílio valioso aos governos mas não substituem em uma nação em rápido desenvolvimento, o ensino dirigido pelo Estado (ROLFS, 1928, p.27).

Implantando uma agricultura moderna nestes Estados, para ele, diminuiria a necessidade de mão-de-obra na produção agrícola – a qual para Rolfs já era escassa porque tinha muita terra e pouca mão-de-obra – aumentando o rendimento do trabalhador uma vez que a produção aumentaria, venderia mais com menor preço, podendo ser oferecido ao trabalhador um maior “*labor income*”⁴⁰,

A riqueza do Estado de Minas, natural e produzida, é colossal, muito maior do que a de algumas nações independentes. Porém, quando consideramos a média do valor dos bens para a população total, chega-se a um resultado fraco. Quando considerarmos o ordenado médio, achamo-lo muito reduzido, comparado com o de outros países de igual civilização. É exatamente neste ponto, isto é, aumentando o rendimento médio do trabalho, que no Inglês chamamos de “*labor income*”, fazendo que o trabalho agrícola diário renda mais, que a Escola prestará o melhor serviço ao Estado e à Nação (ROLFS, 1928, p.12)

Para Rolfs, é aplicando a ciência à Agricultura que se terá uma prosperidade nacional. Trata-se da aplicação prática, que muito foi questionada ao diretor pelos educadores mineiros, acreditando que os alunos teriam vergonha de sujar as mãos em arados e outras máquinas agrícolas; entretanto, o diretor observou que os alunos tinham mais interesses nas aulas práticas do que nas aulas teóricas, sendo um fator positivo para que o modelo adotado pela ESAV prosperasse. Tudo isso mostra que a ESAV nasce pautada numa redefinição da noção de trabalho, já que o mesmo não é compreendido como algo que degrada o homem, como algo aviltante; mas passa a ser compreendido como algo que dignifica o homem e que será o responsável pela melhor qualidade de vida.

A prioridade da ESAV não era formar pessoas para trabalhar nas fazendas, mesmo atendendo esta demanda quando oferece formação no curso elementar. Seu foco principal

⁴⁰ “*Labor income*” em português significa: “renda operária”

estava na formação de pessoas que divulgariam o conhecimento mais elaborado pelas diversas regiões do Estado e do País, que se dava na formação oferecida nos cursos superiores e na crença em alguns alunos dos cursos médios; os quais terão, durante a passagem na Escola, que trabalhar nas aulas práticas, buscando apreender os métodos e técnicas; mas que depois de formados serão transmissores dos conhecimentos aprendidos na instituição.

Nesse sentido, Rolfs nos indica que o curso médio apresentava um maior valor e era mais incentivado do que o elementar. Para o diretor, a Escola ficaria satisfeita se os alunos do curso elementar voltassem para suas fazendas em condições de empregarem as máquinas agrícolas essenciais, soubessem selecionar as sementes, e por saberem ler, escrever e fazer o trabalho de contabilidade da fazenda.

Para Rolfs (1928, p.20): “Os alunos do curso elementar tem geralmente pouco desenvolvimento mental, não por falta de inteligência, mas por falta de instrução, e por isso não esperamos que os moços que terminam o curso elementar voltem para a roça fazendeiros perfeitos ou agricultores peritos em tudo que é pertinente à lavoura”. Observa-se que a formação dispensada ao elementar, assim como o próprio nome, visa a formação mínima, elementar ao homem do campo. Para o diretor, a maioria dos alunos que saíam do curso elementar teria influência apenas nos limites das vizinhanças de suas fazendas.

Quando se trata do curso médio, Rolfs (1928, p.21) afirma que:

São os alunos deste curso que mais contribuirão para o futuro bem estar do Estado produzindo os resultados mais imediatos [...]. Estou certo, entretanto, que alguns dos formados no curso médio terão influência além dos limites dos seus municípios, tornando-se excelentes fazendeiros, ou talvez Mestres de Cultura Ambulantes, se houver para estes últimos direção adequada.

Observa-se que os resultados mais imediatos e mais abrangentes são esperados pelos alunos dos cursos médios, os quais aliados aos do curso superior, serão responsáveis por alastrarem a agricultura moderna à nível nacional.

É importante ressaltar que a agricultura moderna proposta por Rolfs privilegiava o estudo específico das disciplinas referentes à parte agrícola. Queriam formar agricultores, e não cientistas e educadores. Portanto, sua opção pela escolha de disciplinas voltadas para a área agrícola está estampada no seu texto:

Devemos sempre lembrar que em uma Escola de Agricultura, é a Agricultura que deve ocupar o lugar de importância no programa. Sendo o tempo dos alunos principalmente ocupado com o estudo de História, línguas, matemática, ciências naturais, química, física, etc., não formará bons fazendeiros. Cientistas excelentes poderão ser produzidos, se a instrução for bem feita, mas em Escola de Agricultura devemos visar principalmente produzir os agricultores que o Brasil tanto carece. Não digo que qualquer dos estudos referidos acima não seja excelente ou que todos eles, não devam fazer parte dos programas das Escolas de Agricultura, mas sim que os anos que os nossos moços podem dedicar ao estudo da agricultura são demasiadamente curtos para que possam estudar bem as matérias que lhes serão indispensáveis (ROLFS, 1928, p.25)

Observa-se que a formação no tempo mais breve possível está no projeto de Escola, já que o país necessitava dessa mão-de-obra qualificada. Não está preocupado em formar um indivíduo na cultura humanista, mas privilegia a formação agrícola pautado em disciplinas que estejam voltadas diretamente para este tipo de ensino, entendendo que será a melhor forma de entrar no mercado de trabalho, possibilitando ter uma vida digna, além de contribuir para o progresso econômico do país.

Pensando nessa educação transmitida pela ESAV, buscando formar os dirigentes agrícolas do país, chegamos aos seguintes questionamentos: os alunos que estudavam nessa instituição, que se tornou respeitada nacionalmente pelo tipo de ensino que oferecia, de onde eram provenientes?

Como toda Escola que quer se fazer eficiente na formação do aluno, a ESAV surge abrindo poucas vagas para o ingresso, uma vez que a quantidade pode vir a suplantar a qualidade. No primeiro ano de funcionamento da ESAV, em 1927, observamos que havia 25 alunos matriculados nos cursos elementar e médio da instituição, já que o curso superior começou apenas em 1928. Trata-se de um pequeno número de alunos, que se expandiu nos

anos seguintes, não chegando a apresentar número significativo de aluno como atualmente⁴¹. Em 1930, Lopes (1995) afirma a existência de 27 alunos no curso elementar; 91 no curso médio e 35 no curso superior, ou seja, 153 alunos, três anos após início da instituição, sendo que a maioria destes estudantes era proveniente de Minas Gerais. Podemos observar, analisando este crescimento estatístico, uma maior adesão dos alunos mineiros frente à nova formação que estava sendo oferecida e vista como uma forma de progresso econômico.

Quando falo que a maioria dos alunos era proveniente de Minas Gerais, torna-se importante mostrar que os regulamentos editados ao longo do tempo assinalam para a prioridade de ingresso de alunos mineiros. No regulamento de 1927 temos que “o ensino ministrado pela Escola, com o intuito de educar a população agrícola do **Estado** em todos os assuntos pertencentes à vida rural (...) deverá ser sempre teórico prático” (ARTIGO 2º, do regulamento de 1927). Observa-se a especificidade de educar a população agrícola do Estado de Minas Gerais, fato que se coaduna com o pensamento de Arthur Bernardes, exposto anteriormente, o qual é compreendido como um político que busca privilegiar os interesses de seu Estado, tendo os interesses da nação como consequência.

No regulamento de 1931 encontramos que “Terá preferência na matrícula os filhos de agricultores mineiros” (ARTIGO 179, do regulamento de 1931) e “Poderá a Congregação limitar o número de alunos de outros Estados e países estrangeiros” (ARTIGO 179, parágrafo único, do regulamento de 1931). Podemos inferir que a importância primeira da Escola é instrumentalizar a população agrícola mineira com a moderna agricultura, fortalecendo a agricultura do Estado em âmbito nacional. Tudo isto me levou a questionar: Mas, qual é esta população mineira que estudava na ESAV? A que camadas sociais pertenciam os alunos? Tratavam-se de todos que quisessem estudar? As fontes indicam que sim, mas nem todos teriam acesso a ESAV.

⁴¹ Prevê o artigo 171 do regulamento de 1927, que “o número total de alumnos não poderá exceder de vinte (20) por membro do corpo docente”.

Lopes (1995) explica que para compreender se os alunos eram filhos de agricultores necessitaria do questionário de ocupação dos pais, além de saber as condições econômicas da família de origem para garantir a inserção de classe dos alunos. Entretanto, através de algumas análises sobre o status econômico, levantarei indícios de que os alunos esavianos eram provenientes de famílias, no mínimo, da classe média⁴². Para esta análise busco as taxas pagas pelos alunos em 1927. O regulamento de 1927 mostra que um aluno de outra cidade⁴³ do ensino elementar, pagaria no mínimo⁴⁴, por semestre⁴⁵, 1:150\$000 (Um conto, cento e cinquenta mil réis/semestre; ou 191\$660 – cento e noventa e um mil, seiscentos e sessenta réis/mês); do curso médio 1:165\$000 (Um conto, cento e sessenta e cinco mil réis/semestre; ou 194\$160 – cento e noventa e quatro mil e cento e sessenta réis/mês); e do curso superior 1:210\$000 (Um conto, duzentos e dez mil réis/semestre; ou 201\$670 – duzentos e um mil, seiscentos e setenta réis/mês). Estes valores, se considerados absolutamente, não nos dizem nada. Se transformarmos para a moeda atual sem considerar a inflação e variações cambiais, se desvalorizam a ponto de não representar nada. Entretanto, podemos compará-los a salários de professores e funcionários, o que nos permite uma sólida idéia de quanto representavam.

⁴² No artigo 31, do regulamento de 1927, encontra-se que por indicação do presidente, poderão ser matriculados até 10 alunos, independente do pagamento da taxa de internato, desde que os candidatos apresentem “reconhecida falta de recursos pecuniários e que tenham manifesta vocação para estudos agrícolas ou sejam filhos de agricultor profissional” (Parágrafo único do art. 31). No art. 32, temos que a congregação poderia conceder matrículas com até 50% de desconto, desde que não ultrapasse 5% do total dos alunos da Escola, desde que “tenham decidida vocação para estudos agrícolas, devendo-se, o quanto possível, contemplar na escolha alumnos procedentes das zonas em que tenham mais importância a agricultura” (parágrafo único do art. 32). Tudo isto demonstra que a Escola estava empenhada em formar agricultores para atuarem em áreas mais produtivas, e que os filhos de fazendeiros eram o público alvo, sendo que não era descartada a presença de alunos carentes, desde que apresentasse elevada vocação para a área agrícola.

⁴³ Aluno da mesma cidade não pagaria alojamento e nem pensão, abatendo 1:000\$000 por semestre, sendo possível, desta forma, estudar pessoas da cidade com menor poder aquisitivo. Entretanto, devido à falta de escolas públicas, e a dificuldade de acesso ao estudo para esta classe neste momento histórico faz com que pensamos na não permanência de muitos alunos carentes. Agravando o fato, tem-se que a população carente, além de não poder pagar muito pelo estudo, tinha que trabalhar para sustentar a família, tendo desta forma um duplo prejuízo – pagar e deixar de trabalhar. Além do mais, a maioria dos alunos que lá estavam eram provenientes de outras cidades, tendo na primeira turma, entre 25 alunos, apenas 9 de Viçosa.

⁴⁴ Falo “no mínimo” porque existem outras taxas, como exames de segunda época, que eventualmente podem acontecer, uma vez que se tratavam de exames difíceis que faziam com que muitos alunos ficassem em exames de segunda época.

⁴⁵ Este valor inclui alojamento, pensão, taxa de saúde, taxa de admissão, taxa de frequência semestral, depósito de sinal e garantia.

Um professor catedrático – responsável por determinada disciplina, recebe mensalmente 1:200\$000⁴⁶ (Um conto e duzentos mil réis/mês). Geralmente o professor catedrático possuía elevada formação na área, sendo em alguns casos, provenientes do exterior, podendo entender esta quantia como sendo uma considerável remuneração. Se compararmos com as despesas semestrais dos alunos, podemos inferir, mesmo no curso elementar, certa paridade (guardadas as proporções – semestre, para os alunos/mês para os professores), podendo dizer que a população carente não poderia pagar uma quantia semestral equivalente a um mês de salário de um professor catedrático. Outra comparação poderia ser feita com o servente da ESAV que ganhava 180\$000 (cento e oitenta mil réis), sendo que o pagamento mensal de um curso elementar era superior ao salário mensal de um servente.

Neste momento, também temos a inexistência de escolas públicas gratuitas em Viçosa. Inicialmente o processo de escolarização se dá através de mestre-escola, destinado à elite, semelhante ao processo histórico de outras regiões. As primeiras escolas que temos em Viçosa são: Colégio de Viçosa (1913); Colégio Normal Nossa Senhora do Carmo (1914); Grupo Escolar Coronel Antônio da Silva Bernardes (1916⁴⁷). As duas primeiras instituições tratam-se de entidades privadas, destinadas à elite da cidade. Este fato nos indica, mais uma vez, que a população carente até então, estava excluída do meio educacional da cidade; não sendo coerente pensar em presença maciça de alunos de classes populares no início da ESAV.

É importante lembrar que a maioria dos alunos que estudavam na ESAV era proveniente de outras cidades de Minas Gerais. Pensando nesses alunos, que ao deixarem sua cidade natal precisariam de um local para se abrigar em Viçosa, a ESAV nasce com uma estrutura que permite alojar os forasteiros.

⁴⁶ Valores encontrados no regulamento de 1927.

⁴⁷ Criado em 1916, entretanto só instalado em prédio próprio em 1922.

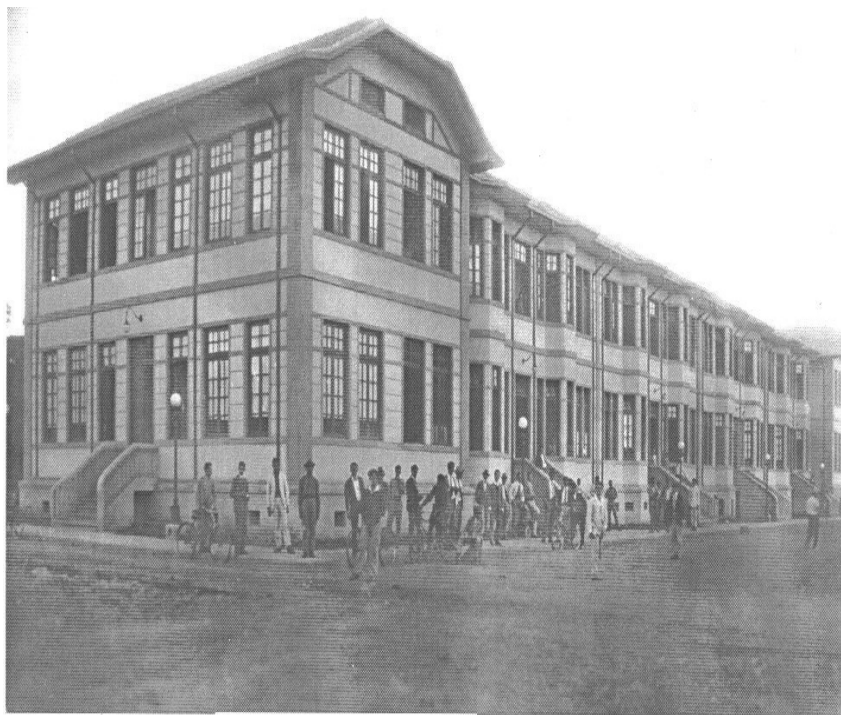


Figura 3: Alojamento dos alunos⁴⁸
Fonte: Borges & Sabione, 2004, p.20

A modernidade estava estampada na fachada do alojamento, constituindo-se numa grande construção para o período histórico. Constituíam-se de apartamentos com no máximo 5 vagas, divididos em seções, sendo que cada seção abrangia apartamentos em 2 andares. Interiormente os apartamentos possuíam uma sala de estudo, quarto de dormir; e exteriormente um banheiro comunitário para cada andar, em cada seção.

A escola oferecia o internato, semi-internato e externato. Os dois primeiros eram pagos, sendo referente a taxas de internato e de saúde, para o internato; e taxa de pensão para o semi-internato. O internato previa moradia, além das refeições diárias; já o semi-internato, que se destinava aos alunos que queriam passar o dia na escola, oferecia somente as refeições diárias, sendo: almoço, merenda e jantar.

É importante frisar que a escola procurava manter o controle dos alunos, tendo pessoas responsáveis pela portaria do alojamento; não deixando nem o externato de fora, de

⁴⁸ Em 1928 foram inauguradas as duas primeiras seções do alojamento.

modo que: “o externato ficará, quanto à residência, sujeito à vigilância da Diretoria da Escola, que poderá exigir a mudança de residência de alunos, por motivo de hygiene ou moralidade”¹; o que nos mostra que mesmo fora da Escola o aluno estava constantemente sob vigilância para não ser acometido pelos males que estavam em voga na sociedade caótica² que se fazia a Primeira República, infestada pela imoralidade e pela necessidade higiênica. Como aluno que depois de formado levaria o nome da instituição pelas diferentes partes do Brasil, deveriam se submeter à formação intelectual, moral, física e higiênica que a Escola oferecia.

A disciplina a que referimos acima nos alojamentos foi uma inovação de Rolfs. No regimento de 21/01/1927 é exposto que “no internato será adoptado o regimen de responsabilidade pessoal dos alumnos (...)”. Esse regime disciplinar dirigido pelos próprios alunos tinha seguinte formação: O alojamento era dividido em seções e cada seção tinha um representante-aluno que se fazia o chefe de seção; e, todos os chefes de seção, acrescido de um professor designado para esta função, formavam um conselho disciplinar. Observa-se que esta formação disciplinar está coerente com o modelo de instituição que se queria formar, pautada em princípios liberais; na qual não seria lógico propor uma disciplina tradicional baseada em castigos e punições físicas – disciplina externa; mas uma nova forma de entender o indivíduo, como sendo o próprio responsável pelos seus atos, sendo sua consciência e suas práticas seu guia, constituindo-se em um processo interno de disciplina em que os próprios pares são os responsáveis pela disciplina dando exemplos a serem seguidos por todos.

Entretanto, não se pode esquecer que havia um conselho disciplinar que regia o alojamento, sendo o aluno o responsável para não infringir o regulamento local para não ser punido por este conselho. Cabe esclarecer que alojamentos já tinham sido alvos de várias tentativas em diversas instituições brasileiras, entretanto, falava-se que somente instituições militares dariam conta de disciplinar os alunos em alojamentos. Entretanto, o Diretor da

¹ Regulamento de 1926. Ver a influência da hygiene e da moralidade da Educação Brasileira com mais detalhe em GONDRA (2000)

² Confira item 1.1.

ESAV lançou a disciplina através da “consciência” do próprio aluno, tendo sucesso nesta empreitada. Leviano seria afirmar que não havia indisciplinas, brincadeiras que desagradavam à diretoria da escola, entretanto, não tenho indícios de um acontecimento grave que tenha colocado em risco a dissolução do projeto de alojar os alunos da instituição.

Juntamente com o alojamento, nasceram várias outras construções. Para o início da ESAV foram erguidas “67 obras realizadas pela comissão de construção e entregues ao patrimônio da Escola a 28 de fevereiro de 1929, desde os majestosos edifícios, até as estradas, terraplenagens, residências para professores e operários, abrigos para máquinas e animais e demais instalações [...] (BORGES, 1968, [s/p].). Dentre estas construções temos como marco fundamental o “prédio principal”, denominado atualmente de “Arthur da Silva Bernardes”, inaugurado em 28 de Agosto de 1926, juntamente com a inauguração da Escola na mesma data.

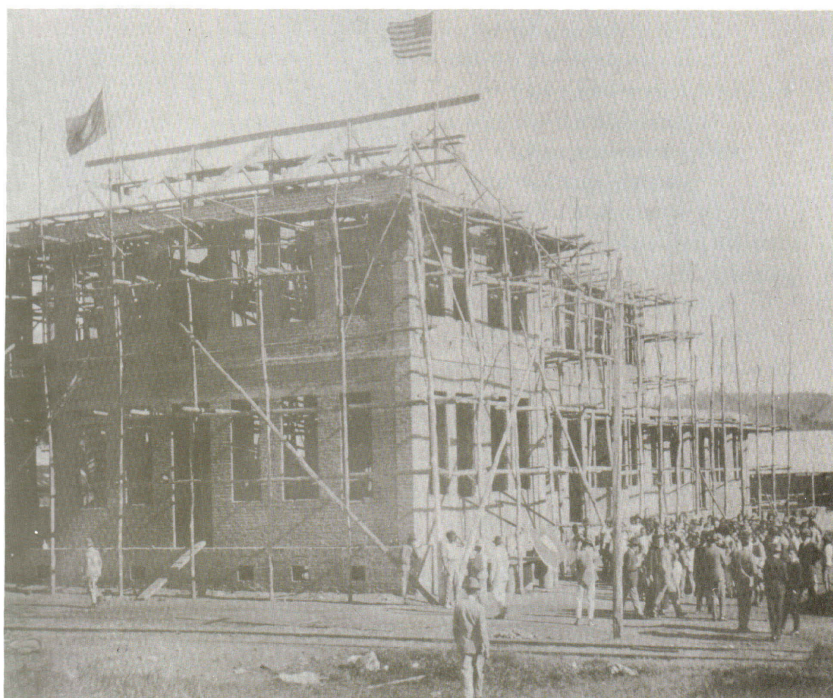


Figura 4: Prédio principal “Arthur da Silva Bernardes” em construção, na década de 1920
Fonte: LIMA et al, 1996, p.33

Os Estados Unidos faziam-se presente mesmo nos momentos da construção. As bandeiras hasteadas no topo do prédio principal, representando Brasil e Estados Unidos, demonstram a parceria entre estes dois países no ensejo de criar uma instituição capaz de elevar o nome de Minas Gerais nacionalmente, pautado num modelo arrojado de educação agrícola e difundir os métodos e técnicas norte-americanas mundialmente – tratava-se de uma ajuda mútua, onde os dois países saíam ganhando³.

Contudo, a influência que a ESAV obteve em âmbito nacional não se deu por acaso. A ESAV nasce portando a idéia de uma Escola agrícola em moldes modernos que proporcionaria a elevação do país através de sua agricultura, por meio do cultivo da imensa quantidade de terras brasileiras, intuito que estava alinhado com os objetivos nacionais e com o desejo da população brasileira que vivenciava aquele momento. Portanto, posso inferir que havia um terreno favorável para que a Escola lançasse suas bases e alcançasse o sucesso esperado, possibilitando uma hegemonia no ensino agrícola que repercutiu por vários anos.

Para se fazer forte e respeitada, para que todos lutassem em prol da ESAV de forma que a instituição crescesse no cenário nacional, a instituição lança mão de um dispositivo que será fundamental para criar um sentimento de pertencimento, uma identidade institucional, inculcando nos esavianos sentimentos que os levassem a contribuir com o progresso da instituição a nível nacional. Nesse momento fazia-se necessário formar a alma do esaviano, fato que criou um terreno fértil para a consolidação e propagação do Espírito Esaviano.

³ Os Estados Unidos eram recompensados, principalmente, pelas vendas de máquinas e produtos agrícolas para as várias instituições que seguissem seus modelos.

CAPÍTULO 2 – ESPÍRITO ESAVIANO: “FORMADOR DE ALMAS”

O Espírito Esaviano⁴ nasce dentro de uma instituição que estava imersa nos ideais que nacionalmente encampavam os discursos educacionais, quais sejam: regeneração da população; difusão dos ideais de modernidade, higiene, urbanização e civilização; e, fortalecimento econômico do país, principalmente formando pessoas relacionadas à área agrícola.

Nesse contexto, a ESAV tem o intuito de ser um ícone da ciência agrária no Brasil, sendo necessário em seu início recursos humanos e físicos que dessem suporte para receber o inovador método de ensino que importaram dos Estados Unidos – o modelo dos Land Grant Colleges. Pensando na excelência do ensino que seria oferecido pela instituição, a Escola foi povoada em seu início por professores de diferentes partes do mundo e do Brasil; além de funcionários e alunos que vieram de diferentes partes do Brasil, inclusive da própria Viçosa.

Essa variedade de pessoas que ocuparam a instituição trouxe consigo valores, atitudes, hábitos e comportamentos, que vão caracterizar uma cultura própria da população esaviana nascente.

[...] Pode-se verificar que a escola, cujos primeiros passos foram ancorados em valores importados, numa transculturação que, apesar de benéfica, não deixa de ser um tipo de invasão cultural, com o correr dos tempos começou a firmar sua identidade [...]. (PANIAGO, 1990, p. 152)

⁴ É importante ressaltar que as pessoas que ocupam a ESAV fazem parte do contexto caótico da primeira República abordado no capítulo I, que na perspectiva de José Veríssimo, são vistas como pessoas degeneradas pelo meio em que nasceram e viveram. Portanto, surge na instituição o Espírito Esaviano como forma de regenerar o aluno, formando sua moral que estava comprometida pelo convívio social, buscando criar uma identidade entre os membros da Escola gerando um sentimento de pertencimento e um Espírito de luta pelo seu sucesso e pelo desenvolvimento agrícola nacional; fatos que estão consonantes com o movimento histórico da época.

A diversidade cultural em que nasce a ESAV vai entrelaçar na pacata cidade viçosense, que naquele momento era constituída por poucos habitantes, influenciando a cultura desta. Não se trata de afirmar a imposição de culturas, mas identificar a presença de diferentes culturas que se imbricavam na constituição da cultura viçosense – cultura ímpar. Aproveitando o conceito de circularidade de cultura proposto por Ginzburg (1998), posso inferir a presença de culturas locais e regionais, nacional e estrangeira, as quais se entrelaçavam constantemente, o que não permite afirmar a existência de uma cultura apenas local ou regional, apenas nacional ou estrangeira, mas uma cultura híbrida, portadora de traços das diferentes culturas.

Essa diversidade cultural – hábitos, valores, comportamentos - em que surge a ESAV, assemelha-se ao clima vivido na Primeira República em que se buscou a criação de uma identidade nacional, compreendendo que seria a única forma de fortalecer a República, consolidando o regime que se instalara em 1889. Da mesma forma, pensando no fortalecimento da instituição que estava nascendo, sentiu-se a necessidade de criar um sentimento de pertencimento à instituição, uma identidade – não nacional, mas local, para que todos pudessem contribuir dando o melhor de si para o progresso da instituição, fazendo-a reconhecida nacionalmente e internacionalmente.

É nesse contexto que vai nascendo o Espírito Esaviano, como forma de homogeneizar os discursos entre alunos, professores e funcionários de modo que todos lutassem em prol do mesmo objetivo – era necessário “formar a alma” do esaviano. Desta forma, o Espírito Esaviano vai se fazer o elemento central para atingir os objetivos⁵ da ESAV, quais sejam: 1) formar trabalhadores e dirigentes para a agricultura; 2) formar missionários que propagarão seus conhecimentos e seu nome; 3) promover a formação moral, intelectual e física; 4) colaborar com o desenvolvimento econômico do Estado.

⁵ Tais objetivos foram construídos com base nas fontes encontradas e serão trabalhados ao longo desse capítulo, não de forma pontual, mas diluído.

Nesse lar forja-se uma mentalidade própria – o ‘Espírito Esaviano’ – árvore frondosa que evolui contínua e silenciosamente, para felicidade nossa, da agricultura e da Pátria (REVISTA SEIVA, nº 06, 1940, p.03).

Espírito pode ser compreendido como a própria alma do ser humano, a parte imaterial, a face sensível, o pensamento⁶. Está relacionado a um...

Estado de espírito – de alguém, de algum grupo, comunidade, povo... Quando digo ‘alma’ de um povo, estou me referindo a uma atmosfera, um ar que se respira, um sentimento, um comportamento, de um tempo e de um lugar, coisas que juntas (e sempre juntas!) vão possibilitar acontecimentos, fatos, como também podem explicar suas ausências (MORENO, 2001)

Nesse sentido, podemos entender por Espírito Esaviano a própria ‘alma’ de quem habitava a ESAV, cultivado por todos, caracterizando-se como uma atmosfera de princípios que se difundia pela instituição como forma de criar um ar de pertencimento ao lugar, despertando sentimentos e comportamentos que eram compatíveis com o que se esperava na ESAV: “Engajamento. Esta é uma palavra que representa muito bem o que significa o Espírito Esaviano. Os valores da ESAV tornavam-se hegemônicos, pois seus próprios alunos se transformavam em seus porta-vozes” (LIMA et al, 1996, p.49):

Definição: a exata, seria difícil, mas rodeá-la, porém, talvez não o seja. Espírito Esaviano é a vontade, a obrigação pessoal de fazer as coisas certas como devem ser, tendo em vista a defesa das tradições, do nome e do progresso da ESAV (JORNAL O BONDE, n. 82, 1948, p. 02.)⁷

Os esavianos buscavam uma definição para o que seria Espírito Esaviano, mas não conseguiam uma demarcação precisa de seu significado, sendo possível contorná-la, cercá-la, circundá-la. Sabe-se que simplório seria definir Espírito Esaviano apenas como *vontade e obrigação pessoal*.

Tais valores fazem parte de um conjunto mais amplo de valores que caracteriza esse ar de pertencimento, de engajamento que faziam da Escola um segundo lar. No Jornal O

⁶ Definição do dicionário Aurélio Séc. XXI, Ed. Nova Fronteira. (CD-ROM, versão 3.0)

⁷ Definição de Giacometti, aluno, no Jornal O Bonde, n. 82, p. 02, 1948.

Bonde (nº 45, 1947), encontra-se que “A sua origem, sem dúvida nenhuma, vem do espírito americano. Trabalhar em conjunto, cooperação e camaradagem, confiança recíproca e justiça, são os característicos deste êmbolo da vida esaviana [...]”.

Portanto, observa-se que o Espírito Esaviano mantém vestígios do espírito norte-americano, tais como cooperação, confiança e justiça, os quais são alguns dos valores que compõem esse espírito. Quando me refiro a esse espírito norte-americano, baseio-me no sentimento nacionalista que aflorou após a independência das treze colônias norte-americanas. Com a independência, observaram que criar uma identidade nacional seria fundamental para constituir-se uma nação. Nesse movimento, temos o presidente dos Estados Unidos, James Monroe, que em 1823 apresentava no congresso a mensagem anual, que ficou conhecida como “Doutrina Monroe”, na qual assinala a importância de desenvolvimento dos Estados Unidos, protegendo-se das nações européias, criando o célebre slogan “América para os americanos” (NEVINS E COMMANGER, 1986).

Nesse sentido, Buonicore (2002) vai compreender que o slogan mais apropriado seria “América para os norte-americanos”, pois os Estados Unidos vão buscar-se impor aos demais países americanos, ditando padrões de civilidade e modernidade do capitalismo emergente. Com esse espírito nacionalista, de defesa dos interesses do país, aliado às várias guerras vencidas pelo país no momento, temos uma atmosfera propícia para o surgimento e difusão de valores como cooperação, justiça, solidariedade, força física, entre outros que serão cultivados e constituirão o espírito norte-americano.

Em parte esse espírito foi trazido pelo professor Peter Henry Rolfs, pelos docentes estrangeiros que dirigiam os anos iniciais das atividades acadêmicas da instituição e pelos professores que buscavam seus treinamentos no exterior. Portanto, o Espírito Esaviano vai se consolidando e propagando pela necessidade de criação de um sentimento de identidade no

sentido de fortalecer os laços das pessoas engajadas no processo de desenvolvimento e progresso da instituição.

Se todos se unissem na disseminação do conhecimento produzido e apropriado pela ESAV, como verdadeiros porta-vozes da sua doutrina, os dirigentes da instituição acreditavam que nasceria uma nação agrícola sólida no país a ponto de promover um desenvolvimento econômico como nunca visto anteriormente, sendo possível elevar o país ao nível das grandes potências mundiais.

O fortalecimento dos laços está diretamente ligado ao sentimento de família. Os esavianos – professores, funcionários e alunos – tinham a Escola como uma mãe, para a qual deveriam envidar todos os esforços com intuito de engrandecê-la, agradá-la e divulgá-la para as diversas partes do Brasil. Essa idéia de família vai constituir um dos traços importantes do Espírito Esaviano, uma vez que contribui para formar sentimentos úteis ao progresso, tais como cooperação, respeito, solidariedade, honestidade, entre outros; os quais foram essenciais para a formação da “alma esaviana”.

Quando, ainda, não pertencia a esta comunidade e apenas por informações conhecia a ESAV, já ouvira falar do Espírito Esaviano. Soubera que, aqui, o ‘um por todos e todos por um’ era um fato; que a cooperação era o esteio que mantinha de pé o bom nome e o conceito desta Escola. (JORNAL O BONDE, n.º82, 1948, p.02)

Observem que o sentimento que encampa o discurso sobre Espírito Esaviano está pautado em tudo que converge para criar um clima de harmonia, doação. Portanto, o ‘um por todos e todos por um’ fazia-se um lema importante entre os esavianos, pois contribuiria para a consolidação do estabelecimento. Esta propagação da ESAV não ficava geograficamente limitada à Viçosa ou Minas Gerais, mas alcançava as diversas partes do Brasil e algumas do exterior, e juntamente com sua propagação, temos a disseminação do Espírito Esaviano que era compreendido como o ponto principal do sucesso da instituição. Seu nome era veiculado como uma das mais importantes instituições agrícolas do país, o que criou um ambiente em

que o ingresso na ESAV passava a ser um sonho de muitos brasileiros, pois a mesma se fazia uma instituição respeitada e almejada:

ESAV foi meu sonho de garoto, sonho que se concretizou afinal. Criado no campo, tendo-lhe grande apêgo, dedico-lhe sincera amizade. Este sentimento que surgiu leve, imperceptível, teve como consequência, o meu sonho de garoto. ESAV foi para mim velha namorada almejada, quase sempre distante e, enfim, depois de tantos obstáculos vencidos, conseguida [...]. (JORNAL O BONDE, n.º. 77, 1948, p.02).

Instituição de caráter agrário, recebia uma atenção especial dos agricultores. Respeitada, muitos agricultores enviavam seus filhos para receberem a “excelente formação” que tal instituição oferecia. Pensar na formação dispensada pela ESAV é falar na formação teórico-prática em relação às disciplinas relacionadas a área específica, aliada à formação física, moral, cívica e disciplinar. Acreditava-se que somente oferecendo uma formação mais abrangente, que não se limitasse à esfera intelectual, seria possível lançar pessoas capazes de atuarem nas diversas regiões contribuindo de forma eficiente na propagação da agricultura do país:

A ESAV é uma oficina de homens. Todos eles, ao iniciarem aqui seus estudos, são crianças grandes que trazem de suas cidades o colorido da vida ginásiana, ou de suas fazendas, os segredos da rotina e da ignorância. Uma vez aqui, o trabalho na fabricação deste produto escasso, que é o engenheiro agrônomo, o técnico agrícola e o administrador rural, começa intenso e orientado. Professores, veteranos e funcionários são todos mobilizados para a fusão desta matéria prima tão complexa, tão cheia de impureza. Uma vez obtido o guza humano é este submetido a ação de alta temperatura e certos agentes para atingir sua fase final, passando em laminadores de onde é lançado, ainda cintilando, aos 8.500,000 Km² de terras brasileiras: terras planas, montanhosas, terras secas e pantanosas, ricas e pobres, florestas e campos, pampas e rios. O produto tem alta cotação no mercado, o seu rótulo ‘Made in ESAV’ é a senha para todas as portas. (JORNAL O BONDE, n.º 45, 1947)

A ESAV era formadora de homens. Não qualquer tipo de homens. Homens capacitados para atuarem, serem aceitos e respeitados em qualquer lugar do Brasil; privilegiados, logicamente, pela formação que da Escola receberam. O “made in ESAV” nos mostra que o aluno esaviano entra na instituição para ser fabricado, sendo inicialmente uma

matéria-prima, cheia de impureza que será trabalhado pela instituição até chegar à fase final que seria o aluno pronto para ser colocado no mercado, o qual estaria apto a difundir a doutrina agrícola esaviana pelas grandes extensões de terras brasileiras.

Nesse processo de formação do produto esaviano, a instituição pautava-se numa formação abrangente – pautada num ensino teórico prático, considerando as dimensões morais, cívicas, intelectuais e físicas; a qual seria responsável pela regeneração do ser humano imperfeito que entrava na instituição, para, depois de regenerado das mazelas sociais que o atingiram desde o nascimento⁸, pudesse ser um profissional competente não apenas na área técnica da agricultura, mas também na arte de viver a vida como um cidadão formado dentro dos preceitos de moral, civilidade e responsabilidade que o Espírito Esaviano poderia constituir. Nesse sentido, o professor Rangel afirma nas páginas do livro “ESAV 1939”, que:

o esaviano não pode ser apenas um profissional competente. Deve ser, ao mesmo tempo, um homem digno e um cidadão cômico dos seus deveres. Ao deixar a ESAV leva consigo o elevado ideal trabalhador não só para si, mas, principalmente, pela sua coletividade, enobrecendo assim ainda mais a nobre profissão que abraçou. (ESAV, 1939, [s/p])

Essa formação diferenciada oferecida pela ESAV, permitindo ao profissional esaviano ser aceito em “terras planas, montanhosas, terras secas e pantanosas, ricas e pobres, florestas e campos, pampas e rios” não poderia ser possível se não fosse oferecida por um conceituado modelo educacional. Para isto, foi trazido para o Brasil o professor norte-americano - Peter Henry Rolfs – para implantar o modelo agrícola consagrado nos Estados Unidos. Com o professor Rolfs e com o modelo educacional norte-americano veio toda uma concepção de educação e de homem:

(...) quem é Dr. Rolfs? Responderei, então: - perguntem as nossas construções, aos nossos campos, às nossas árvores, e, tenho certeza, tudo isto que constituí a nossa ‘alma mater’, lhes responderá na sua nudez estática e sublime, falando a linguagem simples da gratidão. O Dr. Peter Henry Rolfs,

⁸ Confira item 1.1, onde se encontra a definição do caráter do brasileiro emitido por José Veríssimo.

foi mais do que nosso chefe dedicado, mais do que nosso orientador, mais do que nosso técnico, mais do que aquele que nos adaptou aos moldes das Universidades Americanas, mais do que nosso amigo, foi o nosso pai. (REVISTA SEIVA, nº 10, 1942, p.23)

O professor Rolfs foi uma figura essencial para a propagação da instituição. Sua postura moral, cívica e intelectual frente aos alunos e funcionários lhe garantiu respeitabilidade frente aos esavianos, fazendo-se um ícone em quem deveriam se espelhar para que um dia brilhassem como ele. Nesse sentido, com seu modo de agir, falar, vestir, transmitia aos esavianos uma maneira de comportar-se, contribuindo assim com a formação dos alunos segundo os valores, atitudes e comportamentos necessários à Escola na época. Com toda esta identidade criada entre alunos, funcionários e até professores para com Peter Rolfs, podemos inferir que todos tinham a figura do Rolfs como um símbolo, como um herói que adaptou a Escola de Viçosa e seus integrantes aos moldes norte-americanos:

“[...] Heróis são símbolos poderosos, encarnações de idéias e aspirações, pontos de referências, fulcros de identificação coletiva. São, por isso, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos a serviço da legitimação de regimes políticos. Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico (...) Como a criação de símbolo não é arbitrária, não se faz no vazio social, é aí também que se colocam as maiores dificuldades na construção do panteão cívico. Herói que se preze tem de ter, de algum modo, a cara da nação. Tem de responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva, refletir algum tipo de personalidade ou de comportamento que corresponda a um modelo coletivamente valorizado” (CARVALHO, 1998, p.55).

Rolfs não se fez uma pessoa respeitada e amada pelos alunos por acaso. Portava a idéia de uma Escola agrícola em moldes modernos que proporcionaria a elevação do país através de sua agricultura, por meio do cultivo da imensa quantidade de terras brasileiras. O momento fazia-se propício para o lançamento da modernidade proposta por Rolfs, uma vez que se tratava do período áureo da modernização da agricultura⁹. Portanto, atingiu o coração e a mente dos esavianos fazendo-os enraizar suas idéias e aspirações como uma identidade

⁹ Confira item 1.2, quando Carneiro Leão define o tipo de educação necessária ao progresso do país.

coletiva, que se constituía no ar de pertencimento que transitava pelos lugares esavianos, almejando sempre o progresso da ESAV, de modo a consolidar a profissão.

Para atingir o coração e a mente dos esavianos, a Escola pautava-se em diferentes práticas como forma de materializar e difundir o Espírito Esaviano. Uma delas trata-se da própria postura de professores e diretores que ocupavam aquele espaço. Havia uma cobrança constante com “educar pelo exemplo”, onde as pessoas deveriam ter uma disciplina e uma moral digna da alma esaviana de modo que a postura dos professores contribuísse para criar nos alunos e funcionários uma consciência que os fizessem sentir como responsáveis pela instituição.

As reuniões gerais também se constituíam em práticas efetivas de propagação do Espírito Esaviano. Tais reuniões foram estabelecidas no regimento da Escola de 1927 e instituía uma reunião geral por semana, de curta duração, envolvendo todos os alunos da Escola, a fim de que fossem ministradas instruções de ordem moral, cívica e higiênica. Entretanto, no transcorrer do ano de 1927, o regulamento¹⁰ não foi fielmente seguido, sendo encontradas divergências quanto ao número de reuniões gerais semanais, o que nos mostra uma maior ênfase na formação moral, cívica e higiênica dos alunos que iniciavam seus cursos na ESAV:

Durante todo o semestre lectivo foram feitas, *nos dias úteis*, palestras sobre a hygiene, moral e civismo. Por esse meio foi ministrado o ensino destes importantes assumptos. Todos os alumnos e professores se reuniam, e o Director, Vice-Director e Professores revezaram-se em fazer as preleções. Estas foram sempre curtas, de quinze a vinte minutos, e de natureza prática. Realizou-se uma prova escripta sobre a matéria destas palestras, para que os alumnos prestassem cuidadosa atenção.

¹⁰ Como se tratava do primeiro regulamento seguido pela ESAV, sentiram que uma reunião geral era pouco, sendo, portanto, instituído, através de uma relação de costume, diariamente. A nova frequência das reuniões gerais, diariamente, foi instituída legalmente através do regulamento de 1931 que previa: “*Realizar-se-à, nos dias úteis, uma reunião geral com a duração máxima de quinze minutos, à qual comparecerão, sob a presidência do Director, todos os professores e alunos do estabelecimento*”. É importante ressaltar que além de garantir a expansão da frequência semanal, o regulamento de 1931 institui novos temas a seres tratados na preleção, não ficando restrito à educação moral, cívica e higiênica, mas: moral, civismo, economia, administração e sociologia. Retirar-se a hygiene que não fazia mais um perigo para a população esaviana, e institui novos temas que necessitariam de melhor lapidação.

O ensino dado nessas palestras foi de máxima importância para os que serão, brevemente, os ‘leaders’ do Estado. Ficamos satisfeitos com o melhoramento manifestado pelos alunos, e que foi, em grande parte, devido a tais preleções.

Dividiram-se os assuntos, mais ou menos, na seguinte ordem:

Dr. Rolfs – Civismo geral, especialmente, para ampliar as idéias dos alunos.

Dr. Lisboa – Civismo dos alunos, mais restricto aos seus deveres, como membros do Corpo Discente.

Dr. Rehaag – Saúde e hygiene.

Dr. Mello – Ensino Moral, especialmente, com relação aos esportes. (Relatório Anual escrito por Peter Henry Rolfs, 1928)

Tal citação é recorrente do relatório anual apresentado pelo Professor Rolfs em maio de 1928, referente às atividades realizadas no ano de 1927. Esse documento nos mostra que as reuniões gerais aconteceram diariamente, em forma de preleções, com sessões de quinze a vinte minutos, ministradas pelo Diretor, Vice-Diretor e professores que versavam sobre temas referentes ao ensino moral, cívico e higiênico. O acréscimo da frequência semanal pode nos indicar uma dificuldade dos alunos em assimilar o ideário esaviano, uma vez que, por se tratar do ano inicial de funcionamento da instituição, era preciso não poupar esforços no sentido de homogeneizar os diferentes comportamentos e hábitos trazidos pela diversidade cultural de alunos provenientes das várias regiões.

Após o primeiro período de aulas havia uma Reunião Geral diária obrigatória, da qual participavam todos os alunos e professores, sob a presidência do Diretor. Durava de quinze a vinte minutos. Em cada reunião falava um professor previamente escalado, sobre assuntos gerais de livre escolha. (...) Era a hora do entendimento profissional, que tinha por princípio os melhoramentos da semente, do animal e do homem e principalmente a preservação da natureza. Além disso, como não podia deixar de haver, era cultuado o amor à Escola e aos seus princípios, bem como à dignidade no comportamento individual. Assim, surgiu o ‘Espírito Esaviano’, que consolidava a união de todos em torno do bem da comunidade brasileira. (PAVAGEAU, 1991, p.05)

As reuniões gerais eram obrigatórias, encaixadas após o primeiro período de aulas, provavelmente para que não possibilitasse ausência dos alunos, e eram transmitidos, além de ensinamentos morais, cívicos e higiênicos, assuntos relacionados ao aspecto

profissional, sempre valorizando o amor pela instituição – fato essencial para promover a consolidação do Espírito Esaviano.

Durante muitos anos a preleção constituiu-se como um momento importante para a divulgação dos ideais esavianos. Entretanto, em 1939 foi sentida uma crise nas preleções diárias quanto ao assunto a ser transmitido. “As reuniões gerais eram diárias e os sete professores dos primeiros tempos clamavam sempre, em altos brados, contra a crise das mais apertadas por que já passou a nossa ESAV: a crise de assuntos para preleções” (ESAV, 1939, [s/p]). Não encontravam mais novos assuntos que contribuíssem para com os ideais da Escola. O repertório estava esgotado. Precisava-se repensar a frequência semanal das palestras, o que não significa que as preleções proclamadas várias vezes sobre mesmo assunto não sejam importantes, pelo contrário, contribuiu muito para incutir nos esavianos um sentimento de pertencimento à instituição; mas chega um ponto que se torna necessário renovar, diversificar. Fruto desta crise de assunto e da consolidação do Espírito Esaviano na instituição, encontra-se uma nova frequência de reuniões gerais no regulamento de 1947, o qual instituiu duas preleções semanais.

Não devemos pensar que as preleções deveriam abranger apenas os alunos. Como a ESAV era formada de alunos, funcionários e professores, cabe-nos pensar que os funcionários também recebiam orientações.

Uma vez por semana estes servidores são chamados pela diretoria para uma reunião que, habitualmente, tem duração de 20 a 30 minutos. Em tais reuniões, o Diretor expõe diversas questões de administração geral da Escola às quais dependem da cooperação dos encarregados. Além dessa parte, as reuniões têm ainda uma finalidade educativa muito elevada. Nelas o diretor expõe os planos das diversas campanhas que se devem processar freqüentemente, em todo o Estabelecimento, no sentido de melhorar as condições e hábitos de vida dos servidores mais humildes – os operários (ESAV, 1939, [s/p])

Tratava-se de reuniões semanais, em que se objetivava consolidar o Espírito Esaviano entre os operários. Procura mostrar aos servidores que a cooperação era o esteio que

mantinha a instituição, e que esta cooperação permitia realizar tarefas que individualmente tornava-se inviável. As condições e hábitos de vida dos operários eram pontos de discussões, fato que, somado a tudo que foi exposto até o momento, permite inferir que o Diretor tinha o intuito de mostrar que a Escola se importava com os operários e com os alunos, de modo que estes também deveriam se importar e cuidar da Escola. Como a instituição os acolhia, eles também deveriam acolher a instituição, e fazer de tudo que fosse possível para elevá-la ao mais alto grau de distinção, assim como a instituição estava buscando fazer com os alunos e funcionários. Cria-se assim um sentimento de engajamento.

Outras práticas foram incentivadas na ESAV para veiculação do Espírito Esaviano. As festas cívicas sempre foram momentos de confraternização, alegria, união e de fortalecimento do sentimento de amor à Escola, à agricultura e à Pátria. Havia jogos, brincadeiras, práticas esportivas, louvor à Escola e à Pátria, reforçando o compromisso dos esavianos com sua mãe querida – a ESAV.

Não podemos pensar apenas nas festas cívicas, pois existiam outras festas que contribuíam para a constituição da ESAV como uma grande família. “Realizou-se, no dia 13 deste, a nossa tradicional festa da colheita. Para o esaviano é um dia especial, um dia cheio de alegria. Nesta data se reúne toda família esaviana, do operário ao aluno, todos com o mesmo sorriso alegre e sincero nos lábios.” (JORNAL O BONDE, n°130, p.06).

Com objetivo de tornar mais rápido, mais prático e sobretudo mais eficiente o seu trabalho junto aos servidores, a Escola promove, aos domingos, os Vesperais que são festas de alegria, de recreio e ao mesmo tempo de civismo, de instrução e de educação. São organizadas nas noites dos Domingos, geralmente das 7 às 8 horas e 30 minutos no máximo, com programas semelhantes a este que transcrevemos: 2° Vespéral - Em 6 de Novembro de 1938 – às 7 horas da noite.

Programa – Convite

1° Abertura – pelo Professor Geraldo Corrêa

2° Música – pelo grupo salgadinho

3° Rouxinol do Carvalho – poesia pela senhoria Clotilde de

Andrade

4° A canção do boizinho que nasceu no mês de maio – pelo Sr. José Candinho

5° Conselhos sobre higiene exterior do corpo – pelo Dr. Raymundo Faria

6° Ai, meu Deus, que violões – pelos Srs. Casiano, José Candinho, José Rodrigues e Cia.

7° Minha sanfona – Mazurea, pelo Sr. Giovanni Amorim.

8° Alsa Manulita – pelo Sr. Manuel de Andrade, acompanhado ao violão pelo Sr. José Candinho.

9° Projeção” (ESAV, 1939, [s/p].)

As festas eram momentos de confraternização, entre professores, funcionários e alunos, promovendo momentos educativos que visassem à formação do cidadão esaviano. Havia momentos de poesia, canções e de instrução, seja de higiene, como neste 2° Vespéral, ou de educação moral, cívica que outras comemorações dominicais possibilitavam.

Várias festas fomentavam o Espírito Esaviano. Entretanto, era o alojamento que se fazia o berço desse Espírito, já que era onde se encontrava a maior parte dos alunos.

O rosto do Espírito Esaviano era o internato. Os instrumentos pelos quais se mantinha a disciplina física e ideológica eram vários: competições, congressos, cerimônias comemorativas do dia da árvore, dia da juventude, dia da Pátria etc... sem falar das atividades culturais ligadas ao Centro de Estudantes, que tinham na revista ‘Seiva’ e no Jornal ‘O Bonde’ bons divulgadores de sua ideologia e excelentes aparelhos de engajamento. (LIMA et al, 1996, p.49)

Geograficamente unidos num só prédio, permitia o contato entre os diversos moradores, transmitindo entre eles seus sonhos, suas angústias, suas histórias de vida, seu compromisso com a instituição. Os moradores do alojamento tratavam-se como uma família esaviana. A união, honestidade, cooperação, sinceridade, eram valores cultivados entre os diversos alunos que ocupavam aquele espaço, mesmo porque o alojamento era baseado na consciência individual, afastando o castigo físico como método punitivo. Não significa que não havia disciplina, pelo contrário, por meio de uma disciplina rígida, e da crença de que cada aluno era responsável pelas suas ações, o internato logrou êxito e ficou conhecido em vários lugares do país por se pautar em um método moderno de disciplina: na consciência dos alunos.

A proximidade nos alojamentos proporcionava uma intimidade que contribuiu para a proliferação de apelidos entre os alunos, sendo que os mesmos passaram a se fazer uma constante entre os esavianos. Devido ao pequeno número de alunos, permitia um contato próximo entre todos, sejam do internato, do semi-internato ou do externato. Confidenciavam os problemas da vida esaviana, mas também problemas íntimos com as namoradas, ou com a família de onde vieram. Esse ambiente criado na instituição, em que os alunos se conheciam, se confidenciavam, contribuiu para que o Espírito Esaviano permanecesse aceso durante os anos da ESAV.

Os impressos vão constituir-se em importante prática para divulgação do Espírito Esaviano. Sabemos que o contato entre os alunos fazia-se um instrumento de propagação dos ideais da instituição, mas foi o advento da Revista “Seiva”, em 1940, e do Jornal “O Bonde”, em 1945, que deu mais força à divulgação do Espírito Esaviano. Periódicos escritos por alunos, com participação de professores, apresentavam artigos com relação ao Espírito Esaviano; ressaltavam as virtudes de diretores e professores esavianos; destacavam as vitórias conquistadas pela ESAV e por seus alunos e professores; divulgavam festas, ressaltando sobre sua importância; enfim, faziam-se importante instrumento ideológico de engajamento de alunos e professores na família esaviana.

Foi com a contribuição desses inúmeros meios de divulgação do Espírito Esaviano que tal Espírito chegou a ser vivido e sentido por todos na instituição durante anos e anos. Tratava-se de um sentimento de pertencimento tão forte, que chegava a ser ufanista. Os alunos realmente se engajavam na tarefa de agradar a ESAV, fazendo de tudo que fosse possível para elevar seu nome.

[...] cabe tão somente a nós mesmos. Cooperando com tudo aquilo que sirva para engrandecer o nome da ESAV; deixando de lado, nessas ocasiões, a mesquinhez das diversões mundanas, poderemos, com orgulho, dizer que reforçamos aquele esteio prestes a ser derrubado, e que aquele espírito que regia os que antes se assentaram nos bancos que hoje ocupamos continua

inabalável, para maior glória desta Mãe carinhosa que, dêste modo, mais se orgulhará de seus filhos. (JORNAL O BONDE, n.º 82, 1948, p.02)

Os esavianos pregavam a dedicação a tudo que contribuísse com a Escola. Havia uma preocupação constante entre eles no sentido de juntar as forças, deixando de lado tudo que não fosse útil para o progresso da ESAV, convergindo seus esforços para garantir a *glória da mãe carinhosa*. Observem que esse discurso está afinado com a busca de um modelo mais avançado de civilização, ressaltando novos comportamentos, hábitos e atitudes que não se faziam presentes no homem do campo. Por isso, formar a moral, o civismo e incentivar a disciplina eram fatores fundamentais para o sucesso da instituição.

[...] Todos vocês sabem o quanto amo a nossa Escola. É uma parte do meu ser, um pedaço da minha alma. São terríveis os momentos que vivo presentemente. A fatalidade me afastou de vocês e dos velhos edifícios, de meus mestres e do espírito sadio e trabalhador que se abriga nesse recanto da acolhedora Minas Gerais. [...] A todos vocês, esavianos amigos, colegas professores e operários, que para mim sempre foram tão bons, o meu abraço. Onde quer que esteja serei sempre um amigo sincero de tudo que diz respeito à nossa Escola. Perdoem-me as más ações. Eu viverei eternamente a felicidade de ter sido aluno da ESAV. (JORNAL O BONDE, n.º 103, 1949, p. 04.)¹¹

Emanava na ESAV um sentimento profundo de comunhão da instituição com seus habitantes, de modo que para muitos que lá se instalavam, a instituição fazia-se parte do próprio ser; o qual ficaria incompleto quando se fazia obrigado a desligar da instituição. Observamos na citação acima um esaviano que foi obrigado a retornar à sua terra natal por ter sido acometido por uma grave doença, fato que causou grande decepção, pois afinal, teve que abandonar seus amigos esavianos, mestres, operários e o espírito sadio e trabalhador que vagava pela instituição.

Para ele, a gratidão por ter pertencido a ESAV fazia-se eterna, e sentia-se culpado pelas más ações que cometeu enquanto aluno, não contribuindo como poderia, para o progresso da instituição; o que nos permite, novamente, inferir uma difícil assimilação já que

¹¹ Trata-se do aluno Geraldo Gomes de Barros, In: Jornal o Bonde (n.º 103, 1949, p. 04).

não foi plenamente solidário com o ideal da Escola. Além de tudo, o sentimento criado pela difusão dos valores do Espírito Esaviano estava tão presente dentro de cada esaviano, que quando não se entregava por inteiro à tarefa de contribuir com a instituição, sentia-se em falta com a mesma, sendo possuído por sentimentos de culpa, de irresponsabilidade, de negligência.

Nota-se que o ambiente criado pelo Espírito Esaviano contribuía para que todos se unissem proferindo em favor da Escola, buscando sempre fazer o melhor para sua instituição, seu segundo lar. Nesse sentido, o professor Edgard de Vasconcellos Barros, escreve na década de 30, um poema caracterizando a ESAV. Retrata de forma precisa a representação que faziam da Escola, quais as funções dos esavianos, e qual a contribuição da instituição para com a Pátria:

ESAV

Edgard de Vasconcellos Barros – professor da ESAV

Templo soberbo, de áticos labores,
Cuja cimeira as asas dos condores
Roçam, librando no ar...
Partenon de gigantes sonhadores,
Que a brisa leve, sussurrando amores,
No céu, beija ao passar...

A grandeza dos gregos, dos helenos,
Revive nos teus pórticos amenos
De lindos capitéis,
E a minha lira, nestes pobres trenós,
Não pode nem sequer cantar, ao menos,
Os teus grandes lauréis...

Templo de luz, de amor, templo bendito,
Que tens a benção santa do infinito
Na proteção de Deus,
O Brasil há de ouvir, por fim, teu grito,
Rolando do teu peito de granito,
Na voz dos Prometeus...

Pouco importam das lutas os tormentos,
As canceiras e os grandes desalentos
Que tu tens de sofrer,
Pois em meio dos teus abatimentos

Deus te segreda pela voz dos ventos:
‘um dia hás de vencer’

O teu destino, a tua trajetória,
Hão de ficar um dia em nossa história
Como um grande penhor,
E havemos de cantar tua vitória,
Nimbados pela luz da tua glória,
Como um hino de amor...

*Os teus filhos serão teus missionários,
Que irão levar pelos sertões lendários
Teus novos evangelhos
E hás de ver, arrostando mil fadários
Os moços sonhadores, visionários,
A doutrinar os velhos...*

*E há de crescer, então a agricultura,
A fonte de riqueza e da fartura,
De onde nos vem o pão,
Que é a síntese eucarística e mais pura
Da grandeza, que a Pátria, em vão, procura,
E que tu tens na mão...*

Sê, pois E.S.A.V. altiva e sobranceira
A nossa destemida pioneira
Nesta grande escalada
Para que, um dia, a Pátria brasileira
Possa mostrar-se pela terra inteira
Unida e respeitada
(ESAV, 1939, [s/pg])

A Escola era compreendida como um templo sublime, distinta, única. Suas pilastras que enfeitam a entrada principal da Escola simbolizam a grandeza dos povos antigos – gregos, helenos; como grande nasceu a ESAV pautada em novos métodos de agricultura que almejavam alavancar a agricultura através de sua aplicação. Fazendo-se um templo de luz, de amor, sempre foi abençoada e protegida por Deus, sendo que mesmo nos momentos de tribulações, tinha-se sempre a certeza que um dia a Escola venceria.

A ESAV foi gestada para o desenvolvimento da agricultura nacional. Nesse projeto, os esavianos teriam a missão de difundir os ensinamentos transmitidos pela instituição, se fazendo missionários dos novos conhecimentos que revolucionariam a agricultura tradicional, e que eram compreendidos como um evangelho, a ser seguido pelos

“velhos”; disseminados pelos ex-alunos esavianos, que se constituiriam em moços sonhadores, visionários, contribuindo com o fortalecimento da agricultura nacionalmente.

Com a difusão da agricultura proposta pela ESAV, criar-se-ia uma nação agrícola unida e respeitada. A agricultura é compreendida como a “fonte de riqueza e da fartura”, de onde sai o alimento necessário à sobrevivência do cidadão brasileiro. Alimento, que segundo o professor Edgard, a nação procura em vão e a ESAV a tem nas mãos.

Toda essa fala do professor reforma a vocação agrícola do país, acreditando que a agricultura seria a diretriz para diminuir os problemas nacionais. Nessa difusão da vocação agrícola, o Espírito Esaviano foi o cimento¹² necessário para fortalecer os laços esavianos, inculcando sentimentos que os levariam a exercerem a função de missionários, contribuindo para a propagação da agricultura nacional.

Cultivado e propagado por todos na instituição, o Espírito Esaviano foi considerado a mola mestra do progresso da ESAV, sem a qual a mesma já teria suas bases ruídas e estava fadada ao insucesso: “Não contasse a Escola com a força, motriz e potencial, infinitamente grande do Espírito Esaviano e não teria por certo resistido ao terrível ataque de anemia do qual foi vítima no período trevoso que deixou de existir a um ano atrás” (JORNAL O BONDE, n. 45, 1947, p. 01). Observem que estamos falando de 1946, período que Ribeiro (2004) indica algumas iniciativas que foram tomadas para deixar a crise financeira que se instalou na instituição em meados dos anos 30, gerando dificuldades com a manutenção do funcionamento regular da instituição.

A autora ainda nos indica, segundo relatos de ex-alunos e ex-professores, que a crise teve como momento decisivo a transferência do curso de Medicina Veterinária para a UFMG, em 1942, e os diversos acordos de cooperação realizados com as diferentes instituições norte-americanas em meados dos anos 40, fatos que contribuíram com a retomada

¹² “Cimento” no sentido encontrado no item 1.1, proposto por Carvalho, 1998.

da instituição. Em todo esse processo, acredita-se que o Espírito Esaviano tenha sido decisivo na manutenção da instituição, que esteve prestes a ser desativada.

Tal espírito, que muito contribuiu para a consolidação e difusão da ESAV pelo país, transpassou todo período esaviano. As fontes vão indicar que ele veio se diluindo ao longo dos anos, entretanto, acredito que ocorreram várias mudanças estruturais na instituição permitindo que se materializasse de outra forma, em outros espaços e ações:

Como é que um instrumento de controle e disciplinização tão bem sucedido que fazia com que os próprios alunos interiorizassem os valores da instituição não conseguiu sobreviver até os setenta anos da mesma Escola? As respostas são várias: Passam pelo regime do internato antigo, que hoje não encontra nas regras seguidas nos alojamentos as mesmas normas rígidas de uma época que já passou. O tempo passa, assim como as épocas que se distinguem umas das outras no panorama da história. Os professores, diretores, funcionários, estudantes, todos que viveram a ESAV da década de 20, 30, 40; a URMG de 50, 60; a Viçosa pequenina com seu cinema, seu jardim, enfim, sua época estampada de vez num quadro do passado singularizado por algo que é invisível, mas perceptível àqueles que o compartilharam, foram possuídos por ele: o Espírito Esaviano. (LIMA et al, 1996, p.49-50).

Observe que uma das mudanças relaciona-se ao alojamento, que no início fazia-se o rosto do Espírito Esaviano, pautando-se na disciplina rígida; que com o passar dos tempos teve sua dinâmica alterada¹³. Outro fato importante diz respeito ao contexto histórico, que se alterou no decorrer dos anos, mudando os personagens, as estruturas que possibilitavam a presença do forte sentimento na instituição.

A cidade de Viçosa que no início fazia-se pequena, havia crescido, dificultando o contato entre os esavianos e viçosenses. A família esaviana constituída por professores, funcionários e alunos havia modificado¹⁴ tanto que as aspirações passaram a não ser mais as mesmas.

¹³ Falta de normas rígidas, aumento do número de alunos que dificultava o contato entre os mesmos, etc.

¹⁴ Modificado, tanto no aspecto de número de professores, quanto no aspecto de vinculação com os ideais da Escola.

As turmas regulares que existiam na ESAV, permitiam que os alunos se encontrassem sempre no mesmo espaço, sendo que as aulas se davam diariamente até às 16h30min, o que permitia o restante do dia para se reunir, escrever para a família, ir à cidade, além de praticar esportes. Tudo isso que havia contribuído para a propagação do Espírito Esaviano até 1948, começou a se desfazer, pois na década de 60 – basicamente com a reforma da Educação Superior em 1968 – instituiu-se currículos diferenciados, salas em locais diversos, horários diferentes, levando a uma dissolução do clima familiar que havia entre os esavianos.

Não pretendo estender nas análises sobre o período Pós-ESAV. Cumpre afirmar que o Espírito Esaviano permaneceu forte durante o período da ESAV, entretanto, atualmente não se percebe a mesma estrutura existente que contribuiu para sua consolidação e propagação; contudo, acredito que ele ainda existe, de outra forma, com outros códigos, com outras formas de propagação.

Importa compreender que o Espírito Esaviano, nascido com a ESAV, permaneceu forte durante todo seu período (1926-1948) e foi essencial para atingir os objetivos da instituição. Contudo, encontrei uma série de subversões na instituição que nos indica que a realidade é complexa, repleta de contradições, o que me direcionou a uma questão: será que foi possível homogeneizar completamente os discursos e as ações dos esavianos? Veremos que não! Várias insubordinações vistas anteriormente – seja por indisciplina nos alojamentos; seja por confissão da realização de más ações contra a Escola por parte de alunos; seja por burlar o regulamento aumentando a frequência de preleções gerais que contribuía na formação do esaviano, contribuía para mostrar que nem sempre o discurso difundido pela instituição foi perfeitamente assimilado pelos seus componentes.

O regulamento de 1927, em seu artigo nº 174, prevê que “a qualquer aluno ou empregado será vedado o uso de armas proibidas”; entretanto, no próximo regulamento,

instituído em 1931, encontramos no seu artigo nº 180 que “a qualquer aluno ou servidor do estabelecimento será vedado o uso de armas proibidas, os vícios do jogo e do álcool”. Observe que além das armas proibidas, foram suspensos os vícios do jogo¹⁵ e do álcool, provavelmente porque se fazia uma constante entre a comunidade esaviana, sendo uma ameaça para a constituição de uma instituição respeitada, moderna, civilizada, ícone no progresso agrícola.

Nas atas de 1929 encontrei várias ocorrências de fraude nos exames - “colas” – as quais eram punidas com suspensões variando de 2 a 7 dias. Outro aluno foi punido, com 60 dias de suspensão, por se afastar de Viçosa e ir até Coimbra – cidade vizinha de aproximadamente 20 km de distância – onde permaneceu 2 dias.

O caso mais “grave” encontrado nessas atas foi a suspensão de um aluno por todo o período por ser encontrado em atitude homossexual, onde beijava um colega em pleno jardim da instituição. Logicamente não podemos considerar o ato homossexual como uma forma do aluno burlar os valores propagados pelo Espírito Esaviano, mas podemos considerar que a instituição puniu o aluno por estar desalinhado dos valores morais esperados pela mesma.

Ainda as atas de 1929 vão regulamentar o que são entendidas por brincadeiras de mau gosto: “são de mau gosto as brincadeiras de caracter grosseiro. As brincadeiras devem ser de tal sorte que não produzem inimizades ou injúrias físicas”. Proibiu-se o uso do fumo nas aulas e trabalhos escolares, no edifício principal e no dormitório, com exceção do refeitório. As várias regulamentações encontradas nas atas vão mostrar que as normas e regulamentos eram os meios mais utilizados de “controlar” os esavianos, de inculir neles princípios alinhados com o civilizado, com o moderno, com a instituição que se queria formar.

¹⁵ Confira item 1.1, quando mostro que o jogo de azar teve um surto enorme na Primeira República como forma de ganhar a vida numa sociedade instável, de difícil sobrevivência.

No campo esportivo não era diferente. Em 1929 um aluno foi punido por: “proceder mal, desrespeitando seu colega, dirigindo insulto à sua família, além de faltar com a consideração devida ao seu diretor dos Esportes à Diretoria da Escola”. Contudo, é importante termos em mente que o Espírito Esaviano contribuiu na constituição da instituição, mas não podemos afirmar que houve uma submissão total aos valores pregados por ela, pelo contrário, a ESAV buscou sempre retirar do seu meio as pessoas que não se adequavam aos ideais que nasceram e foram propagados pela mesma: “Os moços que se sentirem incapazes de cumprir fielmente os deveres e as exigências da disciplina, não deverão procurar o estabelecimento, que tem o máximo empenho em afastar do seu seio as pessoas indesejáveis” (ESTATUTO da ESAV de 1930)

Portanto, ou se adaptem à instituição, ou a deixem – este era o lema da instituição, já que para ser ícone de progresso, deveriam trabalhar com a perspectiva de união, harmonia, para que todos contribuíssem para o desenvolvimento desta ciência que seria a chave para o progresso econômico do Estado/País.

Além dessas diferentes práticas – reuniões gerais, festas e criação de periódicos - existentes na Escola, com a função de materializar o Espírito Esaviano, podemos pensar na existência de outra, que visava contribuir com a inculcação de ideais que a instituição almejava: trata-se do esporte. Entretanto, essa prática não servirá apenas para transmissão de valores, mas também para a formação do corpo do aluno que seria necessário para o trabalho no campo agrário.

CAPÍTULO 3 – ESPORTE: “ESCOLA DE CIVISMO, EDUCAÇÃO E SAÚDE”

Fazemos questão da educação esportiva que todo verdadeiro esportista deve possuir e dela fazer uso. Deveremos considerar o esporte pelo que é: ‘escola de civismo, educação e saúde’. Pratiquemos portanto, o esporte pelo esporte para o esporte e estaremos contribuindo para a formação de uma geração digna do nosso Brasil. (JORNAL “O BONDE”, nº01, p.05, 1945)

Pode-se observar no item 1.1 que a Primeira República se constituiu num grande período de instabilidade em várias esferas. Os campos político e econômico foram os principais responsáveis pelo lançamento do Estado em busca da difusão da educação pública – no primeiro campo, devido à necessidade do voto; e no segundo, pela re-elaboração da noção de trabalho, que proporcionou o enaltecimento do trabalho, tão necessário no momento à industrialização nascente.

Para Vago (2000), os problemas vividos nos momentos seguintes à Proclamação da República fortaleceu a crença que a escola deveria ser o recurso civilizatório necessário para a construção de uma Nação e de um Estado próspero. Nesse momento, a tríade de Spencer será vista como a forma mais adequada de regenerar o povo que estava imerso numa sociedade caótica, não contribuindo e até impedindo o desenvolvimento do país:

O cenário tornou-se propício para a afirmação e legitimação de uma pedagogia moderna e científica, centrada na tríade spenceriana ‘educação moral, intellectual e physica’ do povo. Sobre ela assentou-se o propósito de corrigir desvios e desviantes, contribuindo para recuperar a aura civilizadora da cidade, que se engraçava. Receber as crianças pobres e fazer delas cidadãos republicanos, essa a ambição civilizadora da escola que se queria afirmar. Seus benefícios, como acreditava o Inspetor José Rangel, atingiram ‘a própria vida econômica’, pois, ‘em vez de um exército de analfabetos a povoarem as oficinas’, o Estado passaria a ter ‘um pessoal operário sufficientemente preparado para exercitar os seus misteres com intelligencia e aptidão’, que ofereceria ‘garantias de economia e incremento’ à indústria que se tentava organizar em Minas e no País. Destarte, instruir apenas as crianças – para ler, escrever e contar – não mais bastava. Era preciso instruir,

educar e ‘dar uma profissão’. Produzir cidadãos republicanos – esta a ambição” (VAGO, 2000, p.77)

Tal como circulava nas principais cidades dos diferentes Estados do Brasil, Minas Gerais também se lançou na tarefa de promover a popularização da escolarização para a comunidade mineira, como forma de formar os corpos e a alma dos alunos, que na visão do momento, seria a garantia de um futuro próspero economicamente para o Brasil.

Nesse sentido, Faria Filho (1997, p.52) vai mostrar que “assim como a escola ‘escolarizou’ conhecimentos e práticas sociais, buscou também apropriar-se de diversas formas do corpo e construir uma corporeidade que lhe fosse mais adequada”. Portanto, a educação pensada através da tríade spenceriana – Educação Intelectual, Moral e Física – traz a Educação Física para dentro da escola como um importante instrumento de constituição do brasileiro. Não bastava mais saber ler, escrever e contar, era preciso: instruir, educar e preparar para o trabalho. Esse compreendido como a saída para que o Estado atingisse o desenvolvimento econômico esperado, no qual a Educação Física contribuiria na constituição dos corpos necessários ao sistema industrial.

Cabe compreender que quando me remeto à Educação Física nesse item, estarei me referindo à Educação do corpo, já que não poderíamos pensar em Educação Física no sentido restrito do termo que temos hoje. A Educação Física na Primeira República – pelo menos até 1925 – vai ser compreendida como forma de disciplinar os corpos, de prepará-los para o trabalho, de compensar o esforço da lida diária, além de contribuir com a formação moral do aluno. Nesse sentido, Vago (2000, p.87) vai mostrar que:

A dimensão da ‘educação physica’, que compunha a tríade educativa pretendida com o novo modelo escolar, não se restringiria, assim, a uma disciplina escolar específica, como o emprego atual do termo pode fazer crer. Ao contrário, considerando as representações que circulavam entre os agentes envolvidos na instituição daquela cultura escolar, parece-me possível dizer que eles empregavam à dimensão ‘educação physica’ um significado de amplitude tal que acabava por nele incluir a ‘educação intellectual’ e a ‘educação moral’. Em outras palavras, o que estou

procurando realçar é que a ‘educação intelectual’ e a ‘educação moral’ parecem constituir, também, antes de tudo dispositivos de ‘educação physica’ das crianças: a cultura escolar traduzia-se em sentido alargado como cultura (cultivo) dos corpos das crianças. A pretensão era realizar a façanha de destruir hábitos trazidos de casa, da rua, procurando a um só tempo inscrever nos toscos corpos infantis maneiras consideradas civilizadas, que deveriam tornar-se duradouras.

Aliado à Educação Física, Intelectual e Moral, temos a importância do fator higiênico nesse momento histórico. Gondra (2000) nos mostra que a prática esportiva fazia parte do discurso médico na educação escolar do final do século XIX no Brasil, tendo a função principal de trabalhar o corpo, diminuindo o tempo livre dos alunos e conseqüentemente servindo para gastar as energias que então eram gastas com o onanismo¹, prática que segundo o discurso médico o definhava, tornava-o fraco afetando vários órgãos do corpo.

Entretanto, podemos entender a prática corporal na ESAV também como uma forma de contribuir na formação do cidadão na sua plenitude, ou seja, forte e inteligente, útil para qualquer ocasião que a Pátria o requisitar: “uma cabeça de sábio num corpo de atleta – eis o ideal a atingir” (REVISTA SEIVA, n° 33, 1950, p. 27). Este lema foi proclamado por Voltaire e estampava as páginas de um periódico escrito por alunos esavianos passado a todos como um ideal a atingir.

O discurso médico estava presente na ESAV desde seu início, sendo que a instituição se comprometia em incentivar a educação moral, cívica e higiênica do aluno, como consta no regulamento de 1926. Desta forma, o aluno deveria ter uma formação intelectual, baseado nos métodos dos Land Grant Colleges, aliados à formação física – útil para o progresso na profissão – e à formação moral, cívica e higiênica – completando a formação do esaviano.

¹ Onanismo refere-se à masturbação. A preocupação com essa prática entre os alunos faz sentido se compreendermos que nesse momento o conceito de higiene não é restrito, ficando relegado à limpeza, asseio corporal. Higiene, nesse capítulo, tem um sentido amplo, mantendo relação com a purificação moral, física, intelectual.

No Capítulo I mostrei que a Escola se propunha a formar pessoas no curso elementar - capatazes e agricultores; no curso médio - técnicos agrícolas e administradores rurais; e no curso superior - agrônomos e médicos veterinários. Pensar na formação nesses diferentes cursos que a instituição oferecia é compreender que havia a necessidade de formá-los não apenas intelectualmente, mas também fisicamente, já que sua profissão exigirá um corpo forte para resolver situações a ela inerentes.

Assim como a ESAV observa a importância de formar os corpos para assumir determinada profissão, o movimento histórico vai mostrar que a Educação Física vai ser pensada a nível nacional como forma de preparar os corpos que futuramente ocuparão espaços nas indústrias nascentes. Nesse sentido, Nogueira (1990, p.168) apud Vago (1997, p.63-64), mostra que a Educação Física foi introduzida nas escolas por três fatores, que estão relacionados ao modo de produção capitalista: 1) devido à necessidade de ajustar as crianças ao modo de vida urbana; 2) preparando para o trabalho fabril que se encontrava em ritmo acelerado; 3) como uma atividade compensatória ao trabalho extenuante das indústrias.

Observem que a Educação Física torna-se uma ferramenta essencial para o sistema produtivo, já que os corpos que ocupariam as fábricas não poderiam ser fracos, débeis, raquíticos; mas corpos eretos, sadios, eficientes, prontos para contribuir com o desenvolvimento do país. Se pensarmos na ESAV, não podemos pensar em capatazes, agricultores, agrônomos que não tenha força física para solucionar problemas cotidianos que estão envolvidos com sua profissão. Portanto, seria necessário regenerar os corpos toscos, sem vida, que estavam imersos no sistema caótico que caracterizava a Primeira República.

O trabalhador necessário à indústria deveria ser dotado não somente de corpos 'erectos', mas sobretudo de corpos eficientes, impregnados de 'espírito coletivo', prontos para o trabalho em conjunto que, de maneira eficaz, tivesse rendimento em forma de produto, de resultado. (VAGO, 2000, p.101)

Faria Filho (1997, p.56) vai assinalar que Rui Barbosa, como seus contemporâneos, compreenderam a inclusão do corpo, do movimento, como importantes na educação da população brasileira; entretanto entendem que a presença do movimento poderá ser tão perigosa quanto sua falta. Para ele, “tanto a estagnação quanto a revolução podem colocar em risco a ordem social e o desenvolvimento pessoal”:

Assim, se é importante, ou mesmo imprescindível, que a escola se aproprie do corpo, é preciso também constituir uma corporeidade escolar que, centrada no movimento, seja disciplina e ordeira. Eis, pois, um dos principais dilemas da escola moderna. Como dar conta, a um só tempo, de glorificar o movimento e disciplinar o corpo?. Não me parece, então, sem motivo que não apenas em Rui Barbosa, e não apenas no Brasil, naquele momento, a ginástica seja defendida como a mais saudável e ‘natural’ forma de exercitar o corpo escolarizado. Que outras atividades, passíveis de ser realizadas na escola, representam o movimento e a ordem, a disciplina e a liberdade num só ato, não só corpo, não só movimento (pedagógico)? (FARIA FILHO, 1997, p.56)

Nesse movimento de inclusão da Educação Física no âmbito escolar, veremos que a ginástica será a atividade inserida nos currículos, no Brasil e no exterior. Com seus movimentos harmônicos e repetitivos, a ginástica vai cultivar a ordem e a disciplina tão almejadas nesse momento, por acreditarem que seriam essenciais ao progresso. Na ESAV, temos indícios de que a ginástica² constituía-se atividade física obrigatória durante parte da formação do esaviano, e o esporte seria um complemento para os alunos que almejassem a prática de alguma modalidade, mesmo porque a Escola acreditava que o esporte educava³, portanto, deveria ser estendido a todos.

No contexto educacional nacional, a formação dos corpos dos alunos – que se dará através da Educação Física – será compreendida com tamanha importância que passará a ser vista por alguns teóricos como sendo o pilar da educação. Afirmando essa importância, Faria Filho (1997, p.54) vai mostrar que Rui Barbosa compreende a Educação Física como

² Tratarei da ginástica à frente.

³ A educação proporcionada pelo esporte na ESAV refere-se à transmissão de valores que se acreditavam essenciais para o progresso da instituição. Podemos entender como sendo a transmissão de valores que caracterizam o espírito esaviano, através do esporte.

sendo a primeira necessidade do ser humano, por entendê-la como condição básica para seu desenvolvimento.

Nesse mesmo sentido, para Veríssimo (1985), a Educação Física será a responsável por regenerar a raça, por dar vigor e força necessária à luta material, tendo como consequência a consciência do valor pessoal e coletivo. Essa Educação Física, aliada a Educação Moral e Cívica e a Educação Intelectual, constituirá, segundo o autor, a educação nacional necessária para retirar o Brasil do atraso em que se encontrava:

A Educação física que, regenerando a nossa raça, nos dará, com o vigor necessário para a luta material da existência, a consciência do nosso valor pessoal, do qual se formará o nosso valor coletivo e se alentarão as nossas energias morais. *Educação moral, educação do caráter*, pelo combate a todos os vícios que nos minam e deprimem e, sobretudo, pela educação do sentimento do dever, mais necessário e, ousado dizer, mais nobre que a indisciplina reclamação dos direitos. Porque a liberdade é menos o exercício dos direitos que o cumprimento dos deveres, do qual nascem os sentimentos da responsabilidade e da solidariedade humana. *Educação intelectual*, por último, que nos dará os elementos indispensáveis ao progresso, à civilização e à grandeza das nações, (...) finalmente: *Educação nacional* que, resumindo todas estas, fá-las servir ao bem, à prosperidade, à glória e a felicidade da Pátria, para que esta não seja apenas um nome na geografia, mas tenha papel. (VERÍSSIMO, 1985, p.145)

Mesmo compreendendo a inserção da ginástica como componente escolar, não podemos afirmar que sua prática tenha se dado sem resistências. Moreno (2001), estudando a Ginástica Sueca no Rio de Janeiro do início do século XX, vai mostrar que os movimentos esquadrinhados, seqüenciados, ritmados – típicos da ginástica Sueca – não estavam alinhados com os movimentos almejados e praticados no cotidiano da população carioca.

Nesse sentido, Moreno (2001) mostra que como consequência desse embate cultural, temos a resistência a esta prática, que não é uma resistência política, portanto intencional, mas uma resistência de pele, de corpo, de sensibilidade. Muitas dessas resistências se manifestavam através de dispensas médicas; passando pelas “indisciplinas” no momento das aulas; até no surgimento de práticas paralelas que eram mais aceitas pelos

alunos, ocupando espaços e tempos para a prática de atividades muitas vezes não autorizadas, como: jogos, práticas corporais lúdicas, brincadeiras, estripulias corporais.

Contudo, meio a resistências e avanços, a Educação Física – por muito tempo representada pela ginástica – constituiu-se num importante instrumento de educação do corpo. Adestrava-se o aluno, formava-o fisicamente, moldava-o com disciplina e obediência para que sua adequação ao serviço fabril se desse da forma mais “natural” possível. Tudo isso, ligado diretamente ao progresso econômico que se queria do país, já que a mão-de-obra forte e regenerada das mazelas encontradas na Primeira República era pré-condição para o desenvolvimento da economia nascente.

3.1 ORIGEM E CONSOLIDAÇÃO DO ESPORTE NA ESAV: ENTRE RESISTÊNCIAS E PERMANÊNCIAS

O quadro de regras próprias do esporte, orientado pela idéia de ‘justiça’, de igualdade de oportunidades, associado a uma vigilância maior quanto ao seu cumprimento, possui um caráter comparável de impulso civilizador, fruto da incorporação e disseminação daquelas minuciosas regras de etiqueta, que foram alvo das análises de Norbert Elias. É nesse sentido que o esporte, pela excitação que promove, proporciona como que uma readaptação mental aos costumes emergentes no mundo moderno. (LUCENA, 2001, p.57)

O esporte moderno deve ser compreendido aqui, como exposto por Lucena, como um importante instrumento do processo civilizador que veio se consolidando na sociedade ao longo dos tempos, possibilitando uma circulação e adaptação aos valores modernos que se queria formar na época. É nesse sentido que o esporte se constituiu na ESAV como um instrumento de propagação dos valores almejados por esta instituição, além da formação física que proporcionava, se tornando, juntamente com o Espírito Esaviano, importantes para que a instituição alcançasse seus objetivos.

No capítulo 2, busquei mostrar que a ESAV foi constituída em seu início por uma grande diversidade cultural. Juntamente com esta nova constituição cultural nascente, temos novos costumes, valores, hábitos, atitudes, comportamentos e novas práticas, dentre elas, as corporais.

Ao buscar compreender o universo das práticas corporais que estavam presentes na cidade de Viçosa, anteriormente ao início de funcionamento da ESAV, analisei um periódico da cidade – Jornal de Viçosa – que circulou no período de 1923-1928⁴, mostrando que o futebol, nesse momento histórico, não dispunha de uma forte representação em Viçosa, ou pelo menos não era divulgado⁵. Além da prática esportiva na cidade se resumir ao futebol, este acontecia de forma esporádica através de amistosos nos finais de semana entre equipes da própria cidade ou com equipes de cidades vizinhas.

Para além do futebol, na cidade de Viçosa, posso falar numa atividade isolada, em 1927, que pode ser entendida como a tentativa de implantar uma nova modalidade esportiva: uma partida de “Hand’s Ball” (JORNAL DE VIÇOSA, n.º 10, Ano V, 10/09/1927). Tal modalidade foi anunciada para acontecer em uma rua no centro de Viçosa, permitindo inferir que tal prática não se relaciona com a modalidade atual, com equipamentos, locais e regras próprias, no entanto, podemos pensar numa atividade ainda rudimentar, que nos indica um caminhar para a inserção de práticas modernas numa região que estava se modernizando.

Pensando na ESAV, já no momento da construção, encontrei uma equipe de futebol, formada pelos funcionários da instituição. Essa equipe disputava competições na cidade e na região, lançando as raízes da vida esportiva esaviana: “A parte esportiva teve seu início em 1928, quando se formou na ESAV o 1º quadro de futebol. Antes desse ano já existia

⁴ Exemplares do “Jornal de Viçosa” (1923 a 1928). Tais fontes encontram-se nos arquivos pessoais do viçosense: Sr. Antônio de Oliveira Mello.

⁵ Encontrei poucas matérias falando sobre o futebol na cidade de Viçosa nos jornais analisados.

um time de operários, que venceu várias partidas, inclusive um time da cidade de Ouro Preto”⁶ (ESAV, 1939, [s/p].).

Sabendo que a ESAV inicia suas atividades no início de 1927, chama atenção a diversidade de práticas corporais que estão presentes na instituição na década de 30. Um livro intitulado “ESAV 1939” traz uma sessão especial sobre a vida esportiva da instituição, relatando as atividades que aconteceram até aquele momento, dentre as quais, juntamente com as práticas encontradas em outras fontes⁷, posso citar: Basquete, Vôlei (masculino e feminino⁸), Tênis, Futebol Americano, Futebol de Campo, Atletismo, Natação, Ciclismo, Remo e Boxe.

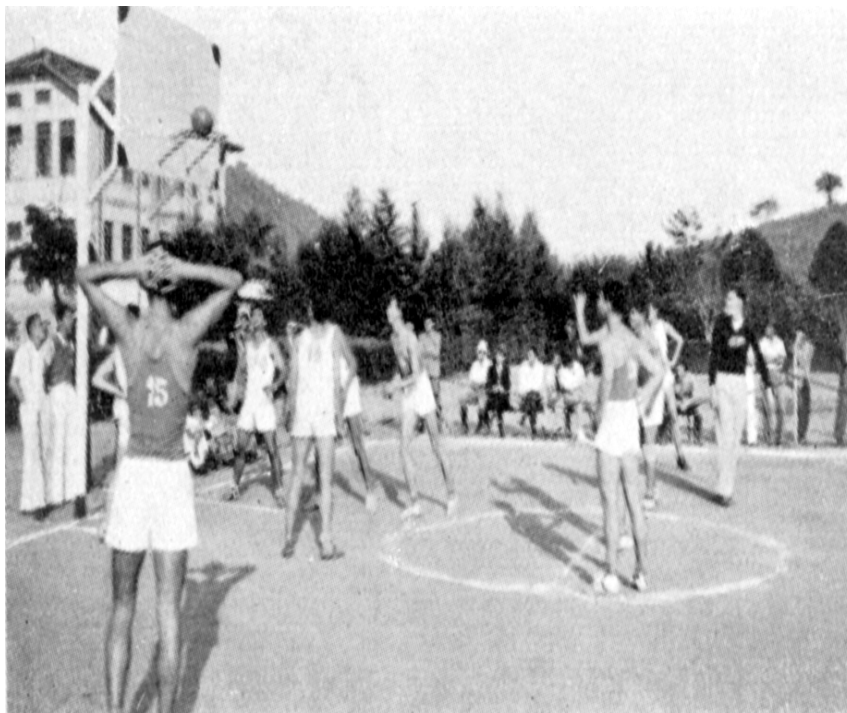


Figura 5: Partida de Basquete entre Instituto Gammon e ESAV na década de 30.
Fonte: “ESAV 1939”

⁶ É importante ressaltar que a informação da partida de “Hand’s Ball” foi anunciada, mas não foi possível saber se realmente aconteceu porque os exemplares seguintes não a relatavam: será que havia o número de pessoas necessárias, praticantes desta modalidade, para se realizar um torneio neste período?

⁷ Jornal O Bonde, Revista Seiva, Iconografias e outros livros históricos.

⁸ É importante ressaltar que a primeira mulher a ingressar no curso de graduação na ESAV data de 1940. Entretanto, as funcionárias da instituição fundaram uma equipe de vôlei na década de 30. Mais sobre o assunto, ver (Baia; Moreno e Silva, 2005c).

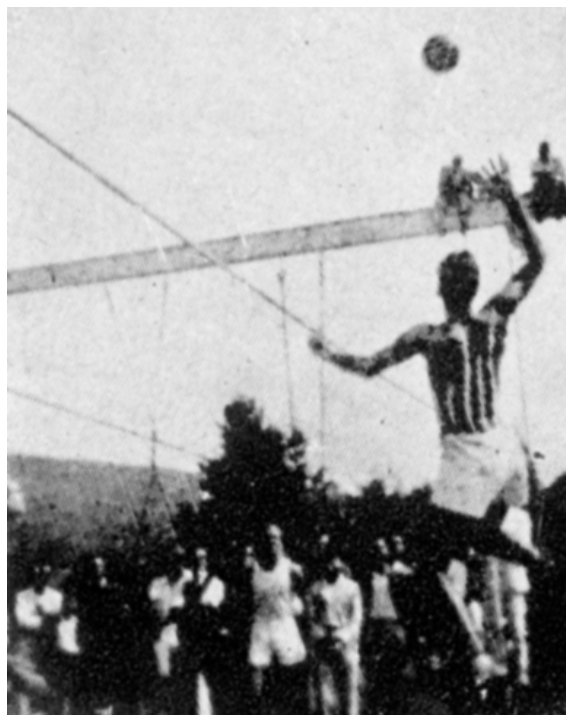


Figura 6: Partida de Voleibol na ESAV na década de 30
Fonte: “ESAV 1939”

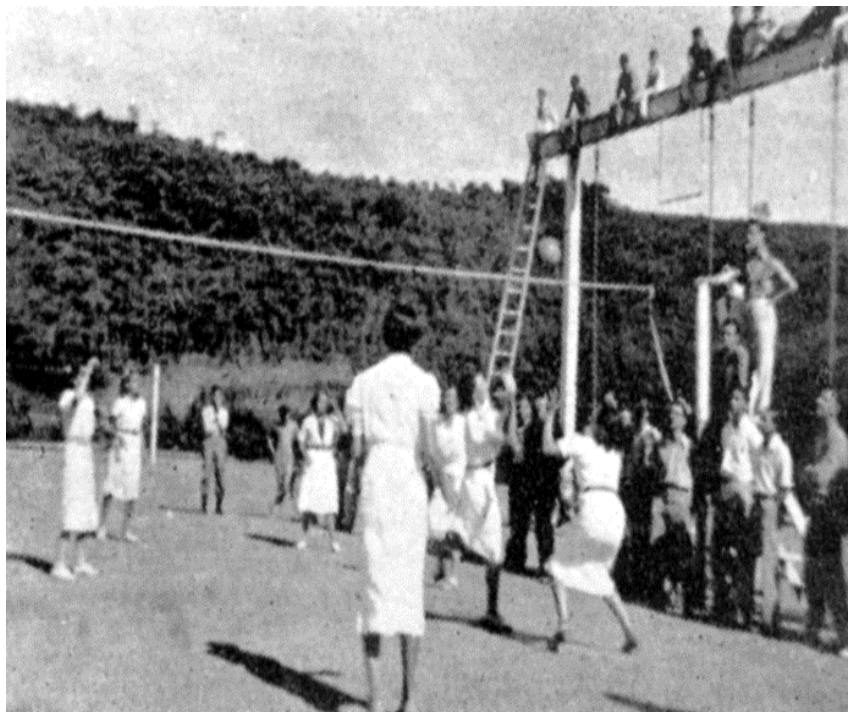


Figura 7: Treinamento da Equipe feminina de Vôlei da ESAV na década de 30.
Fonte: “ESAV 1939”



Figura 8: Equipe de Tênis da ESAV
Fonte: "ESAV 1939"



Figura 9: Equipe de futebol da ESAV
Fonte: Acervo Fotográfico da Universidade Federal de Viçosa

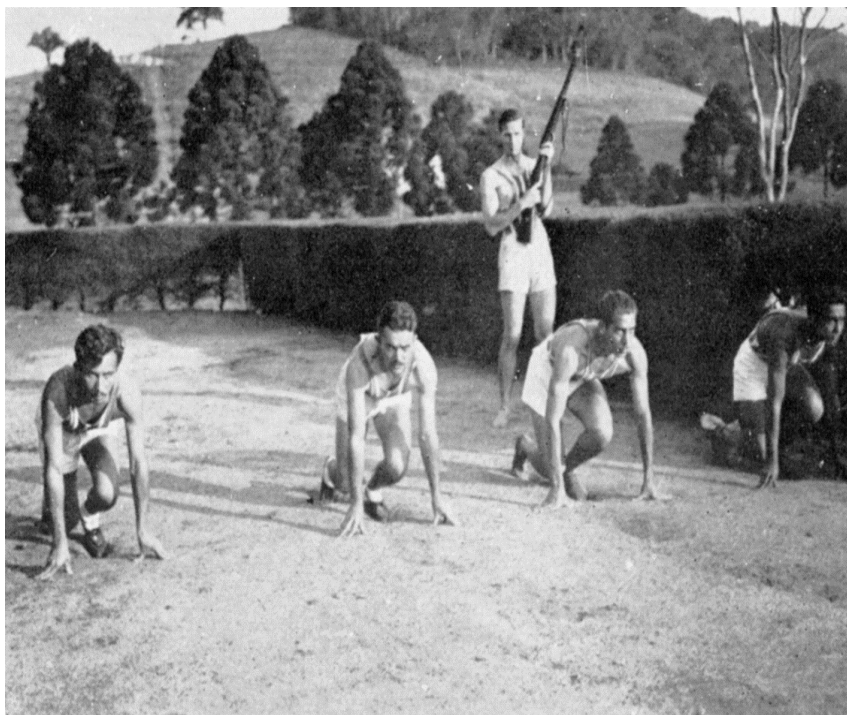


Figura 10: Corrida de velocidade na ESAV na década de 30.
Fonte: “ESAV 1939”

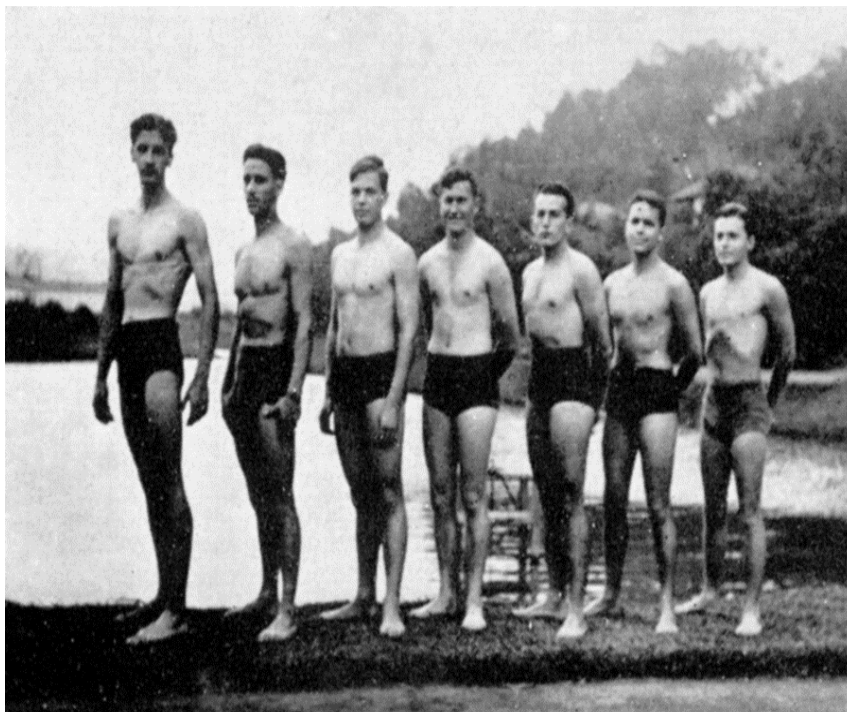


Figura 11: Grupo de nadadores da ESAV na década de 30
Fonte: “ESAV 1939”



Figura 12: Corrida de Bicicleta na ESAV na década de 30
Fonte: “ESAV 1939”

Vários jogos também faziam parte das práticas corporais existentes na ESAV, tais como: Dama, Xadrez, Ping-Pong, Sinuca, “Briga de Galo” “Briga de travesseiros”, “Corrida do Ovo”, “Corrida do Saco”, “O porco é de quem pegar”, “Corrida da Agulha” entre outras.



Figura 13: Briga de Galo
Fonte: Arquivo Central da ESAV

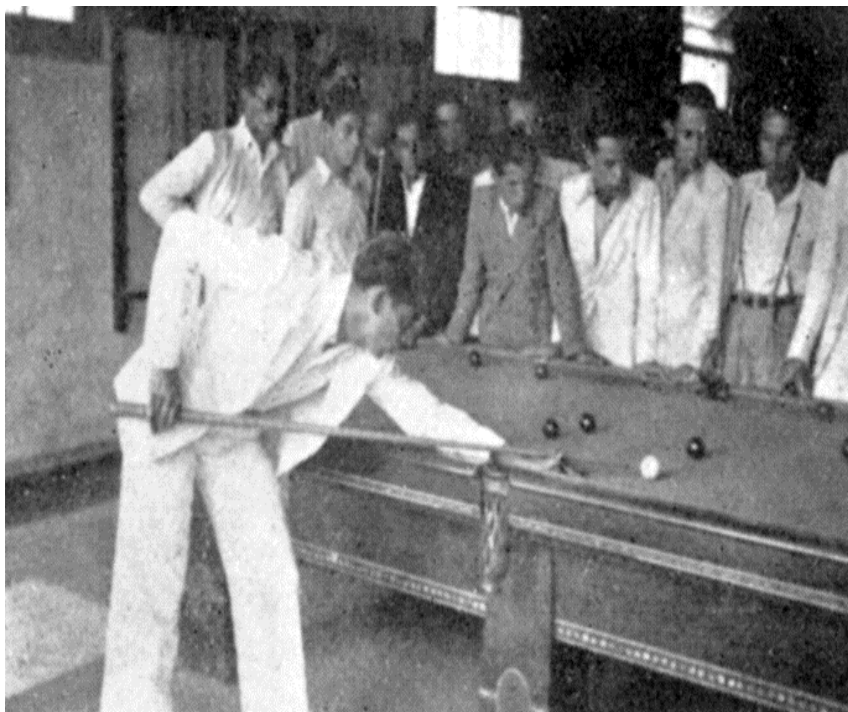


Figura 14: Partida de Sinuca na ESAV na década de 30
Fonte: “ESAV 1939”



Figura 15: Briga de Travesseiros na ESAV na década de 30
Fonte: “ESAV 1939”



Figura 16: Corrida do Ovo na ESAV na década de 30.
Fonte: “ESAV 1939”

O “Jornal de Viçosa” que circulava na cidade, anuncia, em 1927, uma série de jogos que acompanharam uma partida de futebol de campo que aconteceu na recém inaugurada ESAV:

Realizam-se, amanhã, as provas atléticas, disputadas entre as turmas da S. Sociedade Primeiro de Maio de Ponte Nova e da ESAV Atlético Club desta cidade, no campo da Escola Superior de Agricultura e Veterinária. Às 2,30 da tarde terá início a preliminar que constará de provas recreativas entre os alunos da Escola: briga de gallo, corridas de três pernas, carrinho de urso e luta de boxe. O jogo principal, renhido matchs de foot-ball, terá logar às 3,30 da tarde (JORNAL DE VIÇOSA, n.º 17, Ano V, 29/10/1927)

Compreendendo a existência dessa gama de práticas corporais na ESAV, cabe classificá-las em três grupos, para uma posterior análise: 1) Modalidades Esportivas: Futebol, Vôlei, Basquete, Tênis, Futebol Americano, Futebol de Campo, Atletismo, Natação, Ciclismo, Remo e Luta de Boxe. 2) Os jogos populares eram: “Briga de Galo” “Briga de travesseiros”, “Corrida do Ovo”, “Corrida do Saco”, “O porco é de quem pegar”, “Corrida da Agulha”, “Corridas de três pernas”, “Carrinho de urso”, entre outras. 3) Jogos “modernos”:

Dama, Xadrez, Ping-Pong e Sinuca. Chamo de jogos modernos, os jogos que estavam em consonância com o tipo de ideal civilizatório do momento histórico, mas não chegavam a caracterizar-se como esporte¹.

Tais jogos, populares ou modernos, juntamente com as modalidades esportivas compunham o quadro das práticas corporais da instituição. Muitas destas práticas se manifestaram em conseqüência da diversidade cultural em que nasce a ESAV. Desta forma, o ecletismo cultural da população esaviana poderia ter propiciado um terreno fértil para a consolidação de diferentes atividades físicas, como por exemplo, o basquetebol, o qual se mostrava uma forte modalidade no cenário esaviano nos idos dos anos 30 e um esporte, naquele período, tipicamente norte americano.

Pode dizer-se que qualquer variedade de desporto possui uma fisionomia própria. Ela atrai as pessoas segundo as características específicas da sua personalidade. Isso acontece porque possui uma certa autonomia em relação não só aos indivíduos que jogam num determinado momento mas, também, à sociedade onde se desenvolveu. É por esta razão que alguns dos desportos que se desenvolveram, inicialmente, em Inglaterra, puderam transferir-se e ser adotados por outras cidades como se fizessem parte delas. (ELIAS & DUNNING, 1992, p.67).

Temos, além do basquete, uma prática intensa de outras modalidades como: Futebol, Vôlei, Tênis, Natação, Atletismo, Ciclismo e Remo. Acredito que essas modalidades encontraram um lugar favorável para sua prática, porque os valores almejados nela estavam em consonância com os desejados pela instituição.

Esta variedade de práticas esportivas pode ter uma relação direta com a diversidade de pessoas² que na instituição se encontrava, visto que em seu início não havia a presença de várias modalidades nesta comunidade, mesmo porque o movimento histórico da

¹ Confira Elias e Dunning (1992), em seu livro “A busca da excitação”, no qual expõe que o fator que diferencia divertimentos de esporte é a regulamentação do último, possibilitando uniformidade que vai além da prática local. Desta forma, apresentam um quadro de regras, apresentando um órgão fiscalizador que garante o respeito pelas regras, apresentando juizes quando necessário.

² Refiro-me aos alunos e professores de diversas regiões que aqui se encontravam e professores de diferentes países.

introdução da maioria destes esportes no Brasil se deu no início do século XX³. Sevcenko (1998) mostra que grande parte das mudanças culturais no meio esportivo foi decorrente da febre esportiva que assolou o século XX após a primeira guerra mundial. Nasce nesta época uma “civilização esportiva” que se relaciona às diferentes modalidades esportivas praticadas, além da generalização de uma ética do “ativismo”, onde “as filosofias de ação, os homens de ação, as doutrinas militares, os atos de arrebatamento e bravura se tornam os índices nos quais as pessoas passam a se inspirar e pelos quais passam a se guiar”.

Da mesma forma que entendo a presença de um terreno fértil para a consolidação de diferentes atividades físicas, posso pensar na não permanência de certas práticas devido ao choque cultural. A presença do futebol americano no meio esaviano indica a influência estrangeira no surgimento de modalidades esportivas, em especial desta, que se trata de uma modalidade típica dos Estados Unidos: “Sob orientação do professor J. Quintiliano de A. Marques, mais uma nova modalidade de esportes surge na nossa Escola: O Futebol Americano, ou Rugby” (REVISTA SEIVA, n°. 08, 1942, pg. 34).

O anúncio desta modalidade restringiu-se a apenas uma edição⁴, o que nos permite pensar que a sociedade esaviana não se adaptou a essa prática, considerada como representativa de uma outra cultura, com outros valores, não tendo assim um terreno fértil para que fosse praticada assiduamente na instituição. Ressalto que não vejo uma resistência política, portanto intencional, como nos mostra Moreno (2001), mas uma resistência de valores, de gosto, de prazer.

³ Devemos compreender que Viçosa era uma cidade pacata, pequena, fato que contribui para que o surgimento dos esportes em Viçosa fosse lento, não tendo a mesma velocidade de emergência dos grandes centros.

⁴ Para fazer a análise sobre os esportes, me baseei nos periódicos existentes no momento e nos documentos históricos. Os periódicos foram a Revista Seiva e Jornal O Bonde, os quais eram escritos pelos alunos, não tendo, portanto, censura quanto ao que seria publicado. Nesse sentido, as práticas esportivas que encontrei nas páginas dos periódicos são as que podemos considerar as mais relevantes naquele ambiente. Contudo, não posso afirmar que não havia outras práticas ou que as práticas populares, ou o futebol americano, não aconteciam, mas afirmo que devido a sua pequena importância naquele ambiente, não eram divulgadas, não sendo vistas como importantes práticas daquele lugar.

Para compreendermos o surgimento de diferentes práticas esportivas, Lucena (2001) nos instiga, inicialmente, a entender a relação entre cidade e esporte. Para ele, é preciso pensar a cidade em constante ebulição, e de cujo movimento emergem as práticas capazes de melhor explicar o indivíduo. Entendendo esta relação, podemos transportar a idéia para compreendermos a relação entre esporte e ESAV, onde somente entenderemos a emergência de determinadas práticas se considerarmos a comunidade esaviana como uma sociedade mutante, em constante ebulição.

Pensando neste surgimento de diferentes modalidades esportivas no seio da ESAV, podemos entendê-la como “uma prática que se inicia num contexto específico de um grupo social, mas que se expande para além daquela configuração pela ação dos que apreendem uma prática social e a ela conferem um sentido diferenciado” (LUCENA, 2001, p. 49).

Toda esta discussão me instigou a pensar a não permanência de uma prática esportiva, fazendo um movimento contrário partindo do pensamento de Lucena (2001). Se considerarmos que a prática nascente se expande para além do grupo social que a propagou, e considerarmos que o grupo que sofreu a influência desta nova prática não se identificou com tal prática, podemos inferir que a prática em questão não tenha terreno para se alastrar, não conseguindo lançar suas raízes na determinada comunidade, ficando restrita a pequeno número de pessoas que procurou expandi-la, ou ainda tendo sua prática extinta neste grupo.

Penso desta forma para tentar entender as diferentes atividades físicas criadas na ESAV, mas que não conseguiram uma disseminação de sucesso, tendo como consequência sua extinção, ou no mínimo uma prática irrelevante que não a permitia aparecer juntamente com outras práticas mais divulgadas.

Nesse mesmo sentido, Moreno (2001) procura entender a não permanência da ginástica no Rio de Janeiro. Para ela, o Rio de Janeiro trata-se do não-lugar da ginástica, mas

dizer não-lugar é diferente do que dizer que ela nunca existiu nessa cidade. Sim, ela existiu, mas nunca encontrou seu lugar. Assim aconteceu na ESAV! Várias práticas existiram, mas não encontraram seu lugar.

É nesse sentido que observo a trajetória de algumas práticas corporais durante a ESAV. Práticas que traziam valores e normas que não permitiam um afinamento com os gostos e valores em voga nesta comunidade, tornando-as práticas rejeitadas pelo povo esaviano. Dentre essas práticas, estão: Lutas de Boxe e os jogos populares.

No que diz respeito aos jogos populares, Dunning apud Bracht (1997, p.10) mostra que é a partir de 1800 que tais jogos começaram a ficar fora de uso, devido a novos padrões e condições de vida advindos da industrialização e urbanização crescente naquele momento. Contudo, os jogos populares não eram mais compatíveis com a modernidade, tratava-se de práticas arcaicas, sendo esvaziadas de suas funções originais que eram alegrar as festas, seja da colheita, seja religiosa ou outra qualquer.

Esse movimento de extermínio dos jogos populares esteve presente desde os momentos iniciais da ESAV, quando encontramos a prática de jogos populares nos finais de semana, cumprindo a parte preliminar para modalidades esportivas, sendo posteriormente, delegadas apenas a dias de festas ou feriados, chegando num ponto de ser totalmente desinstitucionalizada⁵.

Além das práticas corporais que citei anteriormente, existia na ESAV, na década de 30, uma atividade que não consegui definir ao certo seu significado. Trata-se de uma tourada? Trata-se de um rodeio? Vaguei por entre estas duas questões ao longo do estudo, sendo que mesmo sem uma definição exata, trata-se de uma atividade violenta, ponto este que caracterizará o foco principal da análise.

⁵ Chamo de desinstitucionalização o movimento de definição de quais práticas corporais não ocorreriam na instituição. Não tenho indícios de uma proibição explícita, mas de uma resistência cultural, pautada no gosto e no prazer proporcionado pela prática e nos valores considerados mais adequados à instituição.



Figura 17: “Tourada” na ESAV na década de 30
Fonte: Acervo Fotográfico da Universidade Federal de Viçosa

Apesar de violenta, tal prática chamava a atenção dos esavianos, o que pode ser confirmado pelo número de espectadores que preenchiavam as janelas e fachadas do prédio principal da instituição. Entretanto, apesar do grande número de espectadores no momento da prática, as fontes nos mostram que ela não permaneceu representativa nesse lugar, já que não era divulgada como as outras práticas esportivas.

Analisarei os jogos populares, lutas de boxe e “touradas”⁶ encontradas nesta época na ESAV. Ao observar a década de 40 e períodos posteriores, não encontro mais a presença de tais práticas nesta comunidade. Isto nos indica que se tratava de uma prática passageira, talvez imposta ou até reprimida por ir de encontro ao modelo de sociedade que se

⁶ Denominei de Touradas a prática anterior não definida, entretanto a denominação não é importante para fazer a análise da prática em questão.

pretendia formar; ou ainda, pela influência do processo de “desportivização”⁷, como explicam Elias & Dunning (1992, p.42):

A transição dos passatempos a desportos, ‘a desportivização’, se é que posso utilizar esta expressão como abreviatura de transformação dos passatempos em desportos, ocorrida na sociedade inglesa, e a exportação de alguns em escala quase global, é outro exemplo de um avanço de civilização

Bracht (1997, p.11) mostra que a expansão do esporte para outras culturas que não a européia, significou, em muitos casos, confronto entre diferentes formas de práticas corporais, as quais, muitas vezes se adaptaram à cultura européia, portanto à sua esportivização, ou simplesmente à destruição ou desaparecimento.

Entretanto, Lucena (2001) acredita que no Brasil não aconteceu uma esportivização dos jogos, como na Europa, mas um “implante” de práticas específicas ao lado dos jogos de caráter popular. É assim que compreendo a trajetória de algumas práticas na ESAV, as quais foram trazidas de outras regiões ou países e na instituição disputaram espaço das que mais se adequavam ao modelo moderno que se almejava.

Um possível olhar para as poucas exhibições encontradas de jogos populares, lutas de boxe e a “tourada” está em Melo (2001), o qual defende que tais práticas eram consideradas atividades referentes às camadas populares e/ou práticas violentas, que para a ESAV certamente não eram facilmente aceitos, uma vez que se pretendia adotar um modelo americano de Escola, um modelo mais avançado de civilização, não cabendo práticas populares e/ou violentas que não corroboravam com o Espírito Esaviano.

Contudo, afirmo que as práticas corporais que mais tiveram prestígios dentro da instituição foram as esportivas, sendo seguido pelos jogos modernos, que apesar de não ser um esporte, apresentava um status de moderno, civilizado, sendo aceito na comunidade

⁷ Cabe ressaltar que quando Elias & Dunning (1992) falam em “desportivização”, utilizam este termo porque no seu livro utilizam desporto como sinônimo de esporte. Portanto, para não cair em contradição, devemos entender desportivização como esportivização, uma vez que utilizo esporte e não desporto.

esaviana. Com relação aos jogos populares, observei uma extinção gradual de sua prática, caindo num processo de desinstitucionalização.

Observa-se que o nascimento da ESAV, pautada num modelo moderno não só de educação, mas de civilização, veiculava valores e comportamentos que não se alinhavam com os princípios de algumas práticas corporais, as quais passavam a ser desautorizadas para acontecerem naquele espaço, sendo delegadas a pequeno número de praticantes por serem consideradas não apropriadas para aquela “nobre”⁸ casta de estudantes que estava sendo formada.

Ou no sentido contrário, várias práticas corporais por terem valores que se afinavam com os esperados e cultivados pela instituição, nasceram e solidificaram na instituição. Torna-se assim possível traçar uma possível idéia de permanência e desinstitucionalização de várias práticas esportivas na ESAV.

Compreendido como tais práticas – modalidades esportivas e jogos – surgiram, mantiveram-se ou foram extintos da ESAV, torna-se necessário traçar um panorama de onde eram praticadas. Cabe-nos entender que em 1926, período referente ao início das atividades acadêmicas da ESAV, não se encontrava uma organização esportiva consolidada, nem uma estrutura específica para sua prática.

A sua inserção como disciplina obrigatória⁹ somente se concretizou mais tarde, momento em que a prática esportiva passou a ser compreendida como fundamental para a formação do corpo esaviano, além de contribuir com a difusão de princípios almejados pela escola.

Legalmente, temos indícios de que a prática corporal já era vista como importante para a instituição, quando nos regulamentos de 1926 e 1927, encontramos que: “A escola

⁸ “Nobre” no sentido de se sentirem privilegiados por fazerem parte daquela instituição e receber a “excelente” formação que esta proporcionava. Essa idéia de excelente formação era veiculada pelos periódicos e discursos da época.

⁹ Refiro-me a Educação Física obrigatória.

estimulará a educação física dos seus alunos, promovendo, para que se torne realidade, o exercício de todos desportos recomendados como efficientes”¹⁰.

Somente no regulamento de 1931 temos uma ação mais concreta da institucionalização do esporte na instituição. É no artigo 99 desse regulamento que previa que: “A escola organizará o serviço de desportos com o fim de estimular a educação física de seus alunos, promovendo o exercício de todos os recomendados como efficientes”. E no parágrafo 2º do mesmo artigo encontra-se que: “Os alunos do curso fundamental ficarão sujeitos a dois semestres de desportos; os do médio a três e os do superior a quatro, salvo prescrição médica”

Estava lançado desde os momentos iniciais da instituição, o incentivo à prática esportiva; entretanto, nesse momento ainda não havia locais específicos destinados à prática. Contudo, quando em 1931 o regulamento normatiza a organização do serviço de desportos e institui como obrigatória a prática de Educação Física, faz-se necessária a construção de uma estrutura esportiva para fazer cumprir o que estava instituído no regulamento: surge assim a praça de esportes da ESAV.

3.2 A ORGANIZAÇÃO ESPORTIVA NA ESAV

Em 1931 temos a construção da praça esportiva contendo campo de futebol; quadras de basquete, vôlei e tênis; e pista de atletismo.

¹⁰ Citação encontrada no artigo 172 do regulamento de 1926 e no artigo 170 do regulamento de 1927. Ressalto que a eficiência referida diz respeito à formação do corpo do esaviano. Portanto, seria eficiente o esporte que contribuisse para a formação física do aluno.



Figura 18: Quadras de basquete
Fonte: "ESAV 1939"

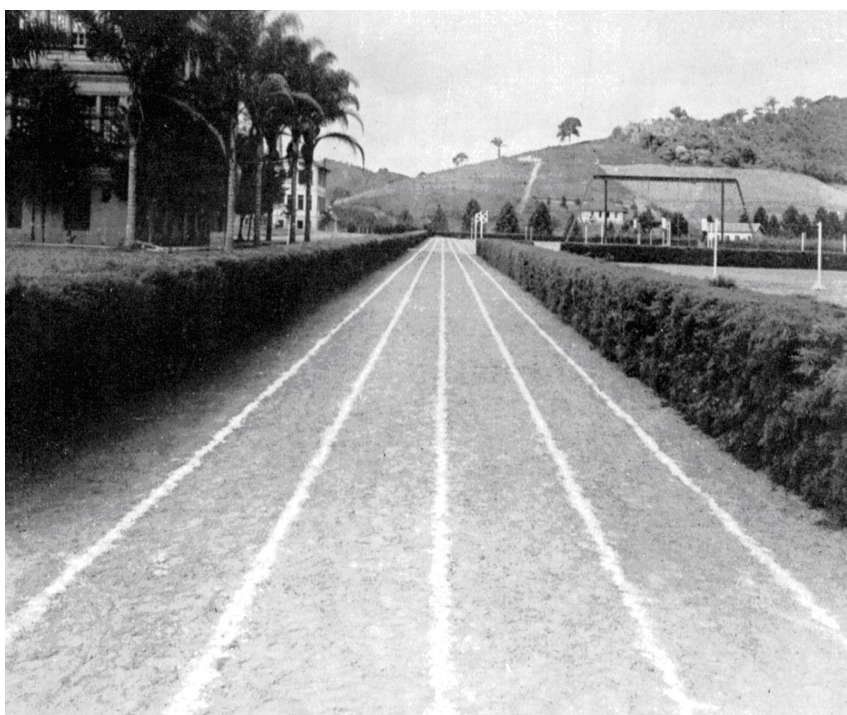


Figura 19: Pista de Atletismo
Fonte: "ESAV 1939"



Figura 20: Vista parcial da quadra de Vôlei, Basquete e Pista de Atletismo
Fonte: “ESAV 1939”

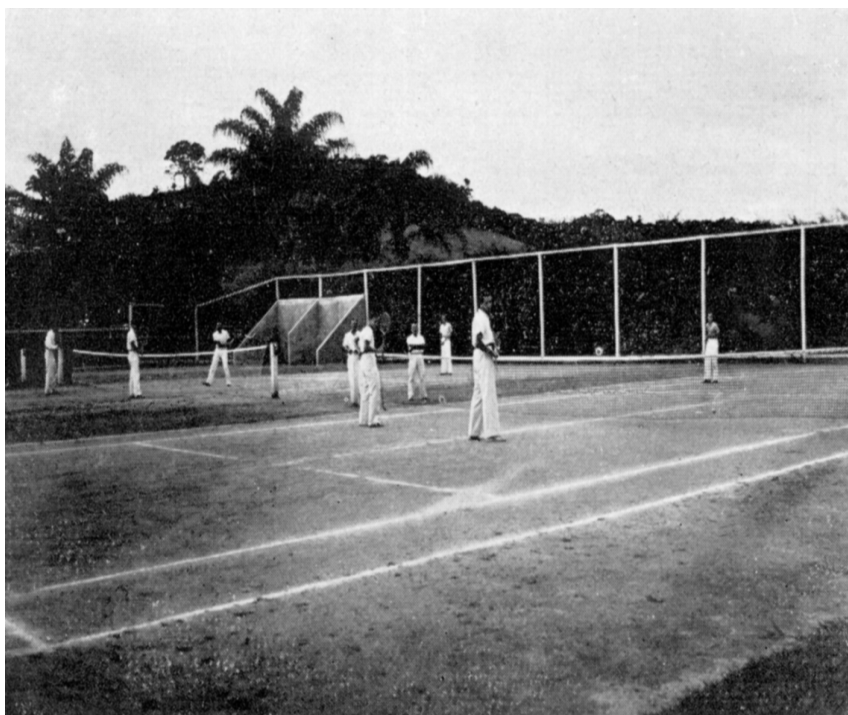


Figura 21: Quadra de Tênis da ESAV na década de 30
Fonte: “ESAV 1939”



Figura 22: Campo de Futebol na década de 30, localizado ao lado do prédio principal
Fonte: “ESAV 1939”

O sargento Waldemar Raul Kümmel, instrutor militar¹ nesse momento na instituição, “conseguiu para nós a praça de esportes², conquista gloriosa, pois, foi construída por uma turma de esforçados jovens sob a sábia orientação do nosso sargento” (REVISTA SEIVA, nº 05, 1964, pg 36). Observe que a presença militar já existia no início da ESAV, através do serviço militar obrigatório, no qual se destacou o sargento Kümmel, pois foi funcionário da ESAV e conciliando trabalho com estudo, formou-se em Agronomia nesta instituição, contribuindo muito com a propagação do esporte na Escola.

Observa-se que alguns valores do Espírito Esaviano já eram transmitidos pelos periódicos da instituição, estampado na união de todos para a construção de um espaço para a prática esportiva; na liderança do sargento que foi entendida como sábia e seguida pelos

¹ Cabe ressaltar que o serviço militar estava presente na instituição desde o início. Com o serviço militar, teremos práticas físicas e instrutores militares que vão contribuir na constituição do quadro de atividades físicas da Escola. O mais importante militar no desenvolvimento das práticas físicas na instituição foi Waldemar Raul Kümmel.

² A praça de esportes era composta por instalações que abrigavam a prática de basquetebol, atletismo, voleibol, futebol e tênis.

esforçados alunos, resultando na construção de um local que permitiria a disseminação do esporte na instituição.

Um periódico que nasceu na década de 40 vai explicar a construção da praça esportiva através da necessidade sentida quando os alunos se viram totalmente voltados para o campo intelectual: “A escola até então vivia quase que exclusivamente para o estudo, não tinham os estudantes o nosso clássico ‘racha’, à tarde” (REVISTA SEIVA, nº 05, 1964, p.36). Sentia-se a falta na ESAV de atividades físicas que permitissem aos alunos sair da rotina diária dos livros. Desta forma, a obrigatoriedade do incentivo ao esporte encontrado no regulamento de 1927 e a falta de uma Educação Física na Escola foram as principais causas da criação de um local específico para que acontecessem tais atividades.

Kümmel foi um dos militares presentes na ESAV neste período. Outros contribuíram para o progresso do esporte na instituição, incentivando-o junto à comunidade esaviana, além de exercerem a função principal de levar aos alunos o serviço militar obrigatório³ que se instalou na instituição desde sua origem.

As fontes indicam que foi devido à cooperação e entusiasmo de diversos técnicos, como Kümmel, que o esporte esaviano se manteve forte e coeso nas competições que disputavam. Entretanto, mesmo com a boa vontade e bom trabalho dos técnicos não-especializados⁴, começou-se nos anos finais da década de 30, a notar a falta de um técnico especialista, com formação superior:

De 1938 para cá o nosso esporte tem mantido graças à incomum boa vontade (...) e auxílio espontâneo de alguns professores como Kümmel, Pimenta, Raimundo Farias e outros, que dentro do âmbito de seus conhecimentos não especializados, conseguiram resultados naturalmente satisfatórios. (REVISTA SEIVA, nº 11, março/abril de 1943)

³ Esclareço que as fontes indicam a existência de um serviço militar obrigatório na instituição, entretanto, não foi possível compreender como se materializava esse serviço, seja com relação aos espaços, as ações, etc.

⁴ Quando falo em técnico não especializado refere-se a pessoas que não tem formação para trabalhar com as diferentes modalidades, já que nesse momento já tínhamos formação em Educação Física na Escola de Educação Física do Exército.

Agradecidos pela colaboração dos técnicos anteriores, alunos e professores da ESAV sentiam a necessidade de uma orientação esportiva especializada, que pudesse contribuir para elevar ao máximo as potencialidades dos esavianos a ponto de alcançarem mais glórias e glórias nas competições esportivas. Tal necessidade crescia cada vez mais com o tempo, chegando a ganhar vultosas proporções, sendo encontrada uma solicitação ufanista nas páginas da Revista Seiva (nº 11, 1943) da época: “A presença de um técnico esportivo num seleiro de atletas como é a ESAV, é tão imprescindível quanto a de oxigênio para os seres vivos”.

Observa-se que o técnico especializado era entendido como a salvação da glória esportiva esaviana, sem a qual tal prática ficaria estagnada ou definharia a ponto de perder aqueles potenciais atletas que a escola possuía, os quais na ausência de um especialista para orientar, não conseguiriam fazer aflorar toda sua capacidade a ponto de elevar o nome da ESAV ao topo do cenário esportivo.

A década de 40 foi importante para o esporte na ESAV. Contratou-se um técnico formado em Educação Física – Sílio Carlos Pereira; criou-se uma maior organização do esporte através da criação da Associação Esportiva Esaviana; equipou-se o departamento de esporte com recursos materiais e humanos – por exemplo, um médico especialista; reformou a praça esportiva, cimentando as quadras de basquetebol e colocando tabelas com novos formatos, como tinham lançado nos Estados Unidos naquele período; enfim, foi um período de muitas inovações no meio esportivo esaviano com o intuito de saírem da estagnação nas suas performances, buscando sempre vencer os adversários, elevando o nome da ESAV por meio do esporte.

Iniciativa das mais auspiciosas, idealizada pelo nosso mais popular esportista – Cincinnatus (...) a campanha do cimento há de ser como que um marco que passará à história da ESAV, como um exemplo vivo do que pode esse desejo sadio de querer servir à ‘Alma Mater’ (...) Um simples campo cimentado, verdade, mas uma quadra, que por ser de cimento, resistirá enquanto nos mantivermos sob o teto desta grande casa (...) Que todos,

portanto, procurem cooperar nessa feliz iniciativa para que, ao regressarmos no próximo ano, possamos encontrar concretizado esse ansioso desejo dos nossos entusiastas do basket-ball. (REVISTA SEIVA, nº 02, 1940, p. 32).

Observa-se que a cimentação das quadras de basquete era compreendida como uma ação em prol da “alma mater” – ESAV. Contribuir com tudo que elevasse o nome da instituição era um dos lemas dos alunos, portanto Cincinnatus lançou a campanha do cimento que consistia em arrecadar material para cimentar as quadras de basquetebol. Tal estrutura permitiria uma melhor prática da modalidade, fazendo-se necessário para o progresso do esporte naquele estabelecimento:

A melhor notícia que temos é sobre a campanha do cimento [...] graças a colaboração de todos aqueles que souberam compreender as necessidades de nossa organização esportiva, há determinada a cimentação de uma das quadras de basket. Para o melhoramento ser completo surgiu o desejo de se ter campo iluminado e as providências estão sendo tomadas. Com as recentes modificações por que tem passado o basket-ball as tabelas passaram de sua forma retangular para de leque. Este novo tipo de tabelas, desde há 3 anos está sendo estudado nos Estados Unidos e acaba de ser oficializada naquele país [...] (SEIVA, nº 03, pg. 32, 1941).

Nota-se que não apenas a cimentação era entendida como importante, mas também a iluminação das quadras e a troca das tabelas pelos novos modelos já existentes nos Estados Unidos para a maior organização esportiva na instituição. As tabelas nos indicam, novamente, a influência estrangeira na construção e consolidação do esporte esaviano, mostrando sua instalação como sinônimo de progresso esportivo.

A piscina revela um fato à parte. Na construção da praça esportiva em 1931, não havia a presença de uma piscina. Nadavam numa lagoa que havia na escola, sem participarem de competições regionais uma vez que não existia a prática com regras e equipamentos próprios.

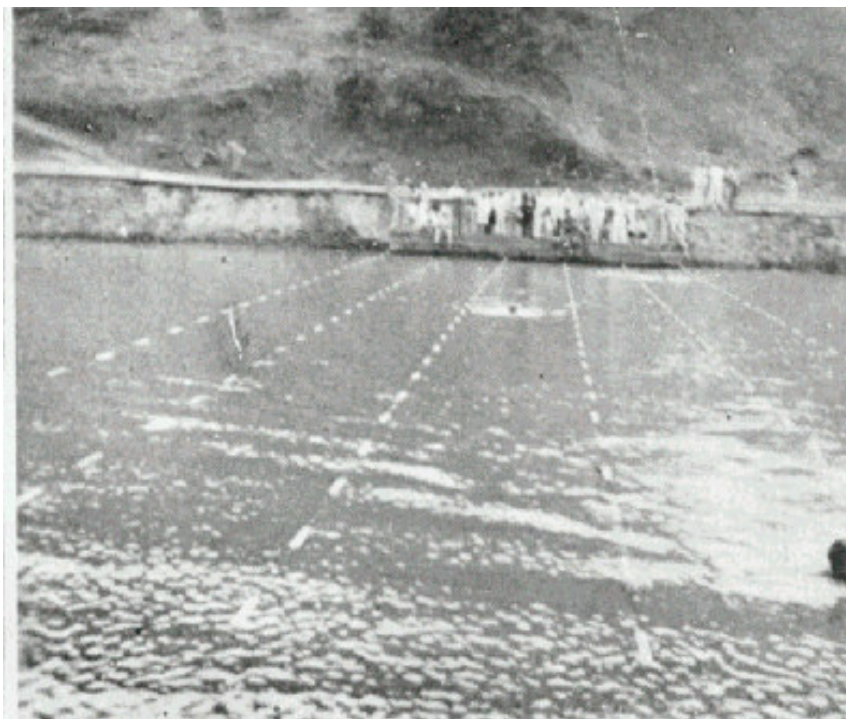


Figura 23: Lagoa onde aconteciam as provas de natação
Fonte: “ESAV 1939”

Porém, na década de 40, quando aflora a busca por uma maior organização do campo esportivo, tem-se uma maior cobrança também na busca da construção da piscina. Em 1945, as páginas do primeiro periódico (JORNAL O BONDE, nº01, 1945, p.03), nos mostram que “estão adiantados os trabalhos de construção da piscina [...] além das turmas de operários, nas horas vagas, tem afluído ao trabalho de movimento de terra, um grupo de colegas [...]”.

Apesar de adiantada a obra da piscina, não se consolidaria rapidamente como previsto. Em 1956, 11 anos após o primeiro anúncio de que a piscina estava em “adiantado” processo de construção, encontra-se que:

Em 11 anos de existência a nossa piscina tem uma longa história. Foi começada com trabalho de alunos que fizeram o desaterro para receber o arcabouço de concreto armado conforme o Bonde, em 1º de setembro de 1945 (...) a Piscina não tem passado de um impassível buraco para bater e secar feijão. Há 4 anos atrás foi feita uma ameaça de conclusão, que não passou de uma camada de massa para impermeabilização. (JORNAL O BONDE, nº177, 1956, p.02)

Nota-se que a piscina por um longo tempo não foi finalizada, ficando no plano das idéias e propostas⁵. A falta desta estrutura contribuiu para que a prática desta modalidade fosse deixada de lado:

Não concorreremos também a esta prova. Infelizmente não temos uma piscina para a prática deste salutar esporte. O que se vê nos prospectos de propaganda da Escola, sob a alcunha de piscina, não passa de um tanque condenado, paraíso de bactérias. Porém, correm rumores que, em futuro próximo, teremos uma [...]. (REVISTA SEIVA, n°17, 1944, p.34)

Observe que a falta de uma piscina nos moldes esportivos foi vista como o motivo para a inexistência de equipes preparadas para competições nessa modalidade. No entanto, o fato da inexistência de uma piscina não impossibilitou a prática desse esporte, a qual acontecia freqüentemente na lagoa localizada nas dependências da instituição.

Nota-se que a Escola teve uma vida esportiva muito ativa, principalmente porque professores, alunos e funcionários da instituição compreenderam que o fortalecimento da prática esportiva era uma forma de solidificar os valores modernos, civilizados, esperados pela instituição, assim como formariam um cidadão mais completo: com corpo de atleta e uma mente de sábio – este era o ideal que a Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa almejava, e o esporte em muito contribuiu para a propagação deste ideal.

3.3 ESPORTE E ESPÍRITO ESAVIANO

Observa-se que a ESAV nasce compreendendo a prática corporal como importante elemento na formação do esaviano. Nos 4 anos iniciais da instituição, a formação corporal se dava através da ginástica e da instrução no serviço militar, além de práticas

⁵ As fontes não nos indicam ao certo o local, quando ou se foi concluída esta obra.

diversas que aconteciam sem grandes organizações ou obrigações. Em 1931, temos a institucionalização da obrigatoriedade da Educação Física, o que nos mostra a oficialização da inclusão de práticas corporais dentro da instituição. Cabe-nos uma pergunta: De que práticas corporais estamos falando? Qualquer uma? Logicamente que não.

A instituição propagaria práticas corporais que estivessem alinhadas com os ideais que a Escola estava almejando, portanto, seriam “lícitas”⁶ na instituição, a prática de ginástica – que se torna obrigatória nos cursos de graduação – e as modalidades esportivas, assim como os jogos modernos. Os jogos populares foram delegados aos dias de festas ou feriados, sendo pouco a pouco extinto, até mesmo nessas datas festivas.

No início das atividades da ESAV, era a ginástica obrigatória para todos os cursos. O preparo físico era a base da formação do homem, não apenas para a prática dos esportes, mas para suportar os embates árduos da luta pela vida. Compreendia-se, naquele tempo, que a ginástica tem por fim desenvolver as convenientes práticas ou exercícios nos alunos, levando-os a adotar o hábito de exercitar, de modo a que o corpo se desenvolva, mantendo vigor e vitalidade, por fim dar aos participantes atitudes de compreensão da necessidade de recreação e exercícios sistemáticos, jogos ou desportos; tem por fim prevenir e remediar atitudes viciadas ou defeitos corporais corrigíveis pelos exercícios; tem por fim ocasionar a prática de solidariedade, da compreensão do valor do grupo, do respeito à regras de uma atividade conjunta. E isto não é só Educação Física: É Educação cívica no melhor sentido da expressão. Tem por fim apresentar ao jovem a oportunidade para o exercício da lealdade consigo e para com os outros; para o esforço porfiado no sentido de vencer vencendo-se a si mesmo; para estima da limpeza do corpo e do espírito, para a disciplina pronta e consciente; para a iniciativa, para a coragem, para a modéstia, para a tolerância, para o valor. E tudo isso é Educação Moral. (REVISTA SEIVA, n. 39, 1952, pg 74)

A Educação Física, Cívica e Moral, aliada à formação intelectual que a instituição possibilitava, constituía a formação integral esaviana. A ESAV estava alinhada com os pensamentos do período histórico, acreditando na tríade spenceriana como solução para formar um indivíduo inteligente, sadio, forte, livre das moléstias do período histórico.

⁶ Novamente afirmo que não tenho indícios de uma proibição explícita, mas de uma resistência cultural, em que as pessoas passaram a vivenciar apenas as práticas esportivas e jogos modernos naquele espaço que queria se fazer moderno, civilizado.

Nesse sentido, a ginástica foi a prática escolhida como essencial para a formação física básica do homem esaviano. Acreditava-se que através da ginástica poderia solucionar desvios corporais corrigíveis pelo exercício, formando um aluno sadio e forte. Como afirma Vago (2000), a ginástica foi introduzida nas escolas “(...) na crença em suas possibilidades de transformar os corpos das crianças, representados como raquíticos, débeis e fracos, em desejados corpos sadios, belos, robustos e fortes”. Pensamento que pode ser estendido a jovens e adultos que também faziam parte desse contexto que queriam modificar através da formação do corpo do homem brasileiro.



Figura 24: Aula de Educação Física, com o instrutor Kümmel, em 1934.
Fonte: Acervo Fotográfico da Universidade Federal de Viçosa

É importante termos em mente que a força física era compreendida como essencial para a formação do esaviano, uma vez que seu trabalho nem sempre era leve, tendo este que estar preparado para o trabalho pesado da vida agrícola: “Um corpo forte, flexível, ligeiro e dócil, é já, em si, um valor da mais alta estima; uma vontade firme, disciplinada,

pertinaz, é o complemento” (REVISTA SEIVA, nº35, 1951, pg. 45). Além da força física, acreditava-se que a disciplina e a vontade de lutar pela instituição eram valores essenciais para sua formação.

Apesar de a ginástica ter sido escolhida como a prática obrigatória da instituição, as práticas esportivas eram as que detinham maior prestígio frente aos alunos. O futebol, basquete e atletismo eram as modalidades que mais chamavam a atenção e tinham a participação de professores, alunos e funcionários na composição das equipes.

O que chamo de jogos modernos não eram vistos pela instituição como algo que contribuiria para o fortalecimento do corpo, para a disciplina, mas como uma prática compensatória, que contribuiria para o descanso dos alunos depois do exíguo trabalho intelectual. A formação do corpo ficava a cargo dos esportes modernos.

Todo esse quadro de práticas autorizadas vai contribuir para a consolidação dos valores da Escola, pois é através do esporte que o espírito esaviano vai ganhar caminho para atingir o coração e a mente dos esavianos, constituindo-se numa importante prática que contribuirá com a instituição no alcance dos seus objetivos.

Conforme mostrado anteriormente, a ESAV nasce com um quadro docente oriundo de diversas partes do país e do mundo; fato que influenciou na implantação de algumas práticas esportivas na Escola, assim como a permanência de muitas delas. Para esclarecer esse fato, temos o professor B. T. Snipes que – oriundo dos Estados Unidos - trouxe consigo os valores almejados pela Escola:

Há quatro anos, chagava para o magistério esaviano o Dr. B. T. Snipes, que rapidamente grangearia a amizade de todos os Esavianos. Perfeito atleta, tomou a si a direção do nosso quadro de bola ao cesto tornando-o forte e coeso. Como professor, impôs-se de sólida cultura e extraordinária capacidade de ensinar. Agora, porém, o cumprimento do dever chama-o de volta ao seu país para incorporar-se ao Exército Norte-americano”. (Dr. Raimundo Faria – Médico Esportivo da ESAV. In: Revista Seiva, nº 02, 1940, p. 34.)

Para Dr. Raimundo Faria, o período áureo do basquetebol na Escola se deu com a chegada do Dr. Snipes. Como excelente atleta, atuou defendendo as cores da Escola, disseminando a prática entre os alunos e funcionários. Somente abandonou a instituição para voltar a seu país de origem, para defender o exército norte-americano. Esse sentimento de defesa à Pátria pode ser observado na ESAV, sendo Pátria entendida como a própria instituição:

[...] cabe tão somente a nós mesmos. Cooperando com tudo aquilo que sirva para engrandecer o nome da ESAV; deixando de lado, nessas ocasiões, a mesquinhez das diversões mundanas, poderemos, com orgulho, dizer que reforçamos aquele esteio prestes a ser derrubado, e que aquele espírito que regia os que antes se assentaram nos bancos que hoje ocupamos continua inabalável, para maior glória desta Mãe carinhosa que, dêste modo, mais se orgulhará de seus filhos. (JORNAL O BONDE, n° 82, 1948, p. 02.).

A defesa da Pátria ESAV, da mãe carinhosa, da “alma mater” constitui um dos valores do Espírito Esaviano. Observamos a necessidade de juntar forças de modo que possa convergir na realização de tudo que contribuísse para fortalecer o espírito que sustentava o nome da Escola, elevando-a a vários lugares do país como uma instituição importante no cenário nacional. Esse sentimento de defesa das cores da instituição também estava presente nos esportes, o que nos indica uma relação entre Espírito Esaviano e esporte:

Haverá competições este ano se os atletas tiverem o propósito de defender com ardor as cores da ESAV [...] E certamente o ardor de nossos competidores, a fibra excelente de seus músculos, não se há de deixar dominar pela fadiga (REVISTA SEIVA, n.º05, 1941, p. 35).

Havia uma preocupação constante com a vitória. Acreditavam que defendendo as cores da Escola nas competições, estariam defendendo a própria ESAV. Os atletas eram vistos como pessoas geneticamente privilegiadas, possuidores de excelentes músculos que nunca se deixariam abater pela fadiga. A competência observada no tratamento do atleta nos mostra mais uma vertente do Espírito Esaviano, revelando que o mesmo estava presente nas práticas esportivas.

O professor José Cândido também se destacou no meio esportivo. Brillhante atleta, defendeu por muito tempo as cores da Escola. Ex-aluno, tornou-se docente logo ao formar-se, sendo enviado posteriormente para treinamento no exterior: “José Candido ao se formar, ficou como professor de Zoologia desta Escola e, como tal, foi mandado a estudar nos EUA, onde conseguiu em tempo Record o Ph.D [...]” (PAVAGEAU, 1991, p.05). Privilegiado pela formação recebida na instituição, destacou-se em seu treinamento como docente, conseguindo em tempo recorde o título almejado, demonstrando a liderança e a competência transmitida pela ESAV como valores do Espírito transmitido na Escola.

Não foi por acaso que o esporte tornou-se importante na ESAV. Ele possuía valores modernos que estavam alinhados com o objetivo da instituição. Numa matéria da revista Seiva, encontramos: “Na prática de esportes é que aprendemos, com mais propriedade [...] a nos controlar, a sermos mais disciplinados e é onde encontramos a oportunidade de nos transformarmos, *milagrosamente*, em indivíduos fortes e sadios” (REVISTA SEIVA, nº. 8, 1942, p.32).

Observem que o esporte era compreendido na instituição como o instrumento purificador, como milagre necessário para formar o esaviano forte e sadio. Esses valores podem ser vistos claramente numa descrição sobre como acontecia uma partida de basquete nos momentos de descanso dos alunos. Nesses momentos, a função não era simplesmente descansar dos problemas diários, dos trabalhos intelectuais, mas também se constituía num espaço de formação moral, física e cívica, que tanto era trabalhada na instituição:

“Como sempre, os campos de basquete são os mais freqüentados. Ali estão assiduamente, após as aulas, os amadores do esporte, usando dos 60 minutos de que dispõe para esquecer um pouco os livros, as provas, sabatinas e trabalhos práticos acumulantes. Os mais ‘secos’ são os primeiros a chegar. Apanham as bolas e começam logo com o grito característico dos campos esavianos – ‘olha racha’... e ‘falta um’. Com poucos momentos chegam os ‘pirús’ e, quando completam 10, dois dos mais ‘sedentos’ param a bola, organizam os times segundo a chapa do ‘par ou ímpar’ e começam a peleja... Peleja não, vamos dizer melhor, a ‘pelada’ porque para eles não é necessário juiz. É a consciência que manda. São 10 jogadores juizes. Treinam basquete

e treinam lealdade... Se um time ficou mais forte; permutam-se dois ou mais jogadores equiparando os quadros. E o jogo prossegue até que, cançados, um sugere – ‘Vamos a melhor das três para acabar... – vamos..., todos apóiam a uma só voz. Fazem-se as duas ou três cestas e, acabou-se o ‘tempo’. (REVISTA SEIVA, nº 05, 1941, p. 33).

Mesmo o esporte sendo colocado como prática responsável por aliviar as tensões criadas pelos inúmeros trabalhos teóricos dos alunos, nota-se que não era qualquer prática. Tratava-se de uma partida de basquetebol embutida de valores almejados pela sociedade esaviana, estampada na não necessidade da presença de árbitros, na lealdade dos alunos, como fator para o bom andamento do jogo.

Nota-se a presença da igualdade, que se traduzia na permuta de jogadores para tornar o jogo mais justo. A organização ficava a cargo dos próprios alunos, para os quais era a consciência que mandava nas suas ações. Como não poderia deixar de ser, a harmonia e o companheirismo entre os jogadores estavam presentes, decidindo juntos, o momento certo de parar, sem desavenças e individualismo. Ressalto que entendo esse discurso sobre a partida de basquetebol como sendo uma representação do tipo de esaviano que se queria no período, não permitindo afirmar que o aluno da Escola possuía todas as qualidades veiculadas nessa partida de basquetebol.

Sobre as diferentes competições que aconteciam na Escola, veiculava o pensamento de que o atleta deveria dar o melhor de si para vencer uma partida. Entretanto, se não fosse possível, aceitar a derrota seria uma atitude nobre e esperada para o aluno esaviano. Não bastava ganhar, era necessário saber perder. Várias pessoas vão escrever nos periódicos que o esporte será importante porque possibilitará vivenciar situações que podem ser encontradas na profissão, assim como vitórias e derrotas.

Contamos com sua fibra, com o seu entusiasmo, e com sua educação esportiva; a ESA exige isto de você, que não pode desapontá-la. Ela quer mais vitórias para as páginas de sua história esportiva. Entra em campo, com a mente voltada só para a vitória, mais se esta não surgir saiba também perder, pois é uma grande qualidade (JORNAL O BONDE, nº130, 1953, p.05)

A educação esportiva constituía uma vertente propagada pela instituição. Sempre quando jogadores não estavam empenhados na defesa das cores da Escola, ou estavam em desarmonia entre companheiros, eram sempre chamados atenção por meio dos periódicos, de modo que pudessem “corrigir” seus erros e defeitos para que o esporte tivesse louvor. Da mesma forma acontecia com o Espírito Esaviano, sempre sendo cobrada dos alunos a dedicação máxima à harmonização das relações e das ações:

Por que antigamente o esporte da ESAV era falado por toda parte? Será que tinha homens fisicamente mais formados que hoje? Duvido! O que havia era cooperação e entusiasmo. Era disciplina e a vontade de vencer. É disto que precisamos! Não é com brigas e insultos que se pratica o esporte. A cooperação, o incentivo e o respeito para com os outros, são fatores primordiais para conseguirmos vencer (...) Assim teremos vitórias e a reabilitação do esporte na ESAV será uma realidade. (JORNAL O BONDE, n.136, 1953, p.03).

A cooperação, entusiasmo, disciplina e vontade de vencer eram valores muito propagados, contribuindo na formação do Espírito Esaviano, o qual pairava pelos corredores e campos formando a alma dos que ocupavam os espaços na instituição, buscando criar um clima de harmonia, sintonia, de modo que todos dessem o melhor de si para que a instituição alcançasse o progresso esperado.

Vençamos, sendo porém preciso trabalhar com ânimo, com boa vontade, pondo de lado toda e qualquer paixão, assim como rancores pessoais, para assim com um espírito são, junto a um bom preparo físico, fazermos com que o nome da ESAV, que já é conhecido pelos seus trabalhos intelectuais, tenha suas fronteiras dilatadas também pelas suas conquistas esportivas. (JORNAL O BONDE, n.33, 1946, p.03)

Pode-se perceber que a Escola buscava sua projeção esportiva, assim como teve a projeção intelectual, sendo necessário, para isso, que os atletas entrassem em harmonia, sem brigas ou rancores e dessem o melhor para que o esporte brilhasse nas competições em que a Escola participava.

Temos que compreender, que ao eleger o esporte como uma importante prática que divulgaria a instituição, a mesma estava correndo um grande risco. Comprendemos que o esporte, assim como ele trabalha valores que são associados à modernidade, à civilidade, podendo, portanto, contribuir com a ESAV; esse mesmo esporte traz valores que não estão compatíveis com o que se espera, como desavenças, violência, brigas, conflitos. Portanto, encontramos várias passagens de desarmonia, brigas, violências:

[...] Quanto à formação do time que deve representar a Escola este ano, é preciso e espero que cessem as desavenças que tem havido nestes últimos dois anos, e também acabar de todo com mascarados e chorões no seu meio. Um quadro de futebol precisa de harmonia para que possa sempre enfrentar seus adversários sem vacilações, e um bom conjunto é o élen de inúmeras vitórias. (JORNAL O BONDE, n°14, 1946, p.03)

Os alunos que viveram os anos finais da instituição – enquanto ainda era denominada ESAV - estavam constantemente fazendo alusão às glórias esportivas dos esavianos do passado. Para eles, havia uma maior determinação, brio, comprometimento dos alunos e professores do passado com a defesa das cores esavianas; sendo necessário que os atuais esavianos acordassem para a prática esportiva, pois a mesma era compreendida como uma parte essencial do sucesso da instituição até aquele momento.

A este clamor, para os alunos do presente, segue o fato da atividade esportiva ter regredido muito em termos de volume de praticantes. A primeira década da instituição foi o período de maior prestígio do esporte na Escola, sendo que após esse período, temos uma diluição de sua prática, a qual foi acompanhada de campanhas de alunos e professores na busca por instaurar a força esportiva que entrava em decadência:

Não devemos deixar que as nossas gerações do passado suplantem a do presente. Precisamos restituir à ESAV os galardoes de glória que dela recebemos e não estamos sabendo manter. Para isso, basta apenas que os alunos atendam aos nossos apelos: Rumo aos campos de esportes. Façam de suas horas vagas um motivo de orgulho para nossa Escola. (REVISTA SEIVA, n.39, 1952, pg. 74)

Manter as glórias que receberam do passado: esse era o objetivo dos alunos nos anos finais da ESAV. A instituição, desde seu início, teve uma ampla atuação esportiva, de todos os setores: alunos, professores e funcionários; e nesse momento – últimos 5 anos de ESAV (1943-1948) – o esporte já se encontra em decadência, o que já começava a ser sinalizado nos finais dos anos 30 quando assinalavam a falta de um técnico especializado para melhorar a performance.

Contudo, os esavianos acreditavam que se os alunos destinassem suas horas vagas à prática esportiva, retornariam a adquirir o prestígio nessa área, que a instituição um dia possuiu, fazendo com que a mesma ficasse orgulhosa em reanimar uma parte da educação que muito contribuiu na formação dos que passaram pelos bancos da instituição nas décadas de 20 e 30.

Esse decréscimo da importância dedicada ao esporte nos momentos finais da ESAV provavelmente está relacionado ao retorno dos professores estrangeiros para seus países de origem, que deixavam aqui as práticas que traziam, mas lavavam o espírito esportivo que muito contribuía para a manutenção do esporte na instituição. Havia alunos, professores e demais funcionários, mas faltava o sentimento de identidade que foi tão trabalhado nos momentos iniciais da instituição.

Fica clara a importância do Espírito Esaviano e do esporte como partes essenciais da cultura escolar esaviana na contribuição da formação dos valores que a instituição acreditava ser fundamentais à formação do aluno. Não tenho a pretensão de assegurar que foram os únicos que contribuíram na formação da identidade esaviana tão procurada, nem tampouco estou a afirmar que conseguiram plenos êxitos, homogeneizando os diferentes comportamentos, valores, hábitos presentes em seu momento inicial. Entretanto, compreendo que o esporte foi fundamental para consolidar e propagar o Espírito Esaviano, veiculando uma

moral e sentimento de identidade institucional, sendo também responsáveis pela consolidação da instituição ao longo dos 22 anos de ESAV.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho busquei mostrar que o Espírito Esaviano foi um importante dispositivo para que a instituição se firmasse como representante educacional de formação no campo agrário. A prática esportiva, juntamente com a veiculação dos periódicos, das reuniões gerais, das festas existentes, contribuiu com a consolidação e propagação desse Espírito – uma tradição inventada, que nasce na ESAV como forma de criar uma unidade, uma identidade, um engajamento, para que a instituição se consolidasse no cenário educacional agrário nacional.

Para entender a importância do Espírito Esaviano e do Esporte na instituição, cabe tecer algumas análises que me guiaram a essa compreensão.

É importante compreender que a instituição teve sua origem com base na política governamental de Arthur Bernardes, portanto, trata-se de uma ação política que visava fortalecer o Estado de Minas Gerais no campo agrário, modernizando a agricultura como forma de utilizar, da melhor forma, a enormidade de terras férteis existentes em Minas Gerais no momento histórico.

Ao almejar essa modernização da agricultura, foi contratado um norte-americano, Peter Henry Rolfs, que chegou com a função de fundar e dirigir uma instituição nos moldes dos Land Grant Colleges, existentes nos Estados Unidos há quase meio século. Como havia sido professor na Universidade da Flórida, com profundo conhecimento no campo agrícola, Peter encaminhou a missão que foi delegada a ele pelo presidente de Minas Gerais, Arthur Bernardes.

Nasce, assim, a Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV), localizada em Viçosa, Minas Gerais. Para ser ícone de progresso agrícola, a instituição se pautou no método do “aprender fazendo”, no ensino “teórico-prático” que eram diretrizes educacionais importantes do modelo norte-americano.

Nesse caminho de compreensão da origem da ESAV, inserindo seu surgimento num contexto mais amplo, tornou-se fundamental compreender o pensamento educacional do período republicano, já que sua gênese encontra-se nesse período. Buscando autores que escreveram nesse momento histórico, pude perceber que a educação prática estava sendo pensada e amplamente discutida nesse contexto, me levando a compreender que a ESAV nasce pautada num modelo educacional que valorizava esse tipo de educação, numa sociedade que começava a almejar uma educação voltada para a aplicação no trabalho. Portanto, observei que a instituição nasce num momento que era propício para que lançasse suas bases.

Entretanto, pensava que somente ter nascido nessa ocasião favorável para sua propagação não era o bastante para que lograsse êxito no campo agrário. Além do mais, compreendi que o período republicano fazia-se caótico e instável, um período de grande desorganização e insatisfação popular com a nova forma de governo, no qual o brasileiro é visto como malandro, sem força, sem garra, fraco, raquítico, mole, doente, enfim, um verdadeiro “Jeca Tatu” na expressão de Monteiro Lobato.

Percebendo isso, sabendo que a instituição teria alunos que estavam imersos nesse ambiente republicano, observei que seria necessário moralizar esse aluno, ou seja, formar a moral com base numa nova dimensão do trabalho, além de valores modernos de comportamentos, atitudes e hábitos.

Quando iniciei a pesquisa já estava ciente de que a instituição foi importante no cenário agrário, entretanto, não tinha claro quais foram as principais ações que contribuíram para que a ESAV conseguisse se firmar no âmbito da ciência agrária, quais práticas

contribuíram para a formação da moral esaviana que tão importante foi na consolidação do conhecimento transmitido pela mesma.

Ao tentar compreender o contexto esaviano de sua criação, inicialmente busquei compreender a presença dos recursos humanos que formaram a instituição em seu início. Os professores vieram de países europeus e dos Estados Unidos, e de várias regiões do Brasil. Os alunos, na sua grande maioria, eram nascidos em Minas Gerais, nas regiões interioranas. Os funcionários, na maior parte, eram de Viçosa e regiões vizinhas. Esse quadro de pessoas que inicialmente ocuparam a ESAV portavam diferentes comportamentos, valores, hábitos, práticas; muitas das quais não estavam alinhadas com o padrão de modernidade em que a Escola propunha a constituir-se.

As fontes mostram que era preciso homogeneizar discursos, ações e comportamentos desses esavianos que habitam a Escola em seu início, se quisessem que todos lutassem em prol do crescimento da instituição. Para isso, surge o Espírito Esaviano como elemento que contribuiria com a criação de uma identidade na instituição. Ficou claro que a intenção não era formar uma identidade nacional como se fez na Primeira República que retratei no primeiro capítulo, ou como fizeram os Estados Unidos no pós-independência ao lançar o slogan “América para os americanos”; mas visavam criar uma identidade local, institucional, para que discentes, docentes e demais funcionários contribuíssem com o melhor que pudessem para engrandecer o nome da ESAV. É nesse sentido que compreendi a função do Espírito Esaviano na instituição: formar as almas esavianas.

Esse Espírito Esaviano transitava pela instituição como a função de formar moralmente todos que faziam parte da Escola, propagando valores como: solidariedade, amor à instituição, honestidade, liderança, humildade, constituindo alicerce para a formação cidadã que a instituição acreditava ser importante para o profissional que estava sendo preparado por ela.

Tamanho foi o esforço para que se cumprisse tal tarefa, que a instituição surge tendo em seu regulamento a inclusão de uma reunião geral semanalmente; entretanto, quando se iniciam as aulas, observa-se em outras fontes, que as reuniões gerais aconteceram diariamente como forma de inculcar nos esavianos, princípios, valores, comportamentos, que buscavam criar o chamado Espírito Esaviano; permitindo questionar a frequência semanal, mostrando que deveria ser destinado mais tempo do que o previsto, já que o trabalho deveria ser intenso devido às resistências encontradas entre os esavianos.

Juntamente com as reuniões gerais, que se estendiam aos alunos e aos funcionários, temos outros instrumentos de propagação do Espírito Esaviano, como: festas nos finais de semana, em feriados nacionais; o surgimento de dois periódicos – Revista Seiva e Jornal O Bonde; ações para que se formasse uma atmosfera representando um clima de identidade da forma que todos os esavianos se vissem na função de contribuir com o melhor que pudessem para consolidar a instituição.

Outra forma de propagação desse espírito foi através do esporte, que se fazia um lugar particular de trabalhar valores de liderança, cooperação, honestidade e todos outros valores presentes no que aqui é denominado de Espírito Esaviano.

Desde os momentos iniciais temos a prática esportiva na instituição, entretanto, observei que a variedade de práticas na Escola tem uma íntima relação com a diferença cultural apresentada pelas pessoas que vieram ocupar a instituição nos seus momentos iniciais. Desta forma, compreendo que juntamente com professores de vários países e diferentes locais do Brasil, e alunos de vários Estados brasileiros vão surgir na ESAV diferentes comportamentos, valores, hábitos e práticas, entre as quais, as esportivas.

Observando um periódico – Jornal de Viçosa – que compreende o período anterior a ESAV até seus momentos iniciais, observei que não existia prática esportiva na região de Viçosa além do futebol. Fazia-se uma prática com pouca importância na página do periódico,

acontecendo esporadicamente. Entretanto, ao iniciar as atividades esavianas, encontram-se diferentes práticas que me permitem inferir que seja proveniente dessa riqueza cultural que se constitui a ESAV em seu início.

O esporte na instituição possui duas funções distintas, que caminham paralelamente: 1) contribuir com a formação do corpo do esaviano, pois seria necessário um corpo forte, ágil, sadio para executar o trabalho agrário; 2) propagar valores almejados pela instituição, tais como: cooperação, liderança, defesa das cores esavianas, honestidade, entre outros, contribuindo com a formação moral do esaviano.

Ao pensar nesses valores propagados pelo esporte, veio-me duas indagações: Quais práticas esportivas serão institucionalizadas? Todas? na verdade, não. Apesar da quantidade de prática esportiva encontrada na instituição, nem todas se enraizaram nela. Anteriormente, havia mostrado que a instituição nasce pautada numa idéia modernizadora de agricultura, de civilização; portanto, as práticas que ocuparão lugar de destaque serão aquelas que mais se assemelham aos valores modernos almejados pela Escola.

Nessa esteira, observei que os esportes modernos foram os mais incentivados e praticados na instituição; seguidos pelos jogos modernos, os quais serviam para descansar os alunos do trabalho intelectual que a instituição transmitia através das disciplinas da grade curricular. Não encontrando seu lugar para serem praticados, temos os jogos populares, que por muito tempo ficaram restritos aos feriados nacionais, além dos jogos de azar, que eram terminantemente proibidos por regulamento, provavelmente por incitar a trapaça que não fazia parte dos valores almejados pela Escola.

Ainda com relação ao esporte, encontrei o futebol americano, que como as fontes indicam, também não encontrou seu lugar. Apesar de ser um esporte moderno, podemos entendê-lo como violento, com regras muito particulares que não chamou a atenção dos

praticantes esavianos, fazendo com que o mesmo fosse extinto daquele meio, ou ficasse delegado a pequeno número de participantes.

Entretanto, para fazer a análise sobre os esportes, me baseei nos periódicos existentes no momento e nos documentos históricos. Os periódicos foram a Revista Seiva e Jornal O Bonde, os quais eram escritos pelos alunos, não tendo, portanto, censura quanto ao que seria publicado. Nesse sentido, as práticas esportivas que encontrei nas páginas dos periódicos são as que podemos considerar as mais relevantes naquele ambiente. Contudo, não posso afirmar que não havia outras atividades físicas ou que as práticas populares ou o futebol americano, não aconteciam, mas afirmo que devido a sua pequena importância naquele ambiente, não eram divulgadas, não sendo vistas como importantes naquele lugar.

Nesse sentido, compreendi que o esporte foi importante na materialização Espírito Esaviano e juntos foram importantes na difusão de valores que estavam sendo almejado pela instituição. Observei no decorrer da pesquisa que esporte e Espírito Esaviano não atuavam isoladamente, mas existia uma íntima relação quanto aos princípios que eram transmitidos pelos dois, principalmente porque compreendo o Esporte como uma prática que contribuiu com a consolidação e propagação do espírito existente na comunidade esaviana. Portanto, cooperação, honestidade, liderança, defesa das cores da instituição, eram valores que perpassavam as discussões encontradas nas fontes, seja quando se refere ao Espírito Esaviano, seja quando se refere ao Esporte.

Portanto, a propagação desses valores foi importante para criar na comunidade esaviana um sentimento de identidade, de engajamento, no sentido de contribuir para que a instituição sobressaísse no cenário nacional. Logicamente não foram totalmente absorvidos pela comunidade esaviana, mas não podemos deixar de considerar a importância deles na constituição do profissional formado pela instituição.

Compreender a importância do Espírito Esaviano e do Esporte nesse cenário não se deu sem obstáculos, imprevistos. A maior limitação desse trabalho, assim como de muitos trabalhos no campo da historiografia da educação, está relacionada ao arquivo onde se encontram as fontes.

A maioria das fontes que permitiram esse debate encontra-se no Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa, sem uma catalogação adequada, dificultando o acesso a documentos que poderiam contribuir no esclarecimento de fatos que não ficaram tão evidentes. Contudo, com a recente implantação do curso de História na Universidade – já se nota a inserção dos alunos no trato com as fontes que se encontram nesse arquivo – tenho a esperança de que novas pesquisas possam ser realizadas, trazendo fatos que não foram possíveis de serem trabalhos nesse estudo.

No mais, quando me lancei na tarefa de estudar o Esporte e o Espírito Esaviano como constituintes da cultura escolar esaviana não tive a pretensão de compreendê-los como os únicos que contribuíram para a criação de uma unidade, uma identidade local, para a solidificação da instituição. Pelo contrário, acredito que novos estudos são necessários para compreender como outras ações se constituíram naquele espaço, formando uma instituição que se projetou nacionalmente pelo tipo de ensino agrícola que ofereceu para centenas de alunos naquele período histórico.

REFERÊNCIAS

- ATHAYDE, Tristão. Política e Letras. In: Cardoso, Vicente Licínio (Org). **À Margem da História da República: Tomo II**. 2º ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, pp. 47-80, 1981.
- AZEVEDO, Aluisio. **O Cortiço**. 26 ed. São Paulo: Ática, 1994.
- BAÍÁ, A. C.. O Modelo Educacional dos Land Grant Colleges na ESAV: aproximações e afastamentos. In: **Anais do 3º Encontro de Pesquisas em Educação**. Uberaba, 2005b.
- BAIA, Anderson da C.; MORENO, Andrea; GUIDO, Humberto A. Espírito Esaviano e Esporte: Relações de Aproximação. In: **Anais do II Seminário do CEMEF – Cd-Room**. BH: UFMG, 2005a.
- BAIA, Anderson da Cunha; MORENO, Andrea; SILVA, André Luiz Santos. A Inserção da Mulher na Vida Esportiva da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa – (1926-1948). In: **Anais do XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – CONBRACE – Cd-Room** (6 páginas). Porto Alegre, 2005c.
- BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Klick, 1997.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BORGES, José Marcondes & SABIONE, Gustavo Soares (Orgs). Relatório de Construção da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais – ESAV (1929) elaborado por: LISBOA, João Carlos Bello. Viçosa: Ed. UFV, 2004.
- BORGES, José Marcondes. **Escola Superior de Agricultura: origem-desenvolvimento-atualidade**. Viçosa: Editora da UREMG, 1968.
- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES, 1997.
- BUONICORE, Augusto C. **Expansão dos EUA na América Latina: origens remotas da Alca**. 6 de Agosto de 2002. Disponível em: <http://www.imediata.com/lancedados/ALCA/Augusto%20expansEUA.html%20>, Acesso em: 10 de Set. de 2006.
- CAPDEVILLE, Guy. **O Ensino Superior Agrícola no Brasil**. Viçosa: Imprensa Universitária/UFV, 1991.
- CARONE, Edgard. **A Primeira República (1889-1930)**. São Paulo: Difel, 1976.
- CARONE, Edgard. **O Tenentismo**. São Paulo: Difel, 1975.
- CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas**. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados – o Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CARVALHO, Ronaldo. Bases da Nacionalidade Brasileira. In: Cardoso, Vicente Licínio (Org). **À Margem da História da República: Tomo II**. 2º ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981, p. 25-38.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA E VETERINÁRIA (ESAV). **ESAV 1939**. Viçosa: Editora da ESAV, 1939.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da Escola Primária e da Educação Física no Brasil: Alguns apontamentos. In: Sousa, Eustáquia Salvadora de; & Vago, Tarcísio Mauro (orgs). **Trilhas e Partilhas: Educação Física na Cultura Escolar e nas Práticas Sociais**. Belo Horizonte: UFMG, 1997, p. 43-58.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Escolarização, culturas e práticas escolares no Brasil: elementos metodológicos de um programa de pesquisa. In: Lopes, Alice C. & Macedo, Elizabeth. **Disciplinas e integração curricular: história e políticas**. Rio de Janeiro, DP&A, 2002, p. 13-36.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais – Morfologia e história**. 3ªed. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes – o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. 9ª reimpressão. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **O Método Francês e a Educação Física no Brasil: Da Caserna a Escola**. Tese de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

GONDRA, J. G. Medicina, Higiene e Educação Escolar. In: LOPES, E. M. T; FARIA FILHO, L. M. de & VEIGA, C. G. (Orgs.). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: autêntica, 2000. p. 519-550.

HOBBSBAWM, Eric. **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JULIÁ, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. nº01, p.09-43, jan-jul 2001.

LEAL, Victor Nunes Leal. **Coronelismo, enxada e voto**. 5ª ed. São Paulo: Alfa-ômega, 1986.

LEÃO, A Carneiro. Os deveres das novas gerações brasileiras. In: Cardoso, Vicente Licínio (Org). **À Margem da História da República: Tomo I**. 2º ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, p. 19-30, 1981.

- LEÃO, A. Carneiro. **O Brazil e a Educação Popular**. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1916.
- LIMA, Antonio Luiz de; et al. **UFV 70 anos: A trajetória da Escola de Viçosa**. Viçosa: UFV, Imprensa Universitária, 1996.
- LOBATO, Monteiro. **Idéias de Jeca Tatu**. São Paulo: Brasiliense, 1967.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. Métodos e fontes na História da Educação e Educação Física. In: **Anais do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Belo Horizonte: UFMG, 1996, p. 35-49.
- LOPES, Maria de Fátima. **O Sorriso das Paineiras: Construção de gênero em Universidade Rural**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O Esporte na Cidade**. Campinas-SP: Autores Associados (chancela editorial CBCE), 2001.
- MAZO, Janice Zarpellon. **A história do Centro de Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria: Um relato Cronológico**. Monografia de Especialização. Santa Maria/RS: UFSM, 1992.
- MELO, V. A. **CidadeSportiva – primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2001.
- MINAYO, M. C de S. (org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 1994.
- MIRANDA, Pontes de. Preliminares para a revisão constitucional. In: Cardoso, Vicente Licínio (Org). **À Margem da História da República: Tomo II**. 2º ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981, p. 1-24.
- MORENO, Andrea. **Do corpo e da ginástica num Rio de Janeiro: mosaico de imagens e textos**. Tese de doutorado. Campinas: Faculdade de Educação, UNICAMP, 2001.
- NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, 1976.
- NEVINS, Allan; COMMANGER, Henry Steele. **Breve História dos Estados Unidos**. São Paulo: Alfa-ômega, 1986.
- NOGUEIRA, José Antônio. O ideal brasileiro desenvolvido na Primeira República. In: Cardoso, Vicente Licínio (Org). **À Margem da História da República: Tomo I**. 2ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981 p. 69-82.
- PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa – mudanças socioculturais; evolução histórica e tendências**. Viçosa: UFV, Imprensa Universitária, 1990.
- PAVAGEAU, Moacyr. **A origem da UFV, A Escola de Viçosa – memórias de um esaviano**. Viçosa: UFV, Imprensa universitária, 1991.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RIBEIRO, Fernando. **Reminiscências de uma época**. Viçosa: Ed. UFV, 1996.

RIBEIRO, Maria das Graças Marcelo. De Caubóis e Caipiras. Os Land Grant Colleges e a Escola Superior de Agricultura de Viçosa. In: **Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação**. Curitiba: UFPR, 2004.

ROLFS, Peter Henry. **Ensino Agrícola Mineiro e Brasileiro: These apresentada à Segunda Conferencia Nacional de Educação**. Rio de Janeiro: Comp. Nacional de Artes Graphicas, 1928.

SALLES, Iraci Galvão. **Trabalho, progresso e a Sociedade Civilizada: o partido republicano Paulista e a Política de Mão-de-obra (1870-1889)**. São Paulo: Hucitec, 1986

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (Org. do Volume) **História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio**. vol. 03. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.

TORRES, Alberto. **O problema Nacional brasileiro**. 4ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1982.

VAGO, Tarcísio Mauro. Cultura Escolar, Cultivo de Corpos: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). In: FERREIRA NETO, Amarílio (org). **Pesquisa Histórica na Educação Física**. vol.05. Aracruz-ES: FACHA, 2000, p.73-112.

VAGO, Tarcísio Mauro. Das escrituras à escola pública: A Educação nas séries iniciais do ensino fundamental. In: Sousa, Eustáquia Salvadora de; & Vago, Tarcísio Mauro (orgs). **Trilhas e Partilhas: Educação Física na Cultura Escolar e nas Práticas Sociais**. Belo Horizonte: UFMG, 1997, p. 59-94.

VERÍSSIMO, José. **A Educação Nacional**. 3ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985,

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas Escolares – Estudo sobre práticas de leituras na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)**. Campinas: Autores Associados, 2005.

VIÑAO FRAGO, Antonio. História de la educación e histopra cultural – posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**. nº0, p. 63-82, set-dez 1995.

Documentos Arquivados:

- *Revista SEIVA* - Analisei os 95 exemplares existentes no período de 1940 a 1985.
- *Jornal O Bonde* – Analisei os 200 primeiros exemplares do periódico, compreendendo o período de 1945 a 1955.
- *Jornal de Viçosa* – Analisei os exemplares compreendidos entre 1923 e 1928.
- Iconografia encontrada no Arquivo Central e Histórico da UFV.
- Regulamentos da ESAV de 1926/1927/1931/1947.

- Estatuto da ESAV de 1930.
Atas de 1929.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)